

A C

A C E

1 0 9 6 2 2 / 7 6

C N F

3 / 4

- celebrar convênios e contratos com entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras; e
- proporcionar meios àqueles que desenvolvam trabalhos de interesse do Instituto.

2. A sua atual Diretoria está assim constituída:

- Presidente : BENEDITO SÉRGIO DE ALMEIDA ALVES
- Vice-Pres. Cultural : ORLANDO FERNANDES
- Vice-Pres. Artístico: PAULO ROBERTO DOS SANTOS
- Vice-Pres. de Finança : HUGO SÉRGIO
- Relações Públicas : CARLOS ALBERTO MEDEIROS.

3. A entidade não possui sede própria e o seu Presidente, BENEDITO DE ALMEIDA ALVES, já obteve autorização para a compra de um imóvel para esta finalidade, cujo pagamento será feito pela FONDATION INTER-AMÉRICAINÉ - 1515 - WILSON BOULEVARD - ROSALY - VIRGINIA 22209 - USA. O limite de crédito oferecido foi de US\$ 80.000 (oitenta mil dólares).

Por não dispor, ainda, de uma sede própria as reuniões da entidade vêm sendo realizadas de forma irregular e em datas incertas, nos seguintes locais:

- INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ALEMANHA - ICBA
Av. Graça Aranha, 416/9º andar - RIO DE JANEIRO/RJ.
- Sítio de propriedade do Dr. BENEDITO SÉRGIO DE ALMEIDA ALVES - Rodovia RIO-MAGÉ - Km 14.

4. Nos dias 16 e 17 Abr 77, realizou-se na Universidade de SÃO CARLOS - SÃO CARLOS/SP, uma reunião de confraternização entre grupos de SP e RJ, cuja programação constou de a atividades esportivas e culturais.

5. BENEDITO SÉRGIO DE ALMEIDA ALVES, Presidente do Instituto, possui, até a presente data, os seguintes registros:

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0399 /19/AC/77.....Fls. 03)

- 178
- Filiação: JUVELINO DE ASSUNÇÃO ALVES e
MARIA DO CARMO DE ALMEIDA ALVES.
 - D L N : 31 Dez 48 - RIO DE JANEIRO/RJ
 - Identidade: IFP nº 860.287
 - Profissão : Engenheiro
 - Residência: Rua Almirante Tamandaré, 66/105
 - Estado Civil: Solteiro.

Atualmente é funcionário do IBGE - Rua São Jo
sé - Fonseca - NITERÓI/RJ.

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



GTC e deu vistas:
Sec. Part/PR e Ch. Gab. Civ/PR

Em

24 06 1977

179

AAE em 29/6/1977

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA CENTRAL

AB



INFORMAÇÃO Nº 0410/19/AC/77

DATA : 21 JUN 77
ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
ORIGEM : PRG 13295/77
REFERÊNCIA : INFÃO Nº 0399/19/AC/77
DIFUSÃO : CH/SNI-SG/CSN-CIE-CISA-CENIMAR-CI/DPF

30 JUN 1977

1. O "Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas" realizou, no dia 22 Abr 77, na sede do "Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de SÃO PAULO", reunião preparatória com vistas a participação no "I Congresso de Cultura Negra das Américas", a se realizar de 24 a 29 Ago 77, em CALI/COLÔMBIA.

2. Na reunião ficou decidida a participação da entidade no Congresso. Em vista disso, foi criada uma "Comissão Organizadora", composta pelos seguintes professores:

- RAUL XIMENES;
- MARIA DE AVELLAR SENA, do "Instituto de História e Arte de MINAS GERAIS";
- ORLANDO FERNANDES, do "Instituto de Pesquisas da Cultura Negra", do RIO DE JANEIRO/RJ; e
- EDUARDO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA, do "Instituto Brasileiro de Estudos Africanos - IBEA".

CONFIDENCIAL

Esta Comissão ficou encarregada de receber os currículos, temas, comunicações e adesões, e CLÓVIS MOURA, presidente do "Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas", ficou encarregado de fornecer os esclarecimentos necessários a todos os interessados.

3. Estiveram presentes as seguintes entidades:

- "Grupo Evolução", de CAMPINAS/SP;
- "Sociedade de Estudos BRASIL-ÁFRICA", do RIO DE JANEIRO/RJ; e
- "Gran Quilombo", do RIO DE JANEIRO/RJ.

4. Foi comunicada a adesão do professor GUILHERME DE SOUZA CASTRO, do "Centro de Estudos Afro-Orientais" da Universidade Federal da BAHIA, da professora YEDA PESSOA DE CASTRO, da Universidade Federal da BAHIA e OSVALDO CANDEIAS, do grupo "Gran Quilombo".

Foram aprovadas, finalmente, medidas de ordem prática, objetivando divulgar o evento, conseguir os recursos necessários e organizar uma delegação que seja representativa dos estudos africanos e da comunidade negra do BRASIL.

* * *

CONFIDENCIAL

181



GTC e deu vistas:

Sec. Part/PR e em, Sec. D, etc.

Em 22/7/1977

AC em 27/7/1977

AS

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 0444/19/AC/77



DATA : 5 JUL 1977

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
: "BLACK-BAHIA"

ORIGEM : CENIMAR (PRG 14775/77)

REFERÊNCIA : INFÃO Nº 0410/19/AC/77

DIFUSÃO ANT. : CIE-CISA-CI/DPF

DIFUSÃO : CH/SNI - SG/CSN

27 JUL 1977

Esta AC/SNI difunde a presente INFORMAÇÃO, oriunda do CENIMAR, que versa sobre o MOVIMENTO MUSICAL "BLACK-BAHIA" e a propagação do movimento negro para os Estados do Nordeste:

* 1. O Movimento Black está surgindo em SALVADOR/BA, onde foi lançado oficialmente para servir de ponte para propagação em todos os estados nordestinos.

2. Em SALVADOR, a iniciativa do lançamento foi de HAROLDO MEDEIROS - ex-integrante do conjunto de samba "INDEPENDENTES" - contando com o apoio do Clube Cruz Vermelha e do conjunto de pesquisa musical "INTERSON" que, juntamente com HAROLDO ANDRADE realizaram as pesquisas e prepararam o show de estréia.

3. O "BLACK-BAHIA", ao contrário do "BLACK-RIO", "pretende não se radicalizar em suas posições musicais não se limitando, apenas, à exploração do 'soul', procurando se enraizar

CONFIDENCIAL

nas manifestações musicais comprovadamente brasileiras".

4. A respeito do Movimento Negro, este Centro acha oportuno apresentar o seu ponto de vista, a respeito do assunto, em que classifica o Movimento em duas grandes linhas:

a. "Linha Histórica": explora o antagonismo racial, através da revisão da história do negro no BRASIL. Utiliza temas históricos (CHICA DA SILVA, ZUMBI, QUILOMBO DOS PALMARES, etc.). Adota o uso de indumentárias à africana. Seu mais antigo ativista é ABDIAS NASCIMENTO que atua desde 1930, quando criou a "FRENTE NEGRA BRASILEIRA - FNB";

b. "Linha Americana ou Soul": explora o antagonismo racial procurando identificar, primeiramente, o negro brasileiro com o americano, para depois, então, orientá-lo para o contexto brasileiro. Utiliza a música americana como elemento de aglutinação dos "BLACKS". Despreza o samba por considerá-lo um valor negro absorvido pelos brancos. Adota o uso de nomes e de indumentárias do negro americano. É representado por grupos musicais, como o "BLACK-RIO", o "INTERSON", etc.

5. Apesar das declarações do responsável pelo "BLACKS-BAHIA", citado no item 3, é na "linha americana" ou "soul" que se situa esse movimento musical. *

* * *



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRALINFORMAÇÃO Nº 0567 /19/AC/77

DATA : 17 Ago 77
ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
ORIGEM : PRG 17498/77
REFERÊNCIA : INFÃO 410/19/AC/77
DIFUSÃO : SG/CSN - CIE - CISA - CENIMAR - CI/DPF



1. FREDERICO PENTEADO JÚNIOR, presidente da "Comissão de Festejos 13 de Maio do Clube 220", sito a Av. Caetano Álvares, 319, SÃO PAULO/SP, teve negado seu pedido de audiência com o Presidente da República, ocasião em que pretendia entregar, ao Primeiro Mandatário, uma réplica do monumento a "Mãe Preta".

2. Sobre FREDERICO PENTEADO JÚNIOR, esta AC/SNI dispõe, até a presente data, dos seguintes registros:

a. É filho de FREDERICO PENTEADO e MARIA MAGDALENA PENTEADO, nascido a 23 Jul 24 em SÃO PAULO/SP, funcionário público municipal, residente na Alameda Engenheiro Caetano Álvares, 319, SÃO PAULO/SP.

O nominado é elemento oportunista, inidôneo e destituído de prestígio, na comunidade negra de SÃO PAULO. Foi candidato, pela ARENA/SP, a deputado federal nas eleições de 15 Nov 74, tendo obtido menos de 2.000 sufrágios.

b. Em 1965, sob o pretexto de comemorar o 78º Aniversário da Abolição, a ser comemorado em 1966, o epigrafoado, que se intitulava presidente da "Comissão dos Festejos de 13 Maio", solicitou providências do Governo Federal, no sentido de que fosse convidado, para aqueles festejos, o líder negro norte-americano MARTIN LUTHER KING JUNIOR, detentor do Prêmio Nobel da Paz de 1964.

c. Em Mai 69, o presidente do "Grêmio Recreativo e Esportivo de Cultura Coimbra", remeteu, ao então Presidente da República, ARTUR DA COSTA E SILVA, um radiograma, solicitando que o mesmo não permitisse o comparecimento do Ministro da Justiça nas solenidades do dia 13 de Maio, realizadas pelo "Clube 220". Segundo o radiograma, aquela entidade é fictícia existindo apenas para benefício de FREDERICO PENTEADO JÚNIOR, seu presidente.

d. Em 14 Mai 72, o então Presidente MÉDICI participou, em SÃO PAULO/SP, das comemorações pelo transcurso do Dia da Abolição. Esse fato levou ROBERTO BRAGA JUNIOR a escrever uma carta, ao "JORNAL DA TARDE", da qual destaca-se:

* Qualquer negro em SÃO PAULO sabe que 220 é uma ETIQUETA, etiqueta essa muito bem explorada, comercialmente, por "seu" FREDERICO que, amparado por uma fábrica de bebidas alcoólicas, procura fazer retroagir uma comunidade aos tempos da Senzala. Não sei como é, nem qual o critério usado pelo Itamaraty, para a escolha de lugares ou solenidades que deverão ser prestigiadas com a presença do nosso ilustre Presidente, mas, devido a austeridade deste órgão, sabe-se que a cautela que o caracteriza, desta vez falhou. Falhou porque é inadmissível que um Presidente deixe de cumprir as suas sérias obrigações, para vir prestigiar uma Sociedade que de sociedade nada tem, pois que é destituída de Estatutos, corpo associativo, sede, diretoria e que é constituída apenas por uma pessoa, que é o "seu" FREDERICO. Se sua Excia o Sr Presidente da Repúbli-

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0567 /19/AC/77.....Fls. 03)

185

ca, pensou em ganhar alguns pontos, com a comunidade negra de SÃO PAULO, podem crer, não conseguiu nenhum, e tudo isso por causa de seus mal informados assessores e de alguns bajuladores e mal intencionados políticos. Senhor repórter, como já disse, o 220 não passa de uma Etiqueta, e o Sr FREDERICO de uma pessoa que adquiriu fama em SÃO PAULO simplesmente pela sua trajetória pelos anais policiais, como refinadíssimo e específico Caranguejeiro e nunca por ser um homem idealista, lutador, e representante de comunidade nenhuma. "... Associação marginal, fomentadora de discórdia e extremista, tudo isso em detrimento de uma comunidade que, pregando o bem a harmonia e a honestidade, procura sair de um gueto angustiante através de uma penosa e secular evolução". - ROBERTO BRAGA JÚNIOR. *

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



186

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA CENTRAL

ENCAMINHAMENTO Nº 092 /19/AC/77



DATA : 6 SET 1977

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
: ARTIGO "A SOMBRA NEGRA NA ALMA DO BRASILEIRO"

ORIGEM : AC/SNI

REFERÊNCIA : INFÃO Nº 0567/19/AC/77

DIFUSÃO : SG/CSN-CIE-CISA-CENIMAR-CI/DPF

ANEXO : Cópia xerox do artigo "DER SCHWARZE SCHATTEN
AUF DER SEELE DER BRASILIANER" e de sua tra-
dução para o português.

1. Encaminha-se, para conhecimento desse órgão, o artigo constante do anexo, de autoria de MARTIN GESTER, contendo uma análise do problema racial no BRASIL.

2. Do artigo destacam-se os seguintes tópicos:

* Para os sociólogos que se agrupam em torno de Roger Bastide e Florestan Fernandes essa tese da amalgamação pacífica das raças é mera ficção. Não acreditam numa redução, mas sim num agravamento dos contrastes. Com base em pesquisas em São Paulo concluíram que, com a crescente conscientização política dos negros, seguir-se-á uma resistência cada vez mais ferrenha das classes média e alta (mais brancas), temerosas de perderem seus privilégios. Isso geraria uma luta de classes que

CONFIDENCIAL

acabaria convertendo-se em luta entre as raças.* 187

* Certamente seria até benéfico apontar as falhas no tão louvado modelo brasileiro de democracia racial a seus mais empedernidos apologistas. Seria, porém, o caso de perguntar se esses críticos progressistas não seriam até certo ponto vítimas de seus próprios preconceitos. Muitos parecem mais interessados na luta de classes do que na luta de raças. Falam de "negritude" pensando em revolução. Correm assim o perigo de estarem se auto-iludindo. Neste sentido, as festas de "soul" no Rio nada mais representam, provavelmente, do que um protesto "na onda", contra o samba comercializado da antiga geração.

Já que a Imprensa goza de liberdade suficiente para dar cobertura aos altamente impopulares casos de discriminação, e já que os Governos Militares nada fazem para dissimular os casos publicados, por esperarem "marcar pontos" políticos, através de uma atitude enérgica neste campo, a "Paz na Frente Racial" não é absolutamente uma "paz fictícia e imposta". Os militares que, como católicos, optaram por um Presidente protestante irão se acostumar também com almirantes negros no futuro.

Salvo engano total, os brasileiros estão paulatinamente tornando realidade uma democracia racial até hoje já mais concretizada em país algum. Seu modelo - apesar de todos os senões citados - já se encontra provavelmente num estágio tão adiantado que, dificilmente, correrá perigo. Futuramente haverá, decerto, políticos negros, porém não partidos negros. Haverá contestação dos negros desfavorecidos, porém não como negros e sim como desfavorecidos, e em colaboração com seus semelhantes brancos desfavorecidos. Já não se concebe uma rebelião de características raciais. *

* * *

A caminho de uma democracia racial -
Ainda não cessaram de todo os preconceitos de cor.

- ~~Arnd~~
- AC
SC1 -
SC2

ASE-19
30.8.77
[Signature]

Martin Gester
Frankfurter Allgemeine,
30/7/77

30 A60 917

Existirá também no Brasil a ameaça de conflitos entre negros e brancos ? Será mera ilusão a tão decantada democracia racial de Corcovado ? Quem conhecer esse grande país apenas de modo superficial considerará absurda a pergunta. O quadro aparente é harmonioso.

Os brasileiros parecem ter todos os motivos de orgulhar-se de seu modelo tão louvado por Toynbee. Nas palavras do Delegado Brasileiro à ONU "Nosso povo representa uma união harmoniosa de muitas raças constituindo uma comunidade exemplar. Simplesmente não compreendemos por que motivo pessoas de pele escura teriam menos direitos do que os demais."

Mesmo na Constituição faz-se menção da assim-chamada "ausência de sentimentos de superioridade racial". Após a Segunda Guerra Mundial, quando começaram a aumentar os casos de discriminação em hotéis e restaurantes, motivados por "influências importadas e não brasileiras" o Senador Afonso Arinos de Melo Franco introduziu uma Lei que prevê penalidades - multa ou prisão - para toda e qualquer forma de discriminação. A "Lei Afonso Arinos", aprovada por maioria esmagadora de votos, foi de uma popularidade tal que durante algum tempo vários Partidos e políticos reivindicavam para si sua autoria. Um enorme contraste, portanto, dos Estados Unidos que ainda durante a última Guerra verificavam

cuidadosamente as doações de sangue aos soldados brancos certificando-se de que os doadores eram da mesma raça. 189

Contudo, esse quadro de convivência harmoniosa e livre de tensões não é senão uma meia-verdade. A tese de que o brasileiro é totalmente livre de preconceitos é - um preconceito. Começemos pelos bebês. Ao informarmo-nos sobre uma adoção, a Mãre Superiora do Orfanato explicou-nos (sem que houvésemos feito qualquer declaração neste sentido) que já havia meses que não tinha "bebês loiros e de olhos azuis". As crianças, brincando em seus lares ouvem muitas vezes de suas mães comentários tradicionais: boi de cara preta, etc.

Os preconceitos acompanham negros e mulatos durante toda a sua vida apesar dos múltiplos vínculos de família e de amizade que unem brasileiros de todos os tons de pele. É claro, quem sabe fazer gols e tocar samba será sempre aplaudido. Porém para a contratação de uma recepcionista, os dizeres "boa aparência" que constam do anúncio poderão ser decisivos. Existem ainda hoje empregadores que consideram que "boa aparência" é característica exclusiva das moças de pele clara. E nos fichários das Agências particulares de Emprego não é por acaso que consta a pergunta referente à preferência de cor.

Aliás, outro indicador muito nítido da cor considerada ideal é o concurso de beleza. Quem tentar extrapolar para o resto da população os resultados das vitoriosas heldades de biquini chegará forçosamente à conclusão de que só há mulheres de pele clara entre os Pampas e a Amazônia. Tão profundamente arraigado está esse ideal de beleza que uma mulatinha chegou a confessar para um turista alemão - vivamente interessado na confraternização entre os dois povos - que seu maior sonho seria ter um nenezinho loiro.

Quanto mais o negro ou mulato subir os escalões sociais, mais árdua sua tarefa. A cada passo aumentarão suas dificuldades, a cada passo ficará mais solitário. Um levantamento feito no Rio de Janeiro em 1968 indica que de uma população de 23% constituída por pessoas de cor apenas 12% frequentavam o primário, dez por cento o secundário e apenas 3% a Universidade.

Os clubes assim como as carreiras mais exclusivas são praticamente fechados aos pretos. No Country-Club do Rio de Janeiro procurar-se-á em vão algum sócio negro; no exterior o Brasil é quase exclusivamente representado por brancos, e na Marinha do Estado Multiracial jamais houve um almirante "escuro".

Além da discriminação social há também uma área geográfica de "ressentimentos". Nas faixas litorâneas do nordeste onde vive a maior parte dos brasileiros escuros, os negros e mulatos encontram mais facilidades para se imporem. Nas regiões de colonização europeia do sul, onde até hoje é mais infreqüente a presença de negros, concentra-se a maior resistência. Se uma moça de Blumenau, de ascendência alemã, namorar um mulato, isto poderá causar uma tragédia familiar até nos dias de hoje.

A discriminação no dia-a-dia muitas vezes não pode se quer ser comprovada. Os brasileiros são sempre contrários a medidas contundentes e jamais iriam adotar uma atitude ofensiva em relação a um negro. São ao menos guardadas as aparências:

É lógico que ninguém tem preconceito de cor, no Clube - só que no momento não há vagas; é claro que o Gerente da firma não tem preconceito racial - só que a vaga, anunciada no jornal, acaba de ser preenchida.

É preciso acrescentar que, à base da suposta discriminação, há muitas vezes uma justificativa "racional". O fato de haver tão poucas pessoas de cor escura entre altos funcionários

do Governo e no Empresariado explica-se: os bisnetos dos escravos (a Abolição data de apenas 1888) "ainda não alcançaram este estágio". E, ao se observar que os dois pretos correndo na rua a passos largos não são esportistas e sim gatunos isto se deve ao fato de que entre os negros, como membros da população mais pobre, encontra-se também o maior número de marginais.

É justamente esta forma sutil de discriminação que suscita a indignação dos críticos da Europa e dos Estados Unidos. Aquilo que para o brasileiro, com sua tradição portuguesa, é uma forma fina e indireta de proceder, é interpretado como uma atitude maldosa e hipócrita. Irene Diggs, uma socióloga negra americana diz "Nos Estados Unidos somos ao menos respeitados, ao passo que no Brasil é cultivado um preconceito dissimulado e cheio de ódio".

O Destino de Seus Avós Escravos

É de um exagero sem limites a afirmação da socióloga. Nos Estados Unidos é que existe ódio. Enquanto a palavra "Nigger" tem uma conotação altamente pejorativa nos EE.UU., nenhum negro brasileiro irá se sentir humilhado se for chamado carinhosamente de "pretinho". A mocinha recebe o epíteto "neguinha", com toda ternura. A procedência negra poderá ser um ônus mas raramente um trauma. Joaquim, da Banca de Jornais, conta com toda naturalidade que seu cabelo é herança de seu avô preto. No Carnaval nas Escolas de Samba desfilam negros acorrentados, mostrando a visitantes de todo o mundo o destino de seus avós escravos, sem qualquer amargura.

Na Literatura, a coexistência pacífica de raças no Brasil é muitas vezes explicado pelo fato de que os escravos teriam sido tratados melhor aqui do que nos estados do sul dos EE.UU.

Frank Tannenbaum observa que os colonizadores portugueses não tratavam os ^{escravos} portugueses como parte do mobiliário. Essa afirmação é contestada por Carl Degler num estudo mais recente em que diz que o sistema brasileiro de escravatura assumia muitas vezes formas mais cruéis do que o norteamericano. Os fazendeiros americanos jamais teriam tido a idéia de usar máscaras de ferro para cobrir o rosto de seus escravos, impedindo-os de se alimentarem mais frequentemente do que o estritamente devido. Segundo Degler houve, no Brasil, um número muito maior de tentativas de fuga, rebeliões e suicídios de escravos do que nos EE.UU. Os usineiros brasileiros - contrariamente aos donos de plantações de algodão nos EUA - consideravam a importação de "espécimes jovens e sadios" como mais lucrativa do que cuidados ou a "reprodução de um produto já gasto"; os lactentes tinham poucas possibilidades de sobrevivência. Mesmo após a Abolição a mortalidade infantil entre os negros era de quase 90%.

Os pretos que trabalhavam junto aos patrões mereciam geralmente um tratamento melhor. Os negros lavavam seu patrão, vestiam-nos, matavam seus piolhos ou pulgas, e os carregavam ao Mercado. As negras amamentavam os bebês e criavam os filhos da casa. Essa convivência diária levava muitas vezes os portugueses a chorarem a morte de seus escravos preferidos e a alforriar outros por motivos sentimentais. Quando da Abolição cerca de 2/3 dos 2,4 milhões de negros já viviam em condições de relativa liberdade.

Segundo Gilberto Freyre, o Nestor dos sociólogos brasileiros, foi de importância decisiva para a democracia racial o que ele denomina a "capacidade de miscigenação" dos senhores coloniais.

Os portugueses dedicavam-se a comércio mundial, eram tolerantes e tinham grande capacidade de adaptação; era-lhes estranha qualquer noção de superioridade racial. Desde a época dos sarracenos sonhavam com a mulher idealizada "a moura feiticeira" e a encantadora "morena", de pele escura. Em termos oficiais eram proibidas ligações entre colonizadores e negros até meados do século XVIII. Todavia, num país onde segundo Freyre nem mesmo os padres primavam por ser castos e até o Imperador gostava das mulatas, essas restrições não eram levadas muito a sério, ainda mais porque os aventureiros portugueses, em contraste nítido com os colonizadores protestantes e puritanos da América do Norte, geralmente não traziam suas esposas para o Brasil.

Mesmo com o correr dos anos, e contraído matrimônio com brancas, valiam-se de seus direitos absolutos de superioridade masculina, o machismo, praticando a poligamia inspirada pelos mouros. As esposas que se conformassem em ver filhos ilegítimos sendo criados juntos com a prole familiar e muitas vezes até contemplados com heranças. Já que esse país de proporções gigantescas só poderia mesmo ser povoado através da mistura de povos, somente assim preservando-se sua integridade territorial, essa "fraqueza moral" acabou convertida em virtude nacional.

O resultado dessa mistura latina de domínio colonial calculista, incapacidade administrativa e uma moral generosa, de inspiração católica, fica aparente analisando-se as estatísticas: Hoje em dia no mínimo um brasileiro em quatro será mulato. O negro mais retinto da Bahia ainda será mais claro do que um negro de Dakar e o branco mais branco de Bagé mais escuro do que um alemão de Bremen, já que, nas belíssimas palavras de Gilberto Freyre, ele terá ao menos uma sombra negra em sua alma. No vernáculo tornou-se impossível determinar com precisão as várias matizes: há os "escuros", passando pelos mulatos, crioulos, cabras, pardos e morenos.

A Herança Africana

Condizentes com sua tradição, mentalidade e tática os portugueses dificultaram a ascensão da população escura, porém sem bloqueá-la. Uma pessoa de cor precisa ainda hoje oferecer mais do que seu concorrente mais claro, porém acabará sendo aceito e absorvido. Portanto, assistimos ao desenvolvimento de uma estrutura unitária totalmente diferente das duas pirâmides sociais norteamericanas totalmente isoladas uma da outra. E nos escalões superiores da pirâmide brasileira apontam morenos ilustres. Enquanto nos EUA a poderosa classe média branca lutava com êxito contra a ascensão negra até há pouco tempo, havia no Brasil, já no início do século mulatos respeitados como políticos, poetas e engenheiros.

Um Brasil sem os negros trazidos à força da África é uma noção totalmente inconcebível, já por gerações. Quase tudo o que se identifica como inconfundivelmente brasileiro: o samba e o folclore, a malícia vivacidade do futebol e a cozinha baiana fazem parte do patrimônio trazido da África. Isto poupou os brasileiros dos efeitos da crise de identidade dos argentinos e uruguaios que padecem de um sentimento de que, no fundo, não passam de europeus transplantados à América do Sul. Os argentinos, aliás, ainda se norteiam por uma Europa que já não existe, disfarçando um forte sentimento de insegurança atrás de um nacionalismo agressivo, enquanto os brasileiros parecem despreocupados, confiantes e sem a menor necessidade de modelos importados.

E é maior ainda a dívida dos brasileiros para com seus antigos escravos. Somente graças à mistura com o negro extrovertido e espontâneo é que os portugueses, amáveis e melancólicos e um tanto quanto morosos puderam transformar-se em brasileiros temperamentais e espirituosos. O dom da alegria incontida, a capacidade de jamais se deixarem asfixiar por quaisquer aparelhos ou sistemas, constituem herança dos africanos. A festa solene num Grêmio tradicional transforma-se em explosão de alegria ao som do ritmo produzido por negros. A mais alegre das cargas que pode ser observada todos os dias em caminhões abertos circulando pelas ruas do Rio de Janeiro é constituída pelos lixeiros com sua roupa amarela e que, com seu minguado salário mínimo, realmente não tem porque estar rindo.

A contribuição humanizadora dos negros e a ascensão muitas vezes marcante de brasileiros morenos e negros não alteraram evidentemente a verdade de que a massa de pessoas de pele escura ainda pertence às classes mais pobres. Não resta dúvida de que os que progridem sentirão cada vez menos as desvantagens de sua cor - às vezes desaparecem por completo. Todo brasileiro sabe que "dinheiro e posição branqueiam". O mulato rico, homem de negócios, é "branco": se for um operário pobre, será "preto". A estudante é "morena", a faxineira da mesma cor é "apenas" mulata. Os preocupados pais da classe média esperam que suas filhas tragam como noivos apenas universitários brancos - ou, quando muito, morenos. O brasileiro que venceu na vida gosta de comprovar sua vitória, para si e os demais, casando-se com uma mulher mais clara do que ele.

Muitos sociólogos dizem que a questão racial brasileira seria "realmente" uma questão de classe. Quem for adepto deste pensamento chegará à conclusão de que mesmo os últimos remanescentes de preconceito racial estão fadados a desaparecer devido à crescente e irrefreável miscigenação. A previsão de Gilberto

Freyre é que no ano 2000 haverá predomínio do brasileiro pardo. Este "moreno" será o resultado do "branqueamento", teoria preconizada advogada há várias décadas. Segundo Freyre não é nenhuma coincidência a aplicação desta noção essencialmente livre de considerações preconceituosas por grupos crescentes de brasileiros.

Os números mostram claramente o quanto já "empalideceram" os brasileiros, sob o sol tropical. Em 1850 é provável que a maioria da população ainda tinha a pele escura. Cem anos depois apenas um habitante em dez era negro e um em cada quatro, mulato.

As décadas que se seguiram à proscrição do tráfego de negros produziram importantes transformações. Na época, os governos brasileiros autorizavam tão somente a imigração de europeus. Nos últimos decênios essa política mudou, embora não de forma substancial. Houve uma ligeira queda nos percentuais de negros e brancos e um conseqüente pequeno aumento da população de mulatos.

Viver nos Moldes dos Brancos

Para os sociólogos que se agrupam em torno de Roger Bastide e Florestan Fernandes essa tese da amalgamação pacífica das raças é mera ficção. Não acreditam numa redução mas sim num agravamento dos contrastes. Com base em pesquisas em São Paulo concluíram que, com a crescente conscientização política dos negros, seguir-se-á uma resistência cada vez mais ferrenha das classes média e alta (mais brancas), temerosas de perderem seus privilégios. Isso geraria uma luta de classes que acabaria convertendo-se em luta entre as raças.

Em defesa dessa tese os profetas da polarização apontam para o Movimento Black-Rio de bastante popularidade, sobretudo na Zona Norte e pobre da velha capital, onde passou a predominar entre os jovens o "afro-look" e o ritmo "soul", que seus antepassados africanos levaram aos EE.UU.

Certamente um número ainda maior de negros porá em dúvida, no futuro, a democracia racial brasileira. Fernandes, porém, peca por simplismo, ao referir-se a uma "Sociedade de Brancos e para Brancos".

Inquestionavelmente, o negro brasileiro vive hoje em função de normas prescritas por brancos. Atrás do conceito de "branqueamento" está a idéia tácita de que é preciso embranquecer os pretos - inferiores. Essa premissa gerou uma submissão quase servil à escala de valores da camada superior, branca. Ainda hoje a maioria das mulheres de pele escura alisam seu "cabelo ruim", com um creme fortíssimo - Hene Maru. A doméstica quase-branca orgulha-se de ser "racista" e despreza os negros que "não prestam". E recomendam à menina de seus olhos, o caçulinha da casa, loiro e de olhos azuis, que não se envolva com pretos. Um guarda preto será particularmente rude ao tratar com um marginal preto e um queixoso preto dará preferência a advogados brancos porque "sabem mais e podem mais".

Certamente seria até benéfico apontar as falhas no tão louvado modelo brasileiro de democracia racial a seus mais empedernados apologistas. Seria, porém, o caso de perguntar-se esses críticos progressistas não seriam até certo ponto vítimas de seus próprios preconceitos. Muitos parecem mais interessados na luta de classes do que na luta de raças. Falam de "negritude" pensando em revolução. Correm assim o perigo de estarem se auto-iludindo. Neste sentido as festas de "soul" no Rio

nada mais representam, provavelmente, do que um protesto "na onda",
contra o samba comercializado da antiga geração.

Já que a Imprensa goza de liberdade suficiente para dar
cobertura aos altamente impopulares casos de discriminação, e já
que os Governos Militares nada fazem para dissimular os casos publi-
cados, por esperarem "marcar pontos" políticos através de uma ati-
tude enérgica neste campo, a "Paz na Frente Racial" não é absoluta-
mente uma "paz fictícia e imposta". Os militares que, como católi-
cos, optaram por um Presidente protestante irão-se acostumar também
com almirantes negros no futuro.

Salvo engano total, os brasileiros estão paulatinamente
tornando realidade uma democracia racial até hoje jamais concretiza-
da em país algum. Seu modelo - apesar de todos os senões citados-
já se encontra provavelmente num estágio tão adiantado que dificil-
mente correrá perigo. Futuramente haverá, decerto, políticos ne-
gros, porém não partidos negros. Haverá contestação dos negros
desfavorecidos, porém não como negros e sim como desfavorecidos, e
em colaboração com seus semelhantes brancos desfavorecidos. Já não
se concebe uma rebelião de características raciais.

Der schwarze Schatten auf der Seele der Brasilianer

Auf dem Weg zu einer Rassendemokratie · Noch sind die Vorurteile gegen die dunkle Hautfarbe nicht abgebaut · Von Martin Gester

Droht auch in Brasilien der Konflikt zwischen Schwarz und Weiß? Erweist sich die vielgepriesene Rassendemokratie am Zuckerhut als Illusion? Wer das große Land nur flüchtig kennt, wird die Frage für absurd halten. Das Landers Bild ist harmonisch.

Die Brasilianer scheinen allen Grund zu haben, auf ihr auch von Toynbee gelobtes Modell stolz zu sein. „Unser Volk“, so verkündete Brasiliens Delegierter vor der UNO, „ist eine harmonische Einheit verschiedener Rassen in einer exemplarischen Gemeinschaft. Wir verstehen einfach nicht, warum Menschen dunkler Hautfarbe weniger Rechte haben sollen.“

Sogar in der Verfassung ist dieses angeblich fehlende Gefühl für rassistische Überlegenheit festgehalten. Als sich nach dem Zweiten Weltkrieg die Fälle von Diskriminierungen in Hotels und Restaurants auf Grund „importierter, nichtbrasilianischer Einflüsse“ mehrt, brachte der Senator Afonso Arinos de Mello Franco ein Gesetz ein, das für jede Art von Diskriminierung Geld- und Gefängnisstrafen vorsieht. Die mit überwältigender Mehrheit angenommene „Lei Afonso Arinos“ war so populär, daß vier Parteien und Politiker eine Zerstörung um die Urheberchaft zankten. Welcher Gegensatz zu den Vereinigten Staaten, die noch im letzten Weltkrieg darauf bestanden, daß für weiße Soldaten die Blutknochen weißer Spender reserviert wurden.

Und doch zeigt das Bild von dem spannungslosen Miteinander der Rassen in Brasilien nur die halbe Wahrheit. Die These von den völlig vorurteilsfreien Brasilianern ist ein Vorurteil. Schon bei den Säuglingen läßt es an. Als wir uns zum Beispiel in einem Waisenhaus wegen einer Adoption erkundigen, erkundigt die Mutter Oberin, ohne danach zu fragen, „Blonde und blaueäugige Kinder“ habe sie „schon seit Monaten“ mehr. Während die Kleinen da die Puppen spielen, hören sie von den Müttern die Überredungen über die Schwarzen nicht artig an, würden sie nicht artig sein, würden sie nicht artig sein.

Die Diskriminierungen im Alltag sind oft gar nicht zu beweisen. Die allem Abrupten abholden Brasilianer werden einen Schwarzen nie plump vor den Kopf stoßen. Wenigstens der Schein wird gewahrt: Natürlich hat man im Klub nichts gegen Dunkelhäutige, es ist nur leider gerade Aufnahmeperrre; natürlich hat der Chef keinerlei Rassenvorurteile, der in der Anzeige angebotene Arbeitsplatz ist nur leider anderweitig besetzt worden.

Hinzu kommt, daß hinter der vermuteten Diskriminierung oft eine „vernünftige“ Begründung steckt. Wenn es

griechischen Stodler seien mit den Negern nicht wie mit „Möbelstücken“ umzugehen. Carl Degler behauptet dagegen in einer jüngeren Untersuchung, das brasilianische Sklavensystem sei mitunter barbarischer als das der Nordamerikaner gewesen. So sei es den Baumwollpflanzern Nordamerikas nie eingefallen, ihren Sklaven ähnlich wie Hunden einen Eisenmaske vors Gesicht zu binden, damit sie nicht zu oft auf die Degerl zufolge gab es in Brasilien mehr Fluchtversuche, Rebellionen und Selbstmorde der Sklaven als in den Vereinigten Staaten. Da die Zuckerbarone – im

Vorbild der Mauren Polygamie zu pflegen. Die Ehefrauen mußten sich damit abfinden, daß die illegitimen Kinder in der Familie mit großgezogen und manchmal auch bei der Erbschaft bedacht wurden. Da das riesige Land nur durch die Vermischung bevölkert und zusammengehalten werden konnte, war die „moralische Schwäche“ letztlich eine nationale Tugend.

Das Ergoos dieser lateinischen Mixturen als kolonialen Kalkül, administrativem Unvermögen und weitherziger, katholisch geprägter Moral läßt sich an der Statistik ablesen: Heute ist

Anders als die Argentinier, die sich noch immer an einem Europa orientieren, das es gar nicht mehr gibt und dabei ihre Unsicherheit hinter einen aggressiven Nationalismus verstecken, vermitteln die Brasilianer den Eindruck unbekümmerter und selbstbewußter Menschen, die es nicht nötig haben, ihre Leitbilder auszuliehn.

Brasilien verdankt seinen ehemaligen Sklaven noch mehr. Erst durch die Mischung mit den extrovertierten und spontanen Schwarzen wurden aus den melancholischer und lebenswutlangweiligen Portugiesen die temperament-

Bezügeln weitgehend freie. Bei immer größere Gruppen von Nern angewandt wird.

Die Zahlen machen deutlich sehr die Brasilianer unter der Sonne bereits „gepoltert“ wurde. 1850 waren wahrscheinlich die Brasilianer dunkelhäutig. Hunderte später war nur noch jeder Zehnte Neger, jeder vierte ein mittelgroße Veränderung erbrachten. Er konnte nach dem Verbot des Skandels. Damals hielten die brasilianischen Regierungen nur noch lische Einwanderer ins Land. letzten Jahrzehnten verschoben. Anteil nur noch geringfügig. Der Gegensatz der Schwarzen und nahm weiter leicht ab, der Ant Braunen nahm leicht zu.

Leben nach den Normen der Weißen

Für die Soziologen um Roger Bastide und Florestan Fernandes ist die von der friedlichen Vermischung der Rassen eine Fiktion. Sie glauben an eine Abkehr, sondern an eine Einführung der Gegensätze. Aus Untersuchungen in São Paulo sehen sie, daß die Schwarzen mit wachsendem politischem Bewußtsein auf den hinteren Wirtsstand der um ihre letzten fortschenden heißen Mittel. Oberschicht stoßen werden. Da durch verheißene Kampf der Rassen wurde schließlich zu einem Kampf Rassen führen.

Ein Argument für ihre Version, die Propheten der Polarisierung, ist die populäre Black-Rio-Bewegung, die im armen Norden der alten Hauptstadt schwarze Jugend immer stärker zieht. Mit strahlen Nipfen und engem „Afro-Look“ wägen sich die Urenkel der afrikanischen Sklaven zu den aus Nordamerika eingeführten Soul-Rhythmen.

Künftig werden sicherlich noch Schwarze die brasilianische Rassendemokratie in Frage stellen. Für



Der schwarze Schatten auf der Seele der Brasilianer

Auf dem Weg zu einer Rassendemokratie · Noch sind die Vorurteile gegen die dunkle Hautfarbe nicht abgebaut · Von Martin Gester

Droht auch in Brasilien der Konflikt zwischen Schwarz und Weiß? Erweitert sich die vielgepriesene Rassendemokratie am Zuckerhut als Illusion? Wer das große Land nur flüchtig kennt, wird die Frage für absurd halten. Das äußere Bild ist harmonisch.

Die Brasilianer scheinen allen Grund zu haben, auf ihr auch von Toynbee gelobtes Modell stolz zu sein. „Unser Volk“, so verkündete Brasiliens Delegierter vor der UNO, „ist eine harmonische Einheit verschiedener Rassen in einer exemplarischen Gemeinschaft. Wir verstehen einfach nicht, warum Menschen dunkler Hautfarbe weniger Rechte haben sollten.“

Sogar in der Verfassung ist dieses angeblich fehlende Gefühl für rassistische Überlegenheit festgehalten. Als sich nach dem Zweiten Weltkrieg die Fälle von Diskriminierungen in Hotels und Restaurants auf Grund „imponierter, nichtbrasilianischer Einflüsse“ mehrien, brachte der Senator Afonso Arinos de Mello Franco ein Gesetz ein, das für jede Art von Diskriminierung Geld- und Gefängnisstrafen vorsieht. Die mit überwältigender Mehrheit angenommene „Lei Afonso Arinos“ war so populär, daß sich Parteien und Politiker eine Zeitlang um die Urheberchaft zankten. Welcher Gegensatz zu den Vereinigten Staaten, die nach im letzten Weltkrieg darauf bestanden, daß für weiße Soldaten die Diskonkordien weißer Spender reserviert werden.

Und doch zeigt das Bild von dem spannungslosen Miteinander der Rassen in Brasilien nur die halbe Wahrheit. Die These von den völlig vorurteilsfreien Brasilianern ist ein Vorurteil. Schon bei den Säuglingen fängt es an. Als wir uns zum Beispiel in einem Waisenhaus wegen einer Adoption erkundigen, ermahnt die Mutter Oberin, ohne danach fragen zu sein, „blonde und blaue Augen“ habe sie „schon seit Monaten“ während die Kleinen damit den Puppen spielen, hören sie von den Müttern, je überlegenere über die Schwarzen nicht artig sein, würden sie nicht in die weiße Welt

Die Diskriminierungen im Alltag sind oft gar nicht zu beweisen. Die allem Abrupten abholden Brasilianer werden einen Schwarzen nie plump vor den Kopf stoßen. Wenigstens der Schein wird gewahrt: Natürlich hat man im Klub nichts gegen Dunkelhäutige, es ist nur leider gerade Aufnahmesperre; natürlich hat der Chef kein rassistisches Vorurteil, der in der Anzeige angebotene Arbeitsplatz ist nur leider anderweitig besetzt worden.

Hinzu kommt, daß hinter der vermuteten Diskriminierung oft eine „vernünftige“ Begründung steckt. Wenn es

glesiichen Siedler seien mit den Negern nicht wie mit „Möbelstücken“ umzugehen. Carl Degler behauptet dagegen in einer jüngeren Untersuchung, das brasilianische Sklavensystem sei mitunter barbarischer als das der Nordamerikaner gewesen. So sei es den Baumwollpflanzern Nordamerikas nie eingefallen, ihren Sklaven ähnlich wie Hunden eine Eisenmaske ins Gesicht zu binden, damit sie nicht zu oft aben. Degler zufolge gab es in Brasilien mehr Fluchtversuche, Rebellionen und Selbstmorde der Sklaven als in den Vereinigten Staaten. Da die Zuckerbarone – im

Vorbild der Mauren Polygamie zu pflegen. Die Ehefrauen mußten sich damit abfinden, daß die illegitimen Kinder in der „Familie mit großgezogen und manchmal auch bei der Erbschaft bedacht wurden. Da das riesige Land nur durch die Vermischung bevölkert und zusammengehalten werden konnte, war die „moralische Schwäche“ letztlich eine nationale Tugend.

Das Ergebnis dieser lateinischen Mischung aus kolonialem Kalkül, administrativem Unvermögen und weitherziger, katholisch geprägter Moral läßt sich an der Statistik ablesen: Heute ist

Anders als die Argentinier, die sich noch immer an einem Europa orientieren, das es gar nicht mehr gibt und dabei ihre Unsicherheit hinter einem aggressiven Nationalismus verstecken, vermitteln die Brasilianer den Eindruck unbedrückter und selbstbewußter Menschen, die es nicht nötig haben, ihre Leitbilder auszuliefern.

Brasilien verdankt seinen ehemaligen Sklaven noch mehr. Erst durch die Mischung mit den extrovertierten und spontanen Schwarzen wurden aus den melancholischer und lebenswert-langweiligen Portugiesen die temperament-

Bezügten weitgehend freie Zugriff für immer größere Gruppen von Brasilianern angewandt wird.

Die Zahlen machen deutlich, wie sehr die Brasilianer unter der Tropenzone bereits „geblüht“ wurden. Noch 1850 waren wahrscheinlich die meisten Brasilianer dunkelhäutig. Hundert Jahre später war nur noch leuchtende Zenne ein Neger, jeder vierte ein Mischling. Eine große Veränderung brachten die Jahrzehnte nach dem Verbot des Sklavenhandels. Damals holten die brasilianischen Regierungen nur noch europäische Einwanderer ins Land. In den letzten Jahrzehnten verschoben sich die Anteile nur noch geringfügig. Der Prozentsatz der Schwarzen und Weißen nahm weiter leicht ab, der Anteil der Brünnen nahm leicht zu.

Leben nach den Normen der Weißen

Für die Soziologen um Roger Bastide und Florestán Fernandes ist die These von der friedlichen Verschmelzung der Rassen eine Fiktion. Sie glauben nicht an einen Abbau, sondern an eine Verschärfung der Gegensätze. Aus ihren Untersuchungen in São Paulo schließen sie, daß die Schwarzen mit wachsendem politischem Bewußtsein auf den immer härteren Widerstand der um ihre Privilegien forchtenden hellen Mittel- und Oberschicht stoßen werden. Der dadurch ausgelöste Kampf der Klassen werde schließlich zu einem Kampf der Rassen führen.

Ein Argument für ihre Version schon die Prophezei der Polarisierung in der populären Black-Rise-Bewegung, die im armen Norden der alten Hauptstadt die schwarze Jugend immer stärker anzieht. Mit krausen Köpfen und extravagantem „Afro-Look“ wiegen sich hier die Urenkel der afrikanischen Sklaven zu den aus Nordamerika eingeführten Soul-Rhythmen.

Künftig werden sicherlich noch mehr Schwarze die brasilianische Rassendemokratie in Frage stellen. Fernandes,

Halbhäutige bevorzugt

Vorurteile begleiten die Schwarzen Brasilien trotz millionenfacher Arbeiter und fernschafflicher Bindungen zwischen Brasilianern aller Farben ein Leben lang. Gewiß, wer schließt und Samba spielt, kommt in jedem Fall beliebt. Doch für Einstellung als Erziehungsdame die in der Anzeige verlangte „boa índia“ entscheidend sein. Es gibt heute noch Arbeitgeber, für die halbhäutige Mädchen das „gute Haar“ mitbringen. Auf den Kartellprivater Arbeitsvermittlungen steht von ungefähr die Frage nach vorzuziehender Hautfarbe.

Die Farbe als Ideal empfundenen deutlich die hellere Mischfarbe. Wer von den Bikini-Schönheiten die Bevölkerung schließt, muß zwischen Ampornas und Lebtan nur halbhäutige Frauen. Ein dieses Schönheitsideal sitzen, die Reaktionen der kleinen Mulattin. Sie können um intensive Vollung bewundern deutschen Gestalt, sie wünschen sich sehr wie ein blondes Baby.

Ob ein Neger oder Melane auf gelben Leiter aufsteigt, desto größer wird es für ihn. Jede Stufe ein eigener. Eine 1968 in Rio im Rahmen Untersuchung ergab, in einem schwarzen Bevölkerungsanteil von 23 Prozent der Anteil zu wachsen in den Volksschulen Prozent, in den Oberschulen Prozent und an den Universitäten Prozent betrug.

Küßchen und exklusive Karrieren im Schwarzen so gut wie verboten. Im Country-Club von Rio de Janeiro wird man verächtlich nach im Mitgliedern suchen im Ausland Brasilien fast ausschließlich den repräsentiert, und in der des Vielverdienendes hat es einen dunklen Admiral gegen-

der sozial bedingten Diskriminierung gibt es auch ein geographische Karte der Kasentiments. Im den Küsterstreifen, wo am dunkle Brasilianer leben, können die „negros“ und „mulattos“ besten durchsetzen. In den euren Siedlungsgebieten das kühlens, wo Schwarze noch immer zu stoßen sie auf den größten. Der Verleiher sich die deutsch-Teutener aus Blumenau mit eilen, so kann das immer noch in den Siedlungsgebieten das kühlens, wo Schwarze noch immer zu stoßen sie auf den größten.

Die dunkle Haut glänzt vor Schweiß, der Mann läuft keine leichte Strecke, er rennt völlig allein, ohne Begleiter, die vielen Kurven einer Favela herum, einer jener primitiven Siedlungen am

unter den hohen Regierungsbeamten und Spitzenkräften der Wirtschaft so wenig dunkle Brasilianer gibt, dann deshalb, weil die Urwelt der erst 1968 befreiten Sklaven „noch nicht soweit sind.“ Und wenn man unterstellt, daß die beiden Schwarzen, die über die Straße sitzen, keine Sportler, sondern Diebe sind, dann geschieht das, weil unter den Schwarzen als den Ärmsten auch die meisten Kriminalen sind.

Gerade die subtile Art der Diskriminierung empört Kritiker aus Europa und den Vereinigten Staaten. Was für die portugiesisch geprägten Brasilianer feine, indirekte Art ist, erscheint ihnen als hinterhältige Gemeinheit. Irene Diggs, eine farbige Soziologin aus Nordamerika, sagt: „In den Staaten werden wir wenigstens respektiert, während in Brasilien das versteckte, haßerfüllte Vorurteil kultiviert wird.“

Das Schicksal der versklavten Vorfahren

Miss Diggs hat allerdings maßlos übertrieben. Auf Haß stößt man in den Vereinigten Staaten. Während „Niger“ in den Staaten ein gefährliches Reizwort ist, fühlt sich in Brasilien kein Schwarzer verletzt, wenn man ihn freundlich „prelino“ nennt. Die kleine Negerin wird liebevoll „neginha“ gerufen. Die negroiden Herkunft mag den farbigen Brasilianer des öfteren bedrücken, doch ist das selten ein Trauma. Jouquin, der Verkäufer im Kiosk, erzählt unbedenklich, daß seine stolzen Haare das Erbe seines schwarzen Großvaters seien. Im Kabinell führen mit Ketten und Stricken behängene Schwarze den aus aller Welt angereisten Besuchern ohne wildes Augenrollen das Schicksal ihrer versklavten Urgroßväter vor.

In der Literatur wird das friedliche Nebeneinander der Rassen in Brasilien oft durch erklärt, daß die Sklaven hier besser behandelt worden seien als in den Südstaaten Nordamerikas. So meint Frank Tanrenbaum, die portu-

Rande von Rio de Janeiro. Er ringt, um seinen schweißigen Körper in Form zu halten, und lächelt dabei, denn diese Anstrengung ist ein Sieg über sich selbst in einem Klima, in dem Müßiggang

Gegensatz zu den nordamerikanischen Plantagenbesitzern – den Import „junger, kräftiger Stücke“ für lukrativer hielten als die Pflege und „Reproduktion der verbrauchten Ware“, hatten die Säuglinge meist keine Überlebenschance. Noch nach der Sklavenbefreiung starben fast neunzig Prozent der Negerkinder.

Schwarze, die in der Nähe der Herrschaft arbeiteten, wurden meist besser behandelt. Die Neger wuschen ihren „Potron“, zogen ihn an, suchten ihm die Flöhe ab und trugen ihn in der Sänke zum Markt. Die Negerinnen nähren die Säuglinge und besuttern die Kinder des Hauses. Das tägliche Zusammensein führte dazu, daß mancher Portugiese seinem toten Lieblingsknecht nachweinte und aus Rührung etliche Sklaven freiließ. Als die Silaverei abgeschafft wurde, lebten von den 2,4 Millionen Schwarzen in Brasilien bereits zwei Drittel mehr oder weniger in Freiheit.

Entscheidend für die Rassendemokratie war die von Gilbert Freyre, dem Nestor der brasilianischen Soziologen, gerühmte „Vermischungsfähigkeit“ der Kolonialherren. Die Portugiesen trieben weltweit Handel, sie waren anpassungsfähig und tolerant; sie konnten kein Gefühl rassistischer Überlegenheit. Seit der Sarazenenzeit schwärmten sie für die idealisierte Figur der „verzauerten Maudin“, für die reizvolle, dunkelhäutige „morena“. Offiziell war die Verbindung zwischen Siedlern und Schwarzen bis zur Mitte des 18. Jahrhunderts verboten. Doch in einem Land, in dem, so Freyre, die Priester selten keusch waren und selbst der Kaiser Negermädchen liebte, wurde das nicht übertrieben ernst genommen, zumal die portugiesischen Abenteurer im Gegensatz zu den puritanisch-protestantischen Siedlern in Nordamerika meist ohne Frauen gekommen waren.

Auch als sie später weiß Frauen hatten, nahmen sie sich mit ihrem „machismo“, ihrer absoluten Männerherrschaft, weiterhin das Recht, nach dem

überliegt. Er rennt barfuß, weil ihn das stützt für den Kampf im Stadion. Er kehrt eine profane Fußballmannschaft an, und er läßt sich zu lächeln, wenn der Jubel von Tausenden brüllt. Im

mindestens jeder vierte Brasilianer ein Mulatte. Der schwärzeste Schwarz aus Bahia ist immer noch heller als ein Neger aus Dakar und der weißeste Weiße aus Belgien immer noch dunkler als ein Deutscher aus Bremen, dann er hat nach dem schönen Wert von Gilberto Freyre zumindest auf seiner Seele einen schwarzen Schatten. Mit der Sprache sind die vielen Übergangstöne Farbnuancen nicht mehr zu fassen. Es gibt „dunkle Helles“ und „helle Dunkle“, es gibt mulatto, crioulo, cabros, pardos und morenos.

Das afrikanische Erbe

Es entsprach von Anfang an portugiesischer Lebensart und Weltbild, den nach oben drängenden Dunkelhäutigen den Aufstieg zwar zu erschweren, aber nicht zu blockieren. Ein Fertiger muß auch heute noch mehr bieten als sein hellerer Konkurrent, doch er wird schließlich akzeptiert und absorbiert. So entwickelten sich nicht wie in den Vereinigten Staaten zwei isolierte Gesellschaftspyramiden, sondern es gab eine einheitliche Struktur, in deren oberen Schichten „morenos“ vorstießen. Während sich in den Vereinigten Staaten die mittlere Mittelschicht der Weißen bis vor kurzem erfolgreich gegen die idealisierte Figur der „verzauerten Maudin“, für die reizvolle, dunkelhäutige „morena“. Offiziell war die Verbindung zwischen Siedlern und Schwarzen bis zur Mitte des 18. Jahrhunderts verboten. Doch in einem Land, in dem, so Freyre, die Priester selten keusch waren und selbst der Kaiser Negermädchen liebte, wurde das nicht übertrieben ernst genommen, zumal die portugiesischen Abenteurer im Gegensatz zu den puritanisch-protestantischen Siedlern in Nordamerika meist ohne Frauen gekommen waren.

Auch als sie später weiß Frauen hatten, nahmen sie sich mit ihrem „machismo“, ihrer absoluten Männerherrschaft, weiterhin das Recht, nach dem

Schweigschaft und im Sport gibt es für jede Hautfarbe freie Wege nach oben. Erst während der letzten Jahre hat sich andere wirklich zu offen stellen, wie es die Natur vorgibt. Foto Robert Heil

vollen und witzigen Brasilianer. Die Fähigkeit, sich unbändig zu freuen oder die Fähigkeit, sich von keinem Apparat und System entziehen zu lassen, sind afrikanisches Erbe. Die steife Feier im vornehmen Verein wird zur ausgelassenen Fete, wenn die Schwarzen dazu ihren Rhythmus predizieren. Die wichtigste Frucht, die Tag für Tag auf offenen Lastwagen durch Rio schaukelt und schüttet, sind die schwarzen Müll-Arbeiter in ihren gelben Uniformen, die mit ihrem kümmerlichen Mindestlohn bestimmt nichts zu lachen haben.

Der humorvollste Beitrag der Neger und der oft behauptete Aufstieg brauner und schwarzer Zehnflügel hat freilich nichts daran ändern können, daß die Masse der Farbigen noch immer zu den Armen im Lande gehört. Sicher ist, daß bei gesellschaftlichem Aufstieg die Nachteile einer dunkleren Haut fast immer verringert und – blühen sogar aufgehoben werden. Jeder Brasilianer weiß, daß „Geld und Titel weiß machen.“ Ist der Mulatte ein reicher Geschäftsmann, so gehört er zu den „brancos“, ist er ein armer Arbeiter, so gehört er zu den „pretos“. Die Studentin ist eine „amarena“, die ebenso dürftige Putzfrau „nur“ eine Mulatin. Die besorgten Väter der Mittelstufe haben, daß ihre Töchter als Heiratungskandidaten einen Weißen oder einen – notfalls braunen – Akademiker präferieren. Ein Brasilianer, der es zu etwas gebracht hat, beweist das sich und seiner Umwelt gern mit einer helleren Frau.

Manche Soziologen meinen, daß die Rassensfrage in Brasilien weitgehend als Klassenfrage ist. Folgt man dieser Schule, so wird mit ihr nicht mehr aufzuhaltenden totalen Vermischung auch der letzte Rest an rassistischen Vorurteilen verschwinden. Für das Jahr 2000 sagt Gilberto Freyre die Vorherrschaft des braunen Brasilianers voraus. Dieser „amareno“ soll das Erbe der schon seit Jahrzehnten verkündeten Theorie des „abranqueamento“, der „Verweißung“ sein. Freyre hält es nicht für einen Zufall, daß dieser von rassistischen

Manche Soziologen meinen, daß die Rassensfrage in Brasilien weitgehend als Klassenfrage ist. Folgt man dieser Schule, so wird mit ihr nicht mehr aufzuhaltenden totalen Vermischung auch der letzte Rest an rassistischen Vorurteilen verschwinden. Für das Jahr 2000 sagt Gilberto Freyre die Vorherrschaft des braunen Brasilianers voraus. Dieser „amareno“ soll das Erbe der schon seit Jahrzehnten verkündeten Theorie des „abranqueamento“, der „Verweißung“ sein. Freyre hält es nicht für einen Zufall, daß dieser von rassistischen

Es kann nicht anders werden, wenn stiegen diese selbstgefälligen Applaudierer die „afrikanischen Motive“ die Schwarzen der vielgestaltigen Rassendemokratie vorgehalten werden. Doch man fragt sich, ob die fortwährenden Kritiker nicht ganz ihres Verstandes beraubt sind. Etwas schadet es nicht um die Nieder als um die Dasein zu gehen. Sie reden von „Integration“ und „Einbeziehung“ in die Revolution. Doch sie haben sie Gefahr, sich selbst zu betrogen. So wie die Soul-Fete in Rio weiß nicht viel mehr als ein modisches Torsion gegen Populärverfallserscheinungen.

Da die Fresse freigegeben ist, über die arsten, unpopulären Fälle von Diskriminierung zu berichten, und die die Miltarregierung die „konkretisierenden“ Fälle nicht unterdrücken, weil sie durch energiegeliche Verfolgung politische Punkte sammeln wollen, ist die „Rasse“ der Rassensprecher kein gefährlicher Schönfärbler. Die Miltar, die sich als Kontrollinstanz für einen brasilianischen Präsidenten entscheiden, werden sich in Zukunft auch an schwarze Admirale gewöhnen.

Wenn nicht alles anders wird, sind die Brasilianer dabei, eine demokratische zu verwirklichen. Wie sie bislang in keinem Land der Welt erreicht wurde, die Modell ist – trotz aller Einwände – wahrscheinlich schon so weit entwickelt, daß es kaum noch gefährdet werden kann. Es wird künftig gewiß schwarze Politiker geben, aber keine schwarzen Präsidenten. Die armen Schwarzen werden protestieren, aber nicht die Schwarzen, werden sie Anführer zusammen mit ihrer „armen weißen“ Nachbarn. Eine Revolution mit rassistischen Vorzeichen läßt sich nicht mehr vorstellen.

CONFIDENCIAL



201

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA CENTRAL

ENCAMINHAMENTO Nº 096/19/AC/77

DATA : 12 SET 1977
ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
ORIGEM : CENIMAR (PRG 20619/77)
REFERÊNCIA : INFÃO Nº 567/19/AC/77
DIFUSÃO ANT. : CIE-CISA-CENIMAR-DSI/MJ-CI/DPF
DIFUSÃO : SG/CSN
ANEXO : Cópia xerox da INFÃO Nº 2633/CENIMAR/77.



Em complemento à INFORMAÇÃO da referência, esta AC/SNI encaminha o documento anexo, que versa sobre o simpósio "Brasil Negro", realizado durante a XXIX Reunião Anual da "Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC".

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



MINISTÉRIO DA MARINHA

(Continuação da INFORMAÇÃO Nº 02633 /77 do CENIMAR 203.....)

sistema de produção para a sua periferia. Abordou, também, a formação do proletariado paulista, quando o negro foi expulso do centro do sistema o qual foi ocupado pelos imigrantes.

E, concluindo, disse CLOVIS MOURA que a Lei Aurea foi, apenas, o último capítulo de um processo de marginalização do negro que teve início ainda no bojo do sistema escravista e continua até hoje. O preconceito de cor é uma ideologia de barragem criada pela elite branca para impedir que grandes segmentos negros consigam ascender socialmente.

Ao final da palestra, seguiu-se a fase de debates, tendo o professor OTÁVIO IANNI salientado que o trabalho de MOURA seguia uma linha científica de análise porque partia do estudo das relações de produção.

- 5) - Além dos oradores, deveriam ter participado do simpósio os professores JUANA ELBOIN DOS SANTOS (da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no BRASIL, de SALVADOR), MARIA BEATRIZ DO NASCIMENTO (da Fundação Getúlio Vargas, do RIO DE JANEIRO) e CARLOS A. HASENBALG (da Universidade Cândido Mendes, do RIO DE JANEIRO), que não apresentaram seus trabalhos, por solicitação do professor OTÁVIO IANNI.
- 6) - Como se vê, intensifica-se a campanha visando incentivar antagonismos raciais no BRASIL, o que, certamente, acarretará perturbações da ordem política e social do País, caso não seja neutralizada. É evidente que a inclusão, na agenda da 29ª Reunião da SBPC, de assunto de tal natureza vai de encontro às aspirações ideológicas dos comunistas, materializadas no documento, "Resolução Política" do "VI Congresso do Partido Comunista Brasileiro", em seu item "V - Nossa Tática" que contém o seguinte, na parte referente aos intelectuais:
- " O papel da intelectualidade progressista é de grande relevo no combate à ditadura. Os comunistas devem atuar como elementos de estímulo e unificação da luta dos intelectuais em defesa da cultura nacional, pela liberdade de pesquisa e criação e de manifestação do pensamento". (grifo nosso). x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

CONFIDENCIAL

204



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

ENCAMINHAMENTO Nº 099 /19/AC/77

DATA : 21 SET 1977

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL

ORIGEM : PRG 20894/77

DIFUSÃO : SG/CSN - CIE - CISA - CENIMAR

ANEXO : Cópia xerox do pronunciamento do Dep Fed ADALBERTO CAMARGO - MDE/SP.



Encaminha-se, para conhecimento desse órgão, cópia do pronunciamento do Deputado Federal ADALBERTO CAMARGO, do MDB /SP, versando sobre a integração do negro na sociedade brasileira.

* * *

CONFIDENCIAL

31.08.77

O SR. ADALBERTO CAMARGO (MDB-SP. Pronúncia do seguinte

205

te Discurso. - Sr. Presidente, Srs. Deputados, há uma urgente necessidade de se reescrever, de forma interpretativa, a história dos afrobrasileiros no Brasil, estabelecendo-se uma relação de continuidade histórica que, vinda do passado, possa conduzir-nos a uma nova dimensão do papel dessa etnia em nossa história, incluindo suas perspectivas no presente, convenientemente dimensionadas para o futuro.

AGÊNCIA LEGAL
020994 08.9.77
PROTOCOLO

109622

Há, em realidade, um grande vazio, em termos de conhecimento, nesse campo. Esse reexame deve ser crítico, reformista onde se reavalie tudo o que existe sobre a história e sociologia do afrobrasileiro, ~~partindo do pressuposto de que o Quilombo não foi o reduto de escravos foragidos, mas sim uma sociedade alternativa que o afrobrasileiro criou. Ali se forjou um heroísmo ainda não evidenciado de brasileiros que deram a vida pela causa da liberdade.~~

Ao se extinguir, depois de 1950, o quesito "cor" do nosso senso demográfico, todas as raças aqui existentes foram declaradas participes de uma demografia racial.

O historiador norte-americano, de descendência africana, John Hope Franklin, catedrático de história da Universidade de Chicago, doutor "Honoris causa" por mais de vinte das principais universidades mundiais, declarou, após uma visita ao Brasil, em 1973:

31.08.77

O SR. AMALBERTO CARVALHO (1008-SP. Pronúncia 6º Semin-

205

te Discurso. - Sr. Presidente, Srs. Deputados, há uma urgente necessidade de se reescrever, de forma interpretativa, a história dos afrobrasileiros no Brasil, estabelecendo-se uma relação de continuidade histórica que, vinda do passado, possa conduzir-nos a uma nova dimensão do papel dessa etnia em nossa história, incluindo suas perspectivas no presente, convenientemente dimensionadas para o futuro.

020994 08.9.77
PROTÓCOLO

109622

Há, em realidade, um grande vazio, em termos de conhecimento, nesse campo. Esse reexame deve ser crítico, reformista onde se reavalie tudo o que existe sobre a história e sociologia do afrobrasileiro, ~~partindo do pressuposto de que o Quilombo não foi o reduto de escravos foragidos, mas sim uma sociedade alternativa que o afrobrasileiro criou. Aí se forjou um heroísmo ainda não evidenciado de brasileiros que deram a vida pela causa da liberdade.~~

Ao se extinguir, depois de 1950, o quesito "cor" do nosso senso demográfico, todas as raças aqui existentes foram declaradas participes de uma demografia racial.

O historiador norte-americano, de descendência africana, John Hope Franklin, catedrático de história da Universidade de Chicago, doutor "Honoris causa" por mais de vinte das principais universidades mundiais, declarou, após uma visita ao Brasil, em 1973:

"Têm-me garantido, aqui, que não há preconceito de cor no Brasil. Isso pode ser verdade. Mas como observador vindo de fora, fico impressionado com o número muito pequeno de afrobrasileiros em posições elevadas, de responsabilidade, influência ou poder. Pode ser que haja afrobrasileiros ocupando essas posições, mas eu não os encontrei. Quando digo afrobrasileiro refiro-me a pessoas de pele realmente negra como a minha. Não estou usando o critério adotado nos Estados Unidos em que basta uma gota de sangue negro para que se considere negra uma pessoa de pele clara. Não vi no Brasil número significativo de pessoas de pele escura ocupando posições destacadas. Nas atividades econômicas, políticas e culturais sua ausência é notória. Seu número é muito reduzido nas audiências das universidades. Não vi nenhuma afrobrasileira como aeromoça nem afrobrasileiros nos balcões de recepção das companhias aéreas, exceto os carregadores de bagagem".

E, mais adiante:

"Colocamos mais de duzentos parlamentares negros nas assembleias estaduais dos Estados Unidos; elegemos, no Norte e no Sul, treze representantes para o Congresso em Washington. Ao mes-

no tempo, foram conquistadas posições de destaque no mundo dos negócios. Não quero exagerar a importância de nossas conquistas, mas elas constituem inegáveis vitórias na rota de lutas que estamos seguindo. Observando o Brasil com os olhos de um negro americano, procuro sinais semelhantes de progresso e não os encontro. E então me pergunto: por que? Não adianta dizer que a maioria dos brasileiros tem sangue africano. A maior parte dos brasileiros que vejo em posições importantes é brasileiro branco."

A importância cultural do negro já é reconhecida. Segundo o eminente Presidente do Senegal, Leopold Sedar Sanghor: "a negritude é uma das grandes origens culturais da humanidade".

O estudo dos costumes e valores negros deu origem a mais uma ciência moderna, a "Africanologia", muito complexa ainda devido a diversificação das tribos africanas.

O censo de 1890 mostrou que a população brasileira era composta de 55% de Afrobrasileiros e 45% de outras etnias. Nessa época, as diferenças de "status" se baseavam exclusivamente na cor da pele.

~~A ideia do "Grupo Palmares", criado em 1971 em Porto Alegre, com a finalidade de levantar o patrimônio histórico e cultural do afro-brasileiro, para que ele conheça sua verdadeira história no Brasil, para erradicando complexos, participar da sociedade brasileira consciente de seu valor, integrando-a, sem alienação de sua cultura, - acha que o "13 de Maio" - Abolição da Es-~~

no tempo, foram conquistadas posições de destaque no mundo dos negócios. Não quero exagerar a importância de nossas conquistas, mas elas constituem inegáveis vitórias na rota de lutas que estamos seguindo. Observando o Brasil com os olhos de um negro americano, procuro sinais semelhantes de progresso e não os encontro. E então me pergunto: por que? Não adianta dizer que a maioria dos brasileiros tem sangue africano. A maior parte dos brasileiros que vejo em posições importantes é brasileiro branco."

A importância cultural do negro já é reconhecida. Segundo o eminente Presidente do Senegal, Leopold Sedar Senghor: "a negritude é uma das grandes origens culturais da humanidade".

O estudo dos costumes e valores negros deu origem a mais uma ciência moderna, a "Africanologia", muito complexa ainda devido a diversificação das tribos africanas.

O censo de 1890 mostrou que a população brasileira era composta de 55% de Afrobrasileiros e 45% de outras etnias. Nessa época, as diferenças de "status" se baseavam exclusivamente na cor da pele.

A idéia do "Grupo Palmares", criado em 1971 em Porto Alegre, com a finalidade de levantar o patrimônio histórico e cultural do afro-brasileiro, para que ele conheça sua verdadeira história no Brasil, para erradicando complexos, participar da sociedade brasileira consciente de seu valor, integrando-a, sem alienação de sua cultura, - acha que o "13 de Maio" - Abolição da Es-

~~cravatura ou Dia da Raça - não merece as comemorações que se lhe
voiam, porque o afrobrasileiro não tem porque se ufanar dele.~~ A
Abolição, antes de ser uma dádiva, foi uma necessidade econômica.
Ela teve inúmeras outras causas, mas provavelmente a última e a
menos significativa foi o sentimento humanitário.

Ainda hoje verificamos (e toda esta Casa tem conhe-
cimento) atos de preconceito racial amplamente divulgados por nos-
sa imprensa, ocorrendo na Bahia, no Rio Grande do Sul, no Espíri-
to Santo, no Rio de Janeiro, no Amazonas, em Minas Gerais e em São
Paulo - a tal ponto que houve até necessidade de se exigir a inter-
venção pessoal de Sua Excelência o Presidente Geisel e do Ministro
da Justiça, para punir os infratores da Lei dos Direitos Humanos.

Lamentavelmente, entretanto, Sr. Presidente, mesmo
após a intervenção pessoal do Presidente Geisel, aqui mesmo na Ca-
pital da República, nas cercanias do Congresso Nacional e diante
da presença do Governo, a imprensa brasili-

cravatura ou Dia da Raça - ~~não merece as comemorações que se lhe
votam, porque o afrobrasileiro não tem porque se ufanar dele.~~ A
Abolição, antes de ser uma dádiva, foi uma necessidade econômica.
Ela teve inúmeras outras causas, mas provavelmente a última e a
menos significativa foi o sentimento humanitário.

Ainda hoje verificamos (e toda esta Casa tem conhe-
cimento) atos de preconceito racial amplamente divulgados por nos-
sa imprensa, ocorrendo na Bahia, no Rio Grande do Sul, no Espíri-
to Santo, no Rio de Janeiro, no Amazonas, em Minas Gerais e em São
Paulo - a tal ponto que houve até necessidade de se exigir a inter-
venção pessoal de Sua Excelência o Presidente Geisel e do Ministro
da Justiça, para punir os infratores da Lei dos Direitos Humanos.

Lamentavelmente, entretanto, Sr. Presidente, mesmo
após a intervenção pessoal do Presidente Geisel, aqui mesmo na Ca-
pital da República, nas cercanias do Congresso Nacional e diante
da presença do Governo, a imprensa brasili-

ense registra anúncio pago de uma multi-nacional, mais precisamente da Sears (contra a qual nada tenho a opor no plano comercial ou empresarial, mesmo porque ela disciplinadamente traz seu investimento para o nosso desenvolvimento, levando em contrapartida o lucro e as regalias). Mas essa multinacional não tem o direito de exportar, para a nossa sociedade, o câncer do racismo, que aflige toda a humanidade.

Aí está o anúncio: "Correio Braziliense", terça-feira, 23 de agosto de 1977, segundo caderno, página 17. A agressão é flagrante:

"SEARS PROCURA LOURAS;"

Ora, Sr. Presidente, Srs. Deputados, se as pessoas de pele clara têm acesso ao mercado de trabalho, pergunto eu: Por que as pessoas de pele escura não podem livremente participar desse mercado? Será que eles se esquecem, Sr. Presidente, de que as pessoas de pele escura, neste país de alto índice de miscigenação, representam um grande mercado de consumo, que atinge aproximadamente de 40 a 50% da população, os quais, para comprar não sofrem qualquer tipo de discriminação? Acredito que estas minhas observações preocupam também esta Casa, o Governo e todo o povo brasileiro.

Mas, voltando à Abolição. O braço escravo, à época, não interessava mais, porquanto a sociedade estava se transformando rumo à industrialização, onde valia mais a mão-de-obra especializada do imigrante do que o braço do afrobrasileiro inculto. Por outro lado, havia o Movimen-

to Republicano, que o Império pretendia esvoziar, tirando-lhe das mãos a bandeira do abolicionismo.

A ausência de um programa de integração junto com a Lei Áurea, manteve o afrobrasileiro inferiorizado.

O Quilombo dos Palmares, entre Alagoas e Pernambuco, representou quase um século de liberdade para uma civilização de 30 mil afrobrasileiros em pleno Brasil-Colônia.

Consoante o Grupo Palmares, é tomando conhecimento desses fatos que o afrobrasileiro fica sabendo que possui uma história de que vai se orgulhar, e vai participar de forma mais positiva da sociedade brasileira, autovalorizando-se, atitude mais real do que integrar-se às custas de sua alienação cultural. Ao se orgulhar de ser afrobrasileiro, ele vai superar seus complexos, que vão cair por terra quando lembrar Palmares.

Hoje, ainda temos o grosso da população afrobrasileira marginalizada. Apenas uns poucos conseguiram um lugar melhor, graças ao seu esforço pessoal, vencendo o próprio sentimento de inferioridade e a resistência consciente ou inconsciente de uma minoria da sociedade.

Esse trabalho de conscientização cultural, por isso, é de grande valia e necessidade.

Embora não tenha recebido nenhuma indenização depois da Abolição, o mínimo de concessão que poderia ser dada ao afrobrasileiro seria o direito de trabalhar livre de pressões e preconceitos.

O professor americano Eloyd Gaffney, também de origem africana, da Universidade da Califórnia, ao fazer uma conferência em 1972 na Universidade de São Paulo, sobre a arte negra nos Estados Unidos, observou: "O afrobrasileiro revela um total desconhecimento de sua condição social e está alheio às lutas de seu tempo. É como se estivesse a um passo apenas da escravidão, lembrando muito a situação do negro norte-americano há 25 anos atrás, quando se mantinha em posição contemplativa."

Antropólogos modernos afirmam que as mais antigas culturas humanas, senão mesmo a própria humanidade, tiveram seu berço no Continente Africano.

A Exposição de Arte Africana Primitiva, realizada em 1972 no Museu do Homem, em Paris, representou uma espantosa revelação do amadurecimento cultural e artístico do africano primitivo.

Tudo isto está levando a uma rápida e ampla revisão de velhos conceitos depreciativos da raça negra.

Na África Ocidental, de onde vieram para os Estados Unidos, Antilhas e Brasil grande parte dos escravos que ajudaram a desenvolver a economia do Novo Mundo, existiam, na época, poderosos estados, como os de Mali, Songhai, Kanem, Bornu e outros, em plena expansão, antes do aparecimento dos europeus.

Segundo, ainda, o Censo de 1950, tínhamos a seguinte composição da população brasileira:

Afrobrasileiros - 37,6%

Outras etnias - 62,4%

Posição do ensino em diferentes níveis:

	Elementar	Médio	Superior
Afrobrasileiros	14,51%	4,89%	2,54%
Outras etnias	85,49%	95,11%	97,46%

Estes dados evidenciam o posicionamento dos afrobrasileiros no contexto sócio-econômico brasileiro nos idos de 1950, quando possuímos estatísticas sobre as várias etnias. Evidentemente, de 1950 a 1977, percorremos um longo caminho pontilhado de acontecimentos que por certo influenciaram, de forma positiva, o desenvolvimento econômico, social e político de nossa sociedade, influenciando também, paulatinamente, na evolução dos descendentes de africanos.

No fundo, as posições de desvantagem do afrobrasileiro em nossa estrutura sócio-política-econômica-cultural vêm condicionando as formas de sua participação e integração ao sistema de classes, dificultando-lhe a evolução, em lugar de ser estimulada sua rutura com o passado e sua superação.

A Declaração das Nações Unidas sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial, proclamada em 20 de novembro de 1963, sob a forma de Resolução nº 1.904, estabelece, em seu artigo 1º:

"A discriminação entre os seres humanos por motivos de raça, cor ou origem étnica é um atentado contra a dignidade humana e deve condenar-se como uma negação dos princípios da Carta das Nações Unidas, uma violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamadas na Declaração Universal de Direitos Humanos, um obstáculo para as relações amistosas e pacíficas entre as nações e um fato susceptível de perturbar a paz e a segurança entre os povos."

O Brasil teve seus primeiros passos na senda da civilização, guiado pelos imigrantes afro-lusitanos. Nesta terra, o africano encontrou um lar onde pôde contribuir para fazer de um país desconhecido uma nação que se envaldece de suas origens e alça vôos auspiciosos em direção de um grande futuro.

Aqui, cada Estado cresce como nação, dentro da Nação imensa, una e indissolúvel.

Neste cenário, a afrobrasilidade não mais está preparada para desempenhar o papel de vítima da História. Espera, com compreensão das autoridades constituídas obter a melhor forma de participação na sociedade brasileira, em condições de igualdade com qualquer das raças que vieram amalgamar-se neste imenso laboratório, onde se forja a expressão de uma nova humanidade.

Contra todas as vicissitudes, o afrobrasileiro nunca deixou de contribuir, com seu trabalho, com seu suor, com seu talento, com sua culinária, com sua religião e, sobretudo, com sua sinceridade, para impulsionar esta terra, à qual se deu inteiramente.

Se se sentia desprotegido no passado, o que agora cumpre-lhe fazer é reunir recursos, o intercâmbio de suas experiências, afim de descobrir novas verdades, novos caminhos, novos conhecimentos que o induzam a um novo papel na história desta grande Nação.

Não podemos deixar de nos deter, numa análise mais profunda, da erradicação no mundo, das diferentes formas de colonialismo, notadamente, na África.

os africanos e seus descendentes nos transmitiram e que estão a desafiá-los os estudiosos. Existe, realmente, uma fraternidade de sangue e de cultura a ligar, por cima do Atlântico, brasileiros e africanos.

~~Portanto, nós afrobrasileiros, diante destes acontecimentos, não podemos mais viver em atitude contemplativa, engajando firmemente no processo político-econômico, em todos os níveis da vida nacional, colaborando assim para com a política externa do Governo, sobretudo aquela direcionada para o Continente Africano, que nos enseja o retorno às origens, sem, contudo, voltar ao passado.~~

os africanos e seus descendentes nos transmitiram e que estão a desafiá-los os estudiosos. Existe, realmente, uma fraternidade de sangue e de cultura a ligar, por cima do Atlântico, brasileiros e africanos.

Portanto, nós afrobrasileiros, diante destes acontecimentos, não podemos mais viver em atitude contemplativa, engajando firmemente no processo político-econômico, em todos os níveis da vida nacional, colaborando assim para com a política externa do Governo, sobretudo aquela direcionada para o Continente Africano, que nos enseja o retorno às origens, sem, contudo, voltar ao passado.

A T E N Ç Ã O:

O original deste documento (com 3 folhas) foi apresen-
tado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua
leitura completa no original nem na microficha.

216

É uma nova era. E esta nova era há que ser solenemente im-
plantada neste Século XX, precisamente na década de 70. Todas estas consi-
derações fizeram com que este Deputado, que representa nesta Casa o Estado
de São Paulo desde 1957 e que aqui convive fraternalmente com seus Pares,
vislumbrando o futuro promissor de nosso país, propusesse ao Congresso Na-
cional projeto de lei instituindo o "Dia da Comunidade Afrobrasileira", já
aprovado, por unanimidade, em todas as Comissões Técnicas desta Casa, o
qual, aprovado no Legislativo e em seguida sancionado pelo eminente Presi-
dente da República, dará ao Brasil a extraordinária oportunidade de resga-
tar a grande dívida que contraiu ao longo da história com o povo daquele
Continente, homenageando, com dignidade e altivez, na dimensão da importân-
cia da contribuição que os africanos e seus descendentes deram para a for-
mação econômica, social e política desta grande Nação.

Não existe, é sabido, no sistema brasileiro, obstáculos que
impeçam a evolução da grande coletividade afrobrasileira nos quadros soci-
ais do Brasil, em termos de proibição. Essa evolução é permitida a todos,
só que, para o afrobrasileiro, muitas das vezes, ela se torna quase ina-
tingível. Esta constatação, porém, não leva a incentivar, nessa coletivida-
de, os ressentimentos justos que lhe ocorrem diante de obstáculos invisí-
veis, mas detectáveis à nossa sensibilidade, opostos pelo saudosismo obscu-
ro de uns e pela deformação psicológica de outros.

A coletividade afrobrasileira importa sim, afirmar-se cada
vez mais, pelo trabalho sério e pelo seu aprimoramento sócio-político-cul-

tural, buscando a luz do sol na sociedade nacional e a sua possível e válida presença nas decisões dos destinos da pátria.

Sem a contribuição do labor e da inteligência dos diversos grupos alienígenas que constituem a heterogeneidade de nossas raízes étnicas, não comporíamos este valoroso povo, cujas metas de desenvolvimento e grandeza se revestem daquele colorido essencial de uma democracia humana, revelando nos matizes mais diversos das origens de sua gente, a intenção decidida de edificar um pensamento brasileiro, voltado para a convivência fraterna e universal, sem intolerância de qualquer espécie.

Por outro lado, Sr. Presidente e Srs. Deputados, a África de hoje, estuante de força, entusiasmo e coragem, dá sua arrancada final rumo ao desenvolvimento, que deve consolidar e completar sua emancipação política e econômica.

Vai longe o tempo em que o generoso Continente Africano apenas sofria o tratamento discricionário de seus colonizadores. Sua população realiza agora, aos olhos do mundo, uma engrandecedora cruzada de educação e progresso, que integra o esforço uníssono de centenas de milhões de seres, sedentos de justiça econômica e social e determinados a levar avante a gloriosa obra de autodesenvolvimento.

Com o mapa do Continente Africano povoado de nações politicamente independentes, enquanto o surto de nosso desenvolvimento alcançou níveis internacionalmente expressivos, voltamo-nos para a grande África, ansiosos de partilhar com as suas comunidades nacionais as possibilidades

que devam fluir de um intercâmbio mais direto, amplo, e mesmo agressivo, em todos os setores de atividades comerciais, culturais e diplomáticas.

de se perdem na poesia dos séculos as origens históricas do último relacionamento da África com o Brasil. Importa agora a visão de nossa realidade atual, que se afirma na necessidade de desenvolver e integrar os nossos continentes, numa civilização feita de trabalho, solidariedade, cooperação eficaz e entusiasmo construtivo.

Era o que tinha para dizer.

CONFIDENCIAL



219

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 728 /19/AC/77



DATA : 30 SET 77

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
: CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA - CONGADA

ORIGEM : PRG 19716/77

REFERÊNCIA : INFÃO Nº 567/19/AC/77

DIFUSÃO : SG/CSN - CIE-CISA-CENIMAR-CI/DPF

ANEXOS : A) Cópia xerox dos estatutos da entidade em epígrafe.
B) Cópia xerox da Lei nº 7707, de 07 Jan 77, da Municipalidade de SÃO CARLOS/SP, que declara a entidade em epígrafe como de utilidade pública.

1. O CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA "CONGADA" é uma entidade civil, com sede e foro na Comarca de SÃO CARLOS/SP e tem suas finalidades constantes dos estatutos sociais, registrados no Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas local, em 20 Set 76, sob número de ordem 997. Foi fundada em 14 Abr 76 (ANEXO A).

2. DIRETORIA

a. ISMAEL ANTÔNIO FREIRE, presidente, de cor preta, brasileiro, solteiro, natural de PRESIDENTE PRUDENTE/SP, nascido a 20 Mar 51, filho de MANOEL ANTÔNIO FREIRE e de FELÍ

CONFIDENCIAL

CIA GAMA DE ALMEIDA FREIRE, Título Eleitoral 195.895, da 118ª Zona, residente à rua 28 de Setembro nº 2741, aluno da Universidade Federal de SÃO CARLOS.

b. FERNANDO BERTO JÚNIOR, vice-presidente, de cor preta, brasileiro, solteiro, nascido em SANTOS/SP, aos 20 Mai 55, filho de FERNANDO BERTO e de ISABEL MOURTHE BERTO, residente à Rua D. Alexandrina nº 239, SÃO CARLOS e Rua Miguel Roda Corrêa nº 138, SANTOS, RG-6 897 803, aluno da Universidade Federal de SÃO CARLOS.

c. SEBASTIÃO CASSIANO RESENDE, tesoureiro, de cor preta, brasileiro, solteiro, DLN, SÃO JOÃO DEL REY/MG, aos 20 Ago 53, filho de SEBASTIÃO C. DE OLIVEIRA e de MARIA C.R. DE OLIVEIRA, residente à Alameda das Azaléias nº 281, SÃO CARLOS, aluno da Universidade Federal de SÃO CARLOS, RG-8 761 632, Título Eleitoral 200084, 33ª Zona, Capital.

d. NILSON CASEMIRO PEREIRA, secretário, de cor preta, brasileiro, solteiro, RG-5 243 127, profissão Técnico de Laboratório da Universidade Federal de SÃO CARLOS, residente à Alameda das Azaléias nº 281, SÃO CARLOS.

e. SÔNIA GUIMARÃES, diretora cultural, de cor preta, brasileira, solteira, DLN SÃO PAULO/SP, 20 Jan 56, filha de JOSÉ DE SOUZA GUIMARÃES e de CLÉLIA DOS SANTOS GUIMARÃES, RG-7 167 607, aluna da Universidade Federal de SÃO CARLOS.

3. POSIÇÃO IDEOLÓGICA

Dos diretores que compõem a sociedade apenas o presidente, ISMAEL ANTÔNIO FREIRE, possui registros no DEOPS, pois tem participado de toda movimentação estudantil da Universidade Federal de SÃO CARLOS e Escola de Engenharia, como distribuição de panfletos, passeatas, concentrações, assembleias, etc. Quando de uma concentração estudantil na Praça da Catedral, SÃO CARLOS/SP, no dia 05 Mai 77, foi notada a sua participação ativa, "dirigindo" o trânsito no meio da Avenida São Carlos.

A Associação, em si, não tem despertado a atenção dos órgãos de segurança da área, a não ser a atividade individual do seu presidente.

4. ATIVIDADES

Em 14/15 Abr 77, quando das comemorações do primeiro aniversário da entidade, fez ela realizar, nas dependências da Universidade Federal de SÃO CARLOS, um torneio esportivo que teve como encerramento um baile no dia 15.

Nessas comemorações estiveram presentes cerca de 80 pessoas, todas de cor, pertencentes as seguintes entidades:

- a. "Instituto de Pesquisa das Culturas Negras do RIO DE JANEIRO" - RJ.
- b. "Centro de Estudo BRASIL-ÁFRICA" - NITERÓI.
- c. "Centro Comunitário Afro-Brasileiro" - SÃO PAULO/SP.
- d. "Centro de Cultura Artes Negro" - SÃO PAULO /SP.
- e. "Grupo de Teatro Evolução" - CAMPINAS/SP.
- f. "Centro de Estudos Culturais Afro-Brasileiro Zumbi" - RIO CLARO/SP.

5. Pela Lei 7707, de 07 Jan 77, da municipalidade de SÃO CARLOS, foi a Entidade declarada de utilidade pública (ANEXO B).

* * *

A T E N Ç Ã O:

O original deste documento (com 7 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

ESTATUTOS DO CENTRO DE CULTURA AFRO BRASILEIRA

CAPÍTULO - I - DA SEDE, FINALIDADE E ASSOCIADOS

ARTIGO - I -

Fica criado com sede e foro jurídico na Câmara da cidade de São Carlos, em 14 de abril de 1976, o Centro de Cultura Afro Brasileira uma sociedade civil, com fins sociais, culturais, recreativos e esportivos, assim definidos:

- I - Promover, incentivar e apoiar toda e qualquer manifestação cultural que venha favorecer a formação intelectual de seus participantes e de membros do Centro, que a seu juízo seja merecedores;
- II - Realizar ciclos culturais, cinematográficos, conferência, seminários, cursos, exposições, congressos, encontros, bem como qualquer manifestação artística com participação de seus membros ou de outras pessoas estranhas ao Centro, mas que tenha-se destacado na vida cultural ou artística do país;
- III - Incentivar a criatividade e a pesquisa, divulgando trabalho de reconhecido valor, realizado por seus sócios, que mesmo sendo iniciantes necessitem de apoio e estímulos;
- IV - Desenvolver, quando possível, toda e qualquer manifestação social, recreativa e esportiva, proporcionando aos sócios e suas famílias, participação efetivas em reuniões sociais, recreações na sede ou fora dela, divertimentos, atividades esportivas, objetivando maior conagração entre seus sócios e que servam para unir e confraternizar a grande família associativa;
- V - Coibir qualquer manifestação, interna ou externamente, de caráter político-religioso ou discriminatório, por parte de seus sócios ou de quem a este já representando, tendo em vista que o CENTRO independe de doutrinas, religiosas ou filosóficas.

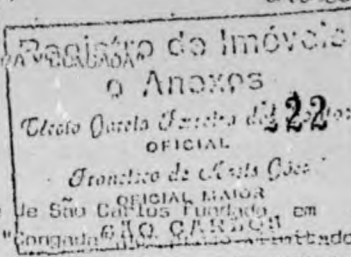
ARTIGO II - Para realizar suas finalidades, o CENTRO promoverá:

- I - A instalação de sua sede social, organizada nos moldes a alcançar os seus objetivos;
- II - A criação de entidade para o levantamento de fundos necessários a manutenção do CENTRO e execução de seus objetivos;
- III - A constituição de um quadro social contribuinte, necessário à manutenção financeira do CENTRO e execução de seus objetivos, maiores detalhes com relação a associados será dado em Regimento Interno;
- IV - O relacionamento direto com instituições congêneres no Brasil ou no Exterior, objetivando o maior intercâmbio socio-cultural;
- V - Constituir meios de seu patrimônio cultural, artístico e econômico, beneficiando-se das doações particulares de entidades nacionais ou de organizações internacionais através desse CENTRO;
- VI - Organizar atividades sociais, recreativa e esportiva que venham a contribuir com os objetivos de seus fins.

PARÁGRAFO ÚNICO: Os associados não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações contraídas pelo CENTRO.

ARTIGO III -

Os membros da administração não receberão, sob títulos algum, pagamento por suas atividades diretas do CENTRO.



CAPÍTULO II

Do Patrimônio, da Receita e da Despesa.

ARTIGO Nº IV

O Patrimônio do Centro de Cultura Afro Brasileira "Cangada" será constituído pelas bens, Móveis e Imóveis que possua ou venha a possuir, pelas mensalidades e doações dos associados, e por outros recursos legalmente adquiridos.

ARTIGO Nº V

A receita e despesas poderão ser ordinárias ou extraordinárias, devendo as despesas basear-se em orçamento prévio, estabelecidos pela Diretoria.

PARÁGRAFO ÚNICO: Os balanços anuais do centro após aprovados pela Diretoria e pelo Conselho fiscal deverão ser apresentados em assembléia geral para aprovação final.

CAPÍTULO III

Da Administração

ARTIGO VI

A administração do Centro será exercida por três órgãos que são:

- a) Assembléia Geral
- b) Conselho Deliberativo
- c) Conselho Fiscal

ARTIGO VII

Assembléia Geral que será o órgão soberano e fiscalizador do Centro, sendo composta do número mínimo de um terço dos associados com direito a voto, em primeira convocação, devendo reunir-se ordinariamente uma vez por ano para apreciação do balanço e de outras providências.

PARÁGRAFO I

De dois em dois anos a Assembléia Geral Ordinária se transformará em Assembléia Eleitoral para eleger a Diretoria e os Conselhos Fiscal e Deliberativo;

PARÁGRAFO II

Extrordinariamente funcionará a Assembléia Geral, sempre que solicitada a atender os interesses do Centro ou de associados prejudicados;

PARÁGRAFO III

A Assembléia Geral será presidida por um associado escolhido pela própria Assembléia

Folha n.º 2.
Proc. C. n.º 94174

e a quem compete escolher um secretário e dar outras providências;

PARÁGRAFO IV

Dar-se-á novas providências e se regulará a matéria em Regime Interno.

ARTIGO VIII

A Diretoria será constituída dos seguintes membros: Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro e Diretor Cultural; eleitos em Assembleia Geral com mandato de dois anos.

PARÁGRAFO I

Os membros da Diretoria, poderão (ou não poderão se for o caso) ser reeleitos para os mesmos cargos em eleições sucessivas.

PARÁGRAFO II

A Diretoria poderá se dividir em subdivisões, setores ou comissões.

PARÁGRAFO III

Dar-se-ão novas providências em Regimento Interno.

ARTIGO IX

O Conselho Fiscal será composto de três membros efetivos e dois ou três suplentes, eleitos em Assembleia Geral com mandato idêntico a Diretoria.

ARTIGO X

Conselho Deliberativo será composto de cinco membros efetivos e cinco ou quatro suplentes, eleitos em Assembleia Geral com mandato idêntico ao da Diretoria.

CAPÍTULO IV

Das competências.

ARTIGO XI

Compete a assembleia geral:

- a) Modificar os estatutos;
- b) Eleger a Diretoria, o Conselho Fiscal e o Conselho Deliberativo;
- c) Resolver os casos omissos

ARTIGO XII

Compete ao conselho deliberativo

- a) Aprovar ou deixar de aprovar as decisões tomadas pela diretoria
- b) Aprovar ou deixar de aprovar as inscrições de associados
- c) Reunir-se ordinariamente uma vez por mês para tratar dos diversos assuntos e aprovações do balancete mensal e extraordinariamente todas as vezes que julgar conveniente lavrando ata em livro próprio.
- d) Redigir e aprovar e por em execução o regime interno, baseado nas normas deste estatuto e criar setores subdivisões e comissões.

PARÁGRAFO ÚNICO

Em especial compete

a) Ao Presidente

- 1- Instaurar e presidir a abertura das Assembleias Gerais,
- 2- Convocar e presidir as reuniões da diretoria,
- 3- Movimentar o dinheiro das entidades e receber em nome da mesma, subvenções e auxílios e outros bens assinando em conjunto com o tesoureiro,
- 4- Representar o grupo ativamente e passivamente, em juízo e foro dele, assinando a documentação necessária.

b) Ao Vice-Presidente

Na ausência do presidente cabe ao vice presidente assumir toda responsabilidade do presidente perante o grupo.

c) Ao Secretário

- 1-Lavrar as atas de reunião de Diretoria;
- 2-Tratar da correspondência do centro e avisos internos dos associados.

d) Ao Tesoureiro

- 1- Ter sobre sua guarda os livros contábeis e nelas escriturar os movimentos financeiros da entidade, responsabilizando-se pelos dinheiros do centro em seu poder;
- 2- Assinar em conjunto com o Presidente, conforme o previsto no item III, letra A deste parágrafo;
- 3- Apresentar balancetes mensais para aprovação da Diretoria anuais para aprovação do conselho fiscal e Assembleia Geral.

ARTIGO XIII

Compete ao Conselho Fiscal:

- a) Fiscalizar os livros contas e documentos da entidade
- b) Aprovação ou não do balanço anual do grupo
- c) Reunir-se, elegendo um Presidente entre seus membros, lavrando o ato em livro próprio, sempre que se fizer necessário.

ARTIGO XIV

Compete ao Conselho Deliberativo:

- 1- Sempre que for necessário ele interverá liberando ou não liberando, as decisões da Diretoria

ARTIGO XV

As competências serão mais detalhadas em Regime Interno.

CAPITULO V

Da Dissolução

ARTIGO XVI

O Centro de Cultura Afro Brasileira "Congada" não poderá ser considerado dissolvido en quanto existir um associado interessado na continuação, de suas atividades.

PARÁGRAFO 1

A omissão de seis reuniões ordinárias da Diretoria ou manifestação patenteada de falta de atividades, caracteriza a dissolução do Centro, podendo neste caso qualquer interessado tomar as providências cabíveis e dissolutivas;

PARÁGRAFO 2

Resolvida a dissolução esta deverá ser feita por uma comissão de três membros, que lavrará ata competente; em caso de dissolução o patrimônio do grupo deverá ser doa do ao Instituto de Pesquisas e Culturas Negras, Rio de Janeiro, como entidade con-
gêneras com os mesmos objetivos para ser usada em benefícios do que melhor lhe con-
vier.

Ass no 7 -
Pica. C. 11/1991

227

CAPÍTULO VI

Das disposições gerais:

ARTIGO XVII

O presente estatuto, aprovado em Assembleia Geral da 14/4/1976 entra em vigor nesta mesma data e só poderá ser alterado em todo ou em parte, por resolução da assembleia geral, para tal fim convocada e com as devidas explicações dos motivos.

CIDADE: SÃO CARLOS 24 de abril de 1976

PRESIDENTE João Antonio Freire
 VICE PRESIDENTE Luiz Antonio Pereira
 TESOUREIRO M. M. Oliveira
 SECRETARIO Edilson Guimarães
 DIRETOR CULTURAL João Guimarães

2º Cartório de Notas
 Em testamento
 [Signature]
 Selo: FOR VERA
 Cartório de Notas
 Escrivão Autorizado
 Cartório do 2.º Ofício
 SÃO CARLOS

Selo e assinatura da esposa autorizada a ser feita pelo testador em
 [Signature]
 Junta Cartório de São Carlos

2º Cartório de Notas
 Em testamento
 [Signature]
 Selo: FOR VERA
 Cartório de Notas
 Escrivão Autorizado
 Cartório do 2.º Ofício
 SÃO CARLOS

Jorge Carlos de Almeida, Registrador do Títulos e Documentos da
 Comarca de São Carlos - SP

Protocolado sob nº 116 em 20 de 04 de 1976
 Interfirmado em 1976
 Registrado sob nº 917 em 20 de 04 de 1976
 Livro nº 100 e 101 de 1976
 5º Oficial [Signature]



Est. de S. Paulo

Câmara Municipal de

Processo nº 154
Folha n.º 36
Esp. C. M. 1977
São Carlos

228

LEI Nº..... 7707.....
de...07ro...Janeiro.....de 1977.-

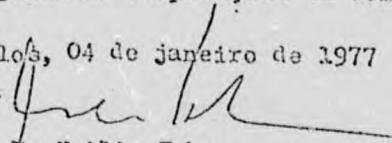
Considera de utilidade pública o "CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA CONGADA".

A Câmara Municipal de São Carlos aprovou e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - É considerado de utilidade pública o "Centro de Cultura Afro-Brasileira Congado", sediada nesta cidade de São Carlos.

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

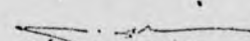
São Carlos, 04 de janeiro de 1977


Dr. Emilio Fehr
PRESIDENTE

~~Dr. Alvaro Gomes~~
1º SECRETÁRIO

PROMULGO E SANCIONO A PRESENTE LEI.

Em 07/01/77


MÁRIO MAFFEI
Prefeito Municipal

CONFIDENCIAL



GTC e dêu vistas:
Sec. Part/PR e Ch. Gab. Civ/PR

Em 16 / NOV / 77.

229

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL



INFORMAÇÃO Nº0822/19/AC/77

DATA : 26 OUT 77

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
: BLACK RIO E BLACK SÃO PAULO

ORIGEM : CISA (PRG 24387/77)

REFERÊNCIA : INFÃO 410/19/AC/77 (menos para a ARJ)

DIFUSÃO ANT. : CENIMAR - CIE

DIFUSÃO : CH/SNI - SG/CSN - CI/DPF - ARJ/SNI

ANEXO : Cópia xerox de recortes do jornal "ÚLTIMA HO -
RA", do RIO DE JANEIRO/RJ, edição de 22 Set. 77.

1. Realizou-se no dia 16 Jul 77, no Ginásio do Sport Club Corinthians Paulista, em SÃO PAULO/SP, o "I Festival de Música Black de São Paulo", com propaganda nas rádios paulistas e com a presença de TONI TORNADO, GERSON KING COMBO e, aproximadamente, 10.000 jovens. Quando do início de sua apresentação, GERSON KING COMBO, que se auto-intitula "Rei dos Blacks", disse que os brancos estavam querendo boicotar sua apresentação naquele show e que os "brother's" tomassem cuidado com eles, referindo-se às dificuldades encontradas por sua banda "black" para conseguir emprestada a aparelhagem de som pertencente à "Columbia Broadcasting System - CBS", que se encontrava no local para o lançamento do cantor TONY BIZARRO.

2. A fala de GERSON serviu para acirrar os ân-

CONFIDENCIAL

mos dos jovens negros, o que chegou a gerar um princípio de tumulto e brigas logo contemporizado com a saída dos brancos do local.

3. No dia 03 Set 77, no Ginásio do Madureira Esporte Clube, no RIO DE JANEIRO/RJ, realizou-se o "I Encontro Nacional dos Black's" (reportagem anexa). O encontro foi empresarializado por EDSON PAES e RÔMULO COSTA, da equipe de música "soul" "Furacão 2.000", e por Monsieur LIMA, da TV TUPI e também com interesses na equipe de música "soul". Aproximadamente 15000 jovens, em quase sua totalidade negros, lotaram completamente o ginásio, vestidos à moda "Black" (cabelos cheios, calças "boqui-nhas", camisas extravagantes, sapatos de saltos altos e em cores berrantes, turbantes indianos) cumprimentando-se com os punhos cerrados e fazendo a saudação idêntica à do negro norte-americano.

Os jovens negros, aparentemente liderados por GERSON KING COMBO, que não compareceu, tudo faziam para perturbar os poucos brancos presentes ao show, em sua maioria pertencentes à banda ou ligados à CBS que, aproveitando o evento, fazia, no RIO DE JANEIRO, o lançamento de seus artistas TONY BIZARRO, ROBSON JORGE, RONALDO e o Maestro LINCOLN OLIVETTI, elementos totalmente alheios ao "Movimento Black". LINCOLN OLIVETTI, ao chegar, teve problemas para alcançar o palco devido ao aglomerado de "Black's", que dificultavam o trânsito de pessoas, principalmente de cor branca, sendo chamado de "branco racista e colonialista"; "boneco branco de SÃO PAULO"; e, ainda, provocado com empurrões e palavras de baixo calão. Os outros elementos brancos sofreram coerção análoga a do maestro.

TONI TORNADO, cantor negro já bastante conhecido, inclusive por sua atuação no movimento racista, se apresentou, acompanhado de sua banda, conversando, antes, com seus "brother's" (tratamento indispensável dos "Black's) sobre o "Mo

vimento". Disse que, no momento, não pretende ser o líder dos "Black's", já que, atualmente, o líder é o GERSON KING COMBO, mas que está estudando bastante para chegar a ser o líder e que, "os "Black's" necessitam se situar neste País, mas para isso precisam estudar mais, procurando atingir uma situação superior à atual. Após uma longa dissertação, entremeada de gíria própria dos "Black's", TONI TORNADO anunciou seus próximos shows, dizendo que não tinha a pretensão de fazer um som igual ao dos negros norte-americanos, mas que faria o possível para realizar algo parecido, a fim de que os "brother's" pudessem "curtir" e dançar bastante. Afirmou, ainda, que os possuidores de algum problema deveriam ir até lá fora, curtissem a sua e voltassem numa "boa", numa clara alusão ao uso de tóxicos.

4. O "Movimento Black" originou-se nos ESTADOS UNIDOS, com uma maior divulgação de música "soul", que, através das multinacionais da música, penetrou em todos os países com população negra jovem, onde essas próprias empresas incentivam o movimento com o intuito de auferir lucros com a venda de discos. No BRASIL, por intermédio da "Companhia Brasileira de Discos Fonogram - CBD", subsidiária do grupo "PHILLIPS" - etiquetas PHILLIPS e POLYDOR - , o grupo sentiu que poderia lançar o "Movimento Black", através de um cantor negro que atingisse os seus objetivos, que eram garantir o mercado brasileiro para a música "soul" estrangeira e atingir setores nacionais ainda não identificados com o gênero. Dentro desse esquema, a FONOGRAM produziu o cantor negro GERSON KING COMBO, que, atualmente, lidera o "Movimento Black". Além de GERSON, de TONI TORNADO e da equipe de som "Furacão 2.000", o cantor CARLOS DA FÉ e a Banda "Black Rio" apoiam o movimento. A FONOGRAM apoia as equipes de som, incentivando-as com a finalidade de não deixar esmorecer o movimento e as equipes de "soul" possuem elementos, nos ESTADOS UNIDOS, que as avisam imediatamente quando do lançamento de no-

vas "músicas black's" no mercado americano, para que os discos sejam adquiridos em primeira mão.

Dentro de suas programações, as equipes de som passaram a projetar, em duas grandes telas, situadas ao lado das caixas acústicas, cenas da guerra do VIETNAM, da seca do Nordeste brasileiro, das favelas, da prostituição, de outros quadros de apelo social semelhante, com o propósito de conscientizar e motivar os jovens.

7. Aparentemente, o "Movimento Black" visa apenas lucros financeiros, mas à medida que certos elementos procuram firmar sua posição de liderança, com posicionamentos racistas mais radicais, poderá se constituir em motivo para a aglutinação de jovens negros que, imitando os negros americanos, vão sendo, pouco a pouco, conduzidos a atitudes de enfrentamento racial, as quais fogem completamente a índole do povo brasileiro.

* * *

O original deste documento (com 4 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Toneladas de som no duelo das equipes ²³³

O VOLANTE distribuído em toda cidade, o que garantiu, aliás, uma boa promoção nas rádios, anunciava o lançamento do LP "Luizinho Disc Jockey Soul", no Grêmio de Rocha Miranda. E dizia também que, neste "2.º Encontro do Black Rio se apresentaria ao vivo, pela primeira vez, a "Banda Soul Power" e mais o cantor Tony Tornado - convidado especial da noite."

Muito antes das 16 horas, porém, o movimento de kombis e caminhões, carregando equipamentos, tomava por completo a Avenida dos Italianos, onde está o clube. Eram as aparelhagens das 10 equipes convidadas a participar da festa - "Soul Grand Prix", "Tropa Bagança", "Black Flower", "Solid State", "Black Night", "Boot Power", "Furacão 2.000", "A Cova", "Santos Brazilian Soul" e, naturalmente, a dona da festa, "Luizinho Disc Jockey Soul". Cada uma, é claro, trazendo seus componentes, a maioria técnicos de som de primeira qualidade.

O público, mesmo, teve acesso ao grande salão do Grêmio de Rocha Miranda após as 20 horas, pois a organização de um baile não é assim tão fácil. Além do complicado trabalho de montagem, que implica, muitas vezes, numa disputa entre as equipes pelo melhor ponto em volta do salão, há ainda um especial cuidado quanto a decoração do ambiente: faixas com os nomes das equipes, cartazes com frases de James Brown, muitos balões coloridos pendurados no teto e, todos os dispositivos para a utilização dos recursos de som e jogos de luz.

Nesse dia, no entanto, como tratava-se do lançamento de um disco, toda a responsabilidade coube à equipe de Luizinho que, além de alugar o clube (é bem verdade que com o auxílio da gravadora RCA), contratou as demais equipes para participarem de sua festa. Mas esta, na realidade, só começou às 22 horas. Ou melhor, às 22:15 horas quando rompeu o som da equipe "Vip's" - a primeira a se apresentar - o que provocou de imediato uma certa movimentação no público presente, até então aproximadamente 1.000 pessoas. O "ouirico", na verdade, aconteceria umas duas horas mais tarde, com o salão já inteiramente lotado e quando só restava uma alternativa: dançar ou mover-se num ritmo muito especial, capaz de causar inveja em muito black americano.

Dois detalhes saltam aos olhos de qualquer observador de um destes bailes soul: não há nenhuma confusão, pois as pessoas chegam no máximo em grupos de 3 a 4; e embora sejam todos jovens, predominam os representantes do sexo masculino. A festa em si, ou melhor, o baile, que se estendeu até as 4 horas da manhã, tem na verdade um colorido especial. E isso se deve à combinação dos efeitos de luz, jogados por cada equipe nos seus 90 minutos de apresentação, com as cores das vestimentas dos dançarinos. Observando-se de cima, o que se nota é a movimentação das mais diferentes formas, pois permanecer com a cabeça descoberta não fica "bem" a um black. Quanto aos modelos, porém, não há muitas exigências. Desde que as cores sejam berrantes, os acessórios da cabeça tanto podem ser fitas alegres, pequenas toucas, tradicionais modelos cocos, como gigantes chapéus de abas, onde também não faltam penas, bordados etc...

O "Duelo do Balaço", ou seja a disputa entre as 3 melhores equipes presentes, com o intuito de "ouiricar" muito a rapaziada só aconteceu bem mais tarde, já no início da madrugada. Mas mesmo nestes momentos de maior entusiasmo, os blacks jamais abandonam a postura de dançarinos típicos: ou seja, mesmo voltado para a sua garota, um adepto verdadeiro do soul music nunca se aproximará do seu par. Até porque é na movimentação do corpo e na cadência dos gestos, absolutamente livres e descontraídos, que se avalia a sua integração ao movimento.

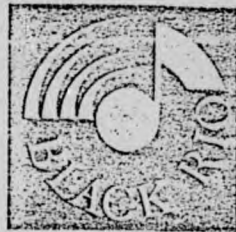
A "Luizinho Disc Jockey Soul", como era esperado, foi o grande sucesso da noite. Além da importância de seu repertório, considerado pelos blacks um dos mais atualizados, apresentou várias atrações extras como a exibição do dançarino n.º 1 "Dom Sapó" e a projeção em seu circuito (interno) de TV de cenas de filmes de Ruff Thomas, Stevie Wonder, entre outros ídolos do soul.

O restante da festa ficou a cargo da "Furacão 2.000" que, com 42 gigantescas caixas, uma não menos potente aparelhagem de televisão e muitos truques de luz, provocou nova vibração no público, a essa altura mais de 5.000 pessoas. Essa reação coletiva não foi suficiente, no entanto, para satisfazer aos componentes da equipe que, minutos depois, surpreendeu o público com um jato de fumaça rosada, seguido de fogos de artifícios. O que só veio, naturalmente, incrementar ainda mais a apresentação.

Apesar das aclamações e também dos aplausos - estes sempre bem mais moderados - é difícil se ouvir comentários ou troca de palavras entre os blacks. Enquanto dançam, nos pequenos espaços ainda restantes, sua única preocupação é com o som. Absortos pela dança e pela necessidade de aprimorar o estilo, eles transformam em um verdadeiro ritual o que seria, em princípio, apenas uma forma de diversão.

Mas o impressionante, sem dúvida, é a capacidade de resistência destes "bailarinos", que só interrompem seus passos quando ocorrem as mudanças de equipe. O que não quer dizer, em nada, pausa ou descanso, pois nos bailes soul só há mesas para os convidados especiais. A explicação para o fenômeno talvez esteja mesmo na faixa de idade dos participantes, que oscila entre os 14 e 20 anos. Ou então, no que já se transformou em uma espécie de bandeira dos líderes do movimento: "a massa black não precisa nem de fumo, tóxico ou bebida para se divertir". O que é confirmado pelos donos dos bares dos clubes onde, invariavelmente, 80% do consumo é de refrigerantes.

Em Rocha Miranda, na verdade, tudo ocorreu nos mesmos moldes das festas anteriores. Apesar do calor, da dificuldade de locomoção e, também do provável cansaço, a moçada só começou a abandonar as dependências do clube, quando ouviu pelos alto-falantes, a célebre frase que, ao mesmo tempo que anuncia o final de baile, significa um convite para o próximo encontro. E que como não poderia deixar de ser, trata-se de uma tradução (literal?) dos encontros de soul music americano: "A massa black está sorrindo de você. Você de lenço na cabeça e sapato furado no pé, não tá com nada. Mas acredita, leva fé."



22.SET77 05384

Ultima Hora

Enquanto finalizavam os preparativos para a festa, terminavam de ajeitar suas roupas, ou esperavam em fila a abertura da portaria do Grêmio de Rocha Miranda, alguns blacks deram rápidas entrevistas. Entre elas, destacamos a de Nirto de Souza (Dom Nirto), membro da equipe «Soul Grand Prix», compositor e empresário artístico; Luís Carlos de Oliveira, electricista da «Boot Power» e maquinista de gráfica; Charles, estudante que mora no Leme; Daniel, também estudante, mas morador em Bangu; Sueli, 20 anos, que não disse sua profissão, pois acha que "já é suficiente dizer que trabalha, porque não pode estudar"; Milton (o Gravatinha), considerado um dos melhores dançarinos e que trabalha como desenhista e mais duas estudantes - Beth e Leila - que só agora, como afirmaram, estão abandonando o rock e partindo para o soul.

UH - Por que vocês curtem o soul (Black Rio)?

Dom Nirto - Nós ficamos privados de curtir o samba devido ao alto custo das escolas. E também porque é no soul que eu me encontro, me realizo.

Luís Carlos - Não há dúvida que o samba é a alma do brasileiro e que o rock não deveria existir no Brasil. Mas o soul é diferente, pois é uma troca de cultura (negra) entre Brasil e Estados Unidos.

Charles - Ora, porque é o movimento de música que eu gosto.

Daniel - Eu gosto do soul mais por curtidão; é a minha chifira.

Gravatinha - Curto o soul, porque ali eu estou em casa; é a minha válvula de escape e acredito nele como se fosse a minha religião.

Beth - Se eu curto é porque gosto, não é mesmo?

Leila - Comecei a curtir em função dos amigos, das minhas amizades. Quase todo mundo é black.

UH - De onde vocês obtiveram informações sobre o modo de vestir black?

Dom Nirto - Eu mesmo criei o meu modo de vestir.

Luís Carlos - Eu me visto como a maioria da rapaziada do Black Rio, mas quero deixar bem claro que não copio nada dos artistas americanos negros.

Charles - Uso a roupa que todo pessoal curte.

Daniel - O soul exige que a gente curta uma roupa mais alegre.

Sueli - Eu me visto do jeito que eu gosto.

Gravatinha - Eu visto o que eu gosto. Minha moda é um pouquinho de cada coisa, pois ninguém se veste sem copiar os outros.

Beth - Minhas roupas são inventadas por mim.

Leila - Eu sou autêntica; uso o que quero.

UH - Qual a diferença entre o samba, o soul e o rock?

Dom Nirto - O samba é universal e o rock também. Já o soul, se não está sendo bem aceito aqui no Brasil, talvez seja porque atrapalhe algum outro movimento musical. Mas se o soul tivesse o mesmo apoio que o rock, tudo seria maravilhoso para nós. Mas, é claro, que eu gosto de samba. Sou mangueirense. Só que no momento não tenho ido lá.

Luís Carlos - Eu já disse que o samba é a alma do brasileiro; que o rock não deveria existir aqui e que o soul é a nossa possibilidade de intercâmbio cultural. Portanto, é evidente que eu também curto o samba.

Charles - Soul é um ritmo de sentimento. Rock já é um outro gênero de música com finalidade comercial. Agora o samba não se compara a nenhum dos dois, porque é um gênero diferente, que vem das culturas (e das raízes) africanas e que se desenvolveu no mundo todo. Eu gosto de samba, porque acho que ele está mais na alma do brasileiro, mas não o freqüente.

Daniel - Entre o soul e o rock, eu prefiro o samba que é mais universal. Eu também gosto de samba, freqüente e desfilo no Lado da Caixa.

Sueli - Rock eu nunca curti; não me amarro. Agora soul e samba eu adoro. Eu vou ao samba, sim, desfilo pela Portela junto com meu noivo, que é filho de «Dona Maria Lata D'Água», a célebre destaque da escola.

Gravatinha - Não gosto de rock, adoro soul e curto alguns caras do samba.

Beth - Não há muita diferença entre o soul e o samba. Rock é que não tem nada a ver, não há comparação. Se curto escola? Nunca deixo de ir.

UH - De quem vocês mais gostam em matéria de música internacional?

Dom Nirto - Stevie Wonder.

Luís Carlos - James Brown.

Charles - Beatles.





Daniel - Elton John.
 Sueli - Stevie Wonder.
 Gravatinha - Stevie Wonder, Ruff Thomas, Jimmy Castor, James Brown.
 Beth - James Brown.
 Leila - Jimmy Hendrix.
 UH - E no Brasil?

Dom Nirto - Gilberto Gil. Aliás, tanto Gil, como Caetano Veloso, Milton Nascimento e Macalé, que estão fazendo tudo aquilo que eu gostaria de fazer.

Luís Carlos - Roberto Carlos. Mas também gosto de Erasmo, me amarro em Belchior e acho Raul Seixas a síntese da música brasileira, hoje.

Charles - Milton Nascimento. Mas eu curto também Gilberto Gil, Caetano Veloso e Macalé.

Daniel - Benito di Paula. E me amarro um pouco no Belchior. Mas acho também que Gil, Caetano e Milton são fora de série.

Gravatinha - Milton Nascimento. Mas também acho Belchior um bom cantor e compositor. Aliás, na mesma medida que Gil. Agora o Caetano Veloso decaiu demais.

Beth - Milton Nascimento. Curto Belchior e acho Gil, Caetano e Macalé simplesmente maravilhosos.

Leila - Milton Nascimento. O que não me impede de considerar alucinantes Gil, Caetano e Macalé. Mas eu curto também as letras maneiras do Belchior. Acho o Raul Seixas uma mente muito aberta e curto ao máximo Rita Lee.

UH - O que vocês pensam a respeito do pessoal do samba?

Dom Nirto - O crioulo tem que ser versátil. Ele não pode ficar só nessa de samba e futebol. Se ele fizer de tudo tem a minha admiração.

Luís Carlos - Eu acho o pessoal do samba um barato, principalmente Martinho da Vila, Alcione, Jorginho do Império e Paulinho da Viola.

Gravatinha - Depende dos caras. Por exemplo: eu adoro Martinho da Vila e acho a Alcione fora de série. Mas Jorginho do Império não tá com nada, é um imitador do Martinho. Já o Paulinho da Viola eu acho um monstro sagrado da MPB. Gosto também da Elza Soares e acho que o Candeia é aquele cara que não conhece certas coisas, mas malha só porque vê os outros picharem.

UH - Quem são, na verdade, os atuais promotores do soul music na cidade?

Dom Nirto - Além das equipes e dos seus artistas, tem algumas firmas, tanto de bebidas como de roupas, que estão dando a maior força.

Luís Carlos - Muita gente, desde o pessoal que está fazendo o soul em português, como Dafé, Banda União Black, Gerson Kombo e Banda Black Rio, até as gravadoras que estão estimulando, ao máximo, o movimento.

Charles - Depois da moçada das equipes e de alguns discotecários, eu acho que as gravadoras.

Suelli - A massa black.

Gravatinha - Além da equipe "Soul Grand Prix", tem Dom Filó, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Messia Lima, Brantfort Black Whisky e, enquanto esteve vivo, o saudoso Big-Boy.

Leila - Todo o pessoal que promove os bailes, lança os artistas e grava os discos.

UH - Até que ponto um movimento como o soul (ou Black Rio) pode intensificar a discussão a respeito do preconceito racial no Brasil?

Dom Nirto - Racista tem em qualquer lugar, mas não sei dizer se existe (ou não) racismo no Brasil, porque quando curto soul me sinto em outro planeta.

Luís Carlos - Não sei. O que eu acho é que o soul deveria ser mais promovido aqui, porque ele representa a união negra em todo mundo. Ao mesmo tempo em que ele é folclore, é também religião. Mas na verdade, ele (o soul) só vai poder evoluir no dia em que diminuir o preconceito racial no mundo e o pouco que tem aqui no Brasil.

Suelli - Eu não acredito na possibilidade do soul, ou do Black Rio, intensificar o racismo no Brasil. O que pode ocorrer é uma evolução do negro.

Gravatinha - Cra-se o preconceito existe, quer dizer, há racismo no Brasil, principalmente por parte dos brancos, a gente tem que se prevenir, pelo menos.

Beth - Acho que não há nenhuma possibilidade de aumentar o racismo, pois ele não é nosso.

Detalhe: nenhum black ignora o significado da palavra soul, em português.

Jalusa Barcellos
 e Gibeon Silva



22.SET77 05384

Ultima Hora

Rio de Janeiro, terça-feira, 13 de setembro de 1977



Santos



Luizinho



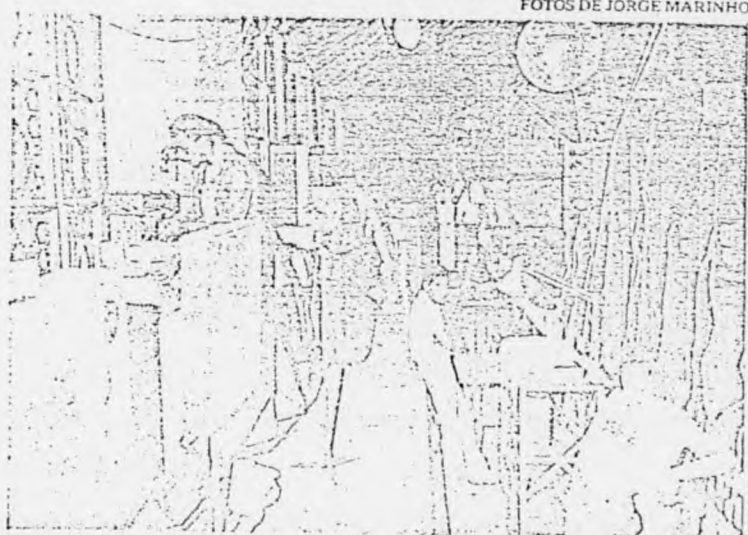
Gravatinha



Beth



FOTOS DE JORGE MARINHO



22 SET 77 05384

Ottima Foto

CONFIDENCIAL



GTC e determinamos enviar cópia des-
caracterizada ao (s) M. Justiça

o que já foi feito por esta SI/GAB/SNI.
Em 23 / Nov /19772

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

Am

237



INFORMAÇÃO Nº 0845 /19/AC/77

DATA : 03 NOV 77

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
: "SOCIEDADE DE INTERCÂMBIO BRASIL-ÁFRICA"
: JORNAL "SIMBA"

ORIGEM : PRG 24965/77

REFERÊNCIA : INFÃO 822/19/AC/77 (menos para o CIE e CISA)

DIFUSÃO : CH/SNI-SG/CSN-CI/DPF-ARJ-CIE-CISA

ANEXO : Cópia xerox do jornal "SIMBA" - Ano I, nº 1, e
dição de Jul 77.

28 NOV 1977

1. Está sendo distribuída, principalmente na área de NITERÓI/RJ, a edição nº 1 do jornal "SIMBA" (ANEXO), órgão de divulgação da "SOCIEDADE DE INTERCÂMBIO BRASIL-ÁFRICA". A publicação em epígrafe é vendida ou oferecida gratuitamente aos que se mostram indiferentes ao assunto.

2. Todas as matérias veiculadas no referido periódico apresentam tópicos que incentivam o antagonismo racial, razão pela qual tal publicação configura-se contrária aos interesses nacionais.

3. O jornal em apreço contraria as prescrições dos Art. 7º, em seus parágrafos 1º e 2º e Art. 14 da Lei número 5.250, de 09 Fev 67 (Lei de Imprensa), que dispõem:

- Art. 7º: No exercício da liberdade de mani-

CONFIDENCIAL

festação do pensamento e de informação não é permitido o anonimato. Será, no entanto, assegurado e respeitado o sigilo quanto às fontes ou origem de informações recebidas ou recolhidas por jornalistas, radio-repórteres ou comentaristas.

§ 1º: Todo jornal ou periódico é obrigado a estampar, no seu cabeçalho, o nome do diretor ou redator-chefe, que deve estar no gozo dos seus direitos civis e políticos, bem como indicar a sede da administração e do estabelecimento gráfico onde é impresso, sob pena de multa diária de, no máximo, um salário-mínimo da região, nos termos do Art. 10.

§ 2º: Ficará sujeito à apreensão pela autoridade policial todo impresso que, por qualquer meio, circular ou for exibido em público sem estampar o nome do autor e editor, bem como a indicação da oficina onde foi impresso, sede da mesma e data da impressão.

OBS: Em seu expediente, página 2 do Anexo, o jornal "SIMBA" não indica a oficina onde foi impresso.

- Art. 14: Fazer propaganda de guerra, de processos para subversão da ordem política e social ou de preconceitos de raça ou classe.

Pena: De 1 a 4 anos de detenção.

* * *

ATENÇÃO:

O original deste documento (com 9 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

AJUDA DE CUSTO Cr\$ 2,00

SINBA

ORGÃO DE DIVULGAÇÃO DA SOCIEDADE DE INTERCÂMBIO BRASIL-ÁFRICA

ANO I

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1977

Nº 1

Depoimento de um líder estudantil de Soweto

(NASHININI)

— A POPULAÇÃO negra sul-africana é constantemente submetida a uma repressão tão grande, que há-lam poucas iniciativas para que se alcance esta prática política passando à luta arrancada ideologia política seguida pelos negros e no terreno, traçada pelas atrocidades a que os brancos nos submeteram. Como exemplos de identificar com facilidade todos os elementos da opressão que sofremos, e de escolher os meios de resistência. Não temos a liberdade de que nos dizem nos colégios. Externos mesmo bem o que não é permitido. Há-lam: um controle e uma prática introduzidas pelo regime com a finalidade de controlar as atividades sociais e servir ao bom trabalho, assim que eles se controlam membros ativos na força de trabalho. Além disso, muitas escolas foram fechadas quando criticamos puramente físicos, como que os estudantes jamais acataram. Inconscientemente, os departamentos de administração e educação mantinham que os estudantes negros deviam aprender a viver em duas línguas, inglês e africâans, idioma inventado pelo branco e não pertencendo de sobremodo do estudante negro, modo que nos levou a discriminação grave, especialmente nas escolas secundárias, onde essas normas foram aplicadas primeiro. As greves foram de modo a junho. Depois resolvemos partir para uma ação mais concreta e eficiente para dramatizar mais essa medida repressiva. Depois de contactarmos várias

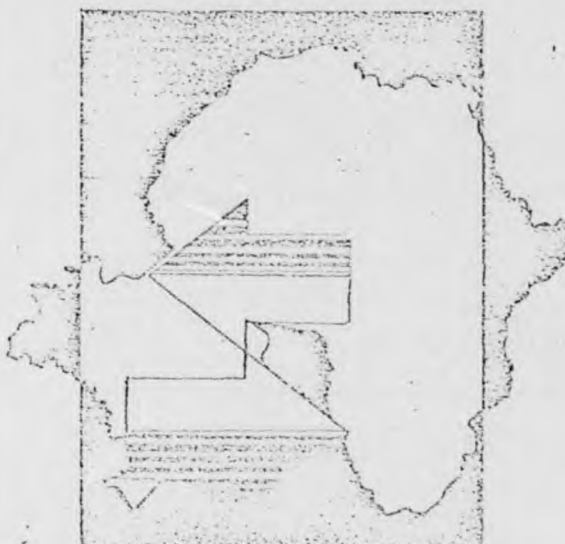
escolas secundárias, decidimos organizar uma manifestação pacífica, a 16 de junho, no curso de um dia inteiramente dedicado à revolta contra os africanos: "Não somos Boers", foi o nosso slogan. Havíamos combinado nos encontrar, no fim, em uma escola para um comício, a que se re-

gular a publicação de um manifesto às autoridades, rejeitando o novo idioma e manifestando nossa intenção de só voltar às aulas quando esta lei fosse revogada. Depois de percorrerem as ruas de Soweto durante a tarde, fomos para o encontro marcado. A polícia havia chegado primeiro

e tentamos parlamentar — mas como única resposta, obtivemos bombas de gás lacrimogênio. Quando começaram a fugir, a polícia abriu fogo, indiscriminadamente. Muitos de nós morreram. O boicote oficial foi de 170 milhões nas três paróquias das de rebelião, mas sabemos que só em Soweto e

nos arredores morreram 253. Mais de mil feridos presos, enquanto milhares foram dados como desaparecidos. As "forças da ordem" não esperavam essa reação. Havia-se estimado inicialmente a participação com uma planície grande manifestante estudantil, fomentada exclusivamente no Afriqa de Sul. O presidente Jacobus de Keyser que a polícia e a repressão não haviam recebido ordem e que não recebiam ordens do lado. Também não tinham ordem de não permitir a entrada de estrangeiros em território sul-africano. Mas não é isso que importa. O importante é que a repressão foi dirigida, não só para os negros, mas para todos os que não eram sul-africanos. Há-lam escolas, bibliotecas, etc. O regime racialista criou barreiras que entre os estudantes havia um sentimento de unidade que se manifestou na repressão e no terror. Então nos encontramos, milhares em totalidade que se reuniram em um campo. Muitas são as ordens de discriminação que circulam no regime. Como uma soma mínima a educação das crianças negras, enquanto milhares estudantes são reprimidos nos serviços de segurança ou de defesa.

Muito depois atitudes do governo, a polícia não permitiu que se protestasse, resolvemos continuar nossas manifestações, não só contra a repressão dos africanos, mas também a fim de combater a ignorância das companhias brancas.



SOWETO — 16 DE JUNHO DE 1976 — MAIS DE 600 MORTOS

Segundo a UNITASCO:

- "Essa página na história os exemplos de uma polícia que chegou sobre os colares com armas e os mata em tal quantidade que o número exato de mortos não pode nunca ser estabelecido"
- Este não continua a repressão cada vez mais brutal. E a luta vai continuar até que o racismo seja completamente vencido pelos negros na África do Sul.

7 Cópias

CONFIDENCIAL
CONFIDENCIAL

6/9

A conferência de Maputo

Em Maputo, capital da República Popular de Moçambique, nos meados de maio, houve a Conferência Especial das Nações Unidas de apoio aos Povos do Zimbábue e da Namíbia. O acontecimento revestiu-se de uma importância muito particular, nesta etapa da luta pela libertação dos derradeiros bastiões coloniais e racistas no Continente Africano.

A reunião, em Maputo, de delegados de cerca de oitenta nações, dos quais cinco eram membros do Conselho de Segurança; a presença, na capital moçambicana do Comité de Libertação da OUA e do Conselho da ONU para a Namíbia e de representantes dos cinco países da Linha da Frente demonstram que se aproxima a etapa final desta luta justa e sangrenta contra os regimes hegemônicos e opressores — a ascensão ao Poder, em Salisbury e em Windhoek, de governos da maioria, sedidos da Frente Patriótica e da SWAPO, únicos legítimos representantes dos povos do Zimbábue e da Namíbia. Aliás foram os líderes dos movimentos de libertação que estiveram presentes e não os delegados de Vorster e de Smith.

A conferência situou-se, também, como uma derradeira chamada de atenção às potências ocidentais que se comprometem, por palavras, num sentido positivo enquanto, na prática, atuam de maneira totalmente oposta, agredindo os interesses legítimos das maiorias daqueles países sob dominação estrangeira e pactuando, subvencionando e auxiliando cronémica e militarmente regimes condenados.

Querirá isto dizer que não são apenas Smith e Vorster os alvos únicos desta reunião internacional: eles existem e matêm as suas posições reacionárias apesar de aparentes concessões, porque possuem aliados no mundo ocidental. Ao recordar o severo bloqueio económico do bloco ocidental à Alemanha hitleriana, Presidente Samora Machel afirmou: "Se hoje esses mesmos países se recusam a emprender medidas severas contra os que colaboram para reforçar o potencial dos fascistas, colonialistas e racistas da África Austral é certamente porque interesses sólidos os fizeram aliar-se com o campo desumano contra o qual antes lutaram".

As lutas armadas de libertação constituem o último estágio das revoltas populares contra o opressor. E nesse estágio que se encontra a luta no Zimbábue e na Namíbia.

A afirmação de que só através da luta armada se conseguirá vencer a intransigência dos regimes racistas e atingir uma independência total e completa, no verdadeiro interesse das massas e não de minorias coloniais, é uma constante nas declarações públicas dos líderes da Frente Patriótica, da SWAPO e dos Países da Linha da Frente.

Não há compromisso possível. Há é que combater até a aniquilação, dos regimes mais retrogradados do Mundo. A conferência de Maputo poderá contribuir para que esse objetivo seja mais rapidamente atingido. Se o fizer, terá alcançado a finalidade proposta por Kurt Waldheim.

OUA (Organização da Unidade Africana)

A Organização da Unidade Africana (OUA) inclui todos os Estados Africanos independentes, em número de 42 (menos a república racista da África do Sul), exerce papel importante no combate ao colonialismo remanescente. Desde a sua fundação em 1963 a

OUA tem se dedicado às causas da paz, libertação nacional e desenvolvimento dos países africanos. Trabalha ativamente na organização da ajuda aos movimentos de libertação nacional que lutam contra o jugo dos regimes coloniais e racistas na África.

Mugabe e Nujoma denunciam manobras racistas

MAPUTO, 16 — O líder nacionalista do Zimbábue, Robert Mugabe convidou em Maputo o "mundo amigo da liberdade" a apoiar os dois Movimentos de Libertação da África Austral, a "Frente Patriótica" do Zimbábue e a SWAPO da Namíbia.

Mugabe, que com Joshua Nkomo dirige a "Frente Patriótica", leu igualmente uma declaração deste movimento condenando as "táticas de terror de estilo Gestapo do regime de Smith".

Mugabe dirigia-se à imprensa antes de conferência organizada pela ONU sobre a Rodésia e a Namíbia que decorreu em Maputo.

A declaração da "Frente Patriótica" condena o regime minoritário branco de Salisbury nos recentes incidentes de Dawa Kwaal, no sudoeste da Rodésia, durante os quais mais de trinta pessoas morreram.

A "Frente" acusa igualmente de "eliminar" os padres católicos e recusa "a vergonhosa armadilha" de Salisbury segundo as quais estes padres foram mortos por "combustíveis da liberdade".

Em resposta a uma pergunta, o dirigente nacionalista disse: "A nossa esperança é de que depois da conferência, a maioria dos países nos assista materialmente e faça uma grande pressão diplomática sobre África do Sul, Grã-Bretanha e o regime de Smith", acrescentou, Sam Nujoma, líder da SWAPO qualificou de "ato provocador e de intencionalidade" o envio pelas cinco potências ocidentais de uma missão diplomática a Namíbia.

Não há intervenção na Rádio Moçambique. Sam Nujoma declarou "O Conselho das Nações Unidas para a Namíbia é a autoridade legal do nosso território. Assim, ninguém mais poderá ir à Namíbia".

O líder nacionalista acrescentou que os esforços diplomáticos ocidentais para levar a África do Sul a mudar as suas posições deverão ter lugar na África do Sul unicamente.

Nujoma reconheceu, na última semana a imprensa em Dar-Es-Salaam, onde o elevaram representantes da França e das Nações Unidas, para o informar das tentativas de negociação iniciadas pelos "brancos" junto do governo sul-africano.

EXPEDIENTE

«SINBA»

Director responsável:

Carlos A. Silveira

Redatores:

Amador M. Pereira

Osvaldo de Oliveira

João M. Theodoro

José P. Silva

Thierno Guéye

Yedo Freireira

Caixa-Postal 627

ZC 99 — Centro

Rio de Janeiro, RJ

Brasil

MOVIMENTO NEGRO E ASSOCIAÇÕES



A AGLUTINAÇÃO e organização de negros em associações de características sociais, culturais, etc., sempre corresponderam, no Brasil, a necessidades concretas dos negros nas várias fases de sua existência.

Da mesma forma essas associações representaram sempre os interesses de determinados grupos de negros, muitas vezes em oposição uns aos outros.

Essas oposições sempre tiveram motivos muito reais e que se esclarecem quando procuramos conhecê-los através da nossa História.

O primeiro grande exemplo de divisão ocorreu no Quilombo dos Palmares.

1.º — Em 1628 Gana Zona entregou o Quilombo em troca de sua liberdade e de seus seguidores.

2.º — Porém, um outro grupo, liderado por Zumbi decidiu continuar a luta até o fim.

A primeira tendência continuou durante a escravidão através dos movimentos de compra de alforria. Eram movimentos dentro da ordem, ligados a Irmandades católicas, e naturalmente beneficiavam aqueles mais chegados, e que não se comprometessem com rebeldias.

A segunda tendência continuou com a fuga para as matas de escape para os quilombos, que nas palavras de Clóvis Moura, foram, incontestavelmente, as unidades básicas de resistência do escravo.

As duas tendências correspondiam respectivamente a visão do "NEGRO DE CASA GRANDE" e do "NEGRO DO EITO".

Com a abolição, essa divisão se acentuou, com uma minoria se apegando ao paternalismo do antigo senhor, enquanto que a grande maioria se permaneceu quase no mesmo modo de vida nas zonas rurais, ou se deslocou para as favelas e cortiços miseráveis das cidades.

E foi com essas posições antagônicas que entraram na nova época os movimentos de afirmação do negro na sociedade brasileira.

De um lado, locais de grande concentração de negros com seus clubes de caráter recreativo, ou então associações em torno de suas

manifestações culturais, como: O samba, o jongo, o atoxé, o brevo, etc.

De outro os "NEGROS DE CASA GRANDE" que preferiram se distanciar "dos espaços onde o negro sempre foi marginalizado", procurando explicar o "problema negro" pela sua visão de ascensão social e de assimilação dos valores da raça e classe social dominante.

Desde os movimentos da década de 30 em São Paulo e os que se seguiram depois também no Rio de Janeiro, tem-se mostrado mais ativa a tendência que representa a visão do negro de classe média — tipo atual do "negro de Casa Grande".

Em 1914 foi fundada no Rio de Janeiro o Teatro Experimental do Negro (TEN). Em pouco tempo transformou-se, de um grupo teatral de negros, em um movimento que mais tarde seria dirigido pelo seu líder Abdias do Nascimento de seguinte maneira: "É esta uma das finalidades mais importantes do nosso movimento: a de suscitar o florescimento de uma elite de homens de cor, capazes de empreendimentos de envergadura, na esfera da cultura". Ao se arvorarem em elite, os líderes negros daquele tempo passaram a se comportar em relação aos negros como toda elite em face de qualquer massa, ou seja, pretendiam "avaliar gradativamente a gente negra nos ciclos de comportamento das classes média e superior da sociedade brasileira".

Estas são palavras de Abdias do Nascimento em um discurso de 1945. Neste mesmo discurso acrescenta ainda: "Não é com elaborações de gabinete que atingiremos e organizaremos esta massa de cor, mas captando e sublimando a sua profunda vivência ingênua, manipulando as sobrevivências patrimonialistas (?) que se prendem às matrizes culturais e rituais, através de um teatro assentado na reminiscência nômade e nos impulsos místicos do negro".

Parece que estas citações bastam para mostrar a tendência dos "NEGROS DA CASA

GRANDE" de subestimar a capacidade de compreensão da maioria dos negros. Para eles essa maioria não tem mentalidade para entender conceitos e idéias e só podem ser atingidos "manipulando-se a sua profunda vivência ingênua".

Fazemos questão de citar estas palavras dos líderes negros do passado porque elas representam fatos que já pertencem à História. E é com base neste conhecimento que não podemos aceitar a confinidade pura e simples daquela tendência elitizante, porque nossa obrigação atualmente é sermos críticos de nossa história e não repeti-la, como estão fazendo as atuais "associações de "NEGROS DE CASA GRANDE".

De todas as entidades criadas recentemente algumas se dividiram ou até se dissolveram, outras vão mantendo passo com seus estudos e pesquisas; mas nenhuma, foi capaz, até agora, de superar a sua própria limitação fundamental: — Não conseguiram sair do lugar onde nasceram. Não conseguiram superar as contradições que lhes impediu de estar junto com a grande maioria dos negros brasileiros.

Talvezmente rixosios são, afirmamos, como essas, aquelas num sentido recente de uma abolição de negros: "Este primeiro aniversário simboliza momentos sempre rememorados e espera de bom tempo e de boa colheita".

Que campos?

Quanto sejam os aniversários que este movimento de "elites de cor" tenham conquistado, não passará nunca de uma repetição de concessões, omissões e justificativas; serão, isto sim, momentos de uma vida de privações para essas minorias — alguns até em exílio voluntário: se apertarão e caídas no exterior, onde pagarão o resto da vida, as custas de uma existência falsamente representativa.

Quanto à maioria dos negros no Brasil — temos muito que aprender com nossa História. Sendo estamos aticados a repeti-la, com todos os seus erros, e perpetuar uma farça.

A omissão da mulher negra

De quem sempre foi a culpa da omissão da mulher negra nos movimentos negros? É evidente que para esta pergunta, haveria várias respostas. Entretanto, o que interessa no momento, é que a mulher refleta sobre o papel que poderia desempenhar no movimento negro atual, não como mulher no sentido exato da palavra, mas como um elemento que sofre os mesmos problemas que os homens; pois se não se aperceber disso, será ultrapassada e logicamente ficará marginalizada dentro do movimento.

Participar do movimento negro, não signifi-

ca "curtição" e sim muito trabalho com certa gama de responsabilidade, porque há aquela que pensa que está participando do movimento negro simplesmente indo a locais de curtição, e o pior ainda, não percebe que a escravidão não acabou e sim houve apenas mudança de rótulo.

Continua encusando a Princesa Isabel e não procura libertar-se do que aconteceu antes dela.

É importante que a mulher negra não fique esperando o paternalismo dos homens, e sim deve tomar a iniciativa participando e colocando sua posição.

Rainhas e Escravas

*Da janta do apartamento
Vejo só barracos no morto
Onde moram as rainhas
do Carnaval
Imponentes rainhas de ritmo e de
seco
Rainhas por três dias alegres
Escarvas no resto do ano.*

SOLANO TRINDADE (inédito)

Quem deveria ter representado o Brasil no Festival de Arte Negra na Nigéria?

Uma resposta honesta a essa pergunta tem, obrigatoriamente que levar em consideração a realidade cultural negra no Brasil.

Passou o Brasil o maior contingente de negros fora da África e o segundo depois da Nigéria. Superamos em povo negro todos os demais países africanos.

Ninguém desconhece que uma parte determinante da formação cultural do povo brasileiro tem suas raízes nos negros, que aqui sofreram nas condições mais humilhantes a que se pode submeter um ser humano: a condição de escravo.

Apesar de ter sido arrancado de seu meio cultural, de ter os seus entes dispersos e a sua descendência vendida como animal, ainda assim o negro, com todas as condições adversas, e sofrendo na carne a repressão política da classe social dominante, conseguiu manter as suas raízes culturais tocando-as a base da verdadeira cultura popular brasileira.

O que pode ser chamado de uma maneira geral de cultura popular tem sua expressão mais simples nas manifestações culturais típicas de várias regiões brasileiras, e que representam o verdadeiro retrato da situação cultural da grande maioria dos brasileiros.

Essa situação cultural não pode ser confundida com a cultura artificial que os poderosos meios de comunicação tentam a todo tempo injetar em nossas consciências, e nem tampouco com os "reflexos estudados" de influência européia, que sempre estiveram restritos à elite da sociedade brasileira.

— O grande poder dos meios de comunicação pouco a pouco está conseguindo criar uma terrível confusão em nossas cabeças, que mesmo bem longe no interior, já se pode notar para influências

Por isso, é que em cada oportunidade temos que lutar bem para o valor das nossas autênticas raízes culturais.

Uma verdade definitiva na história do Brasil é que a permanência das raízes africanas deve-se exclusivamente àquelas que a trouxeram e a seus descendentes. Os escravos, por serem a classe mais baixa da sociedade, nunca tiveram as suas formas culturais respeitadas.

As elites brasileiras de todos os tempos reservaram-se sempre o poder de determinar o que era importante e culturalmente certo ou errado, bonito ou feio, de acordo com a sua própria visão.

É foi de acordo com sua visão européia que esta elite passou a prestigiar um ou outro representante da cultura popular, conforme seus próprios interesses e conforme ele pudesse se encaixar no seu mundo cultural "branco".

É não foi outra coisa que vimos recentemente na escolha dos representantes brasileiros para o FESTIVAL DE ARTE NEGRA, que foi realizado na Nigéria.

Houve uma escolha de cima para baixo.

Foram escolhidos músicos, dançarinos, coreógrafos e artistas plásticos, além de alguns críticos que estudaram de diversas formas o negro no Brasil.

Uma representação bastante numerosa, onde houve de tudo, menos um legítimo representante do negro brasileiro, isto é, um representante daqueles negros que não são reconhecidos pela nossa elite, aqueles que, como aprendemos na nossa história real, são os únicos responsáveis pela permanência de raízes culturais africanas.

A realidade é que no Brasil existem dois mundos culturais distintos. O primeiro, de influência européia. E o segundo, de raízes principalmente africanas. O problema é que, não vemos o mesmo peso e a mesma medida para ambos.

Por exemplo, A criação e existência de orquestras sinfônicas com influência européia. Daí que para uma representação na Europa os responsáveis diretos são aqueles grupos que vivem diretamente ligados ao meio sinfônico brasileiro.

Por que então não ocorre o mesmo com o ambiente cultural que se identifica com as raízes africanas no Brasil?

O que acontece é que na hora de decidir uma representação os legítimos representantes da Cultura Negra no Brasil não têm direito à palavra.

A grande maioria dos negros não sabe sequer que foi escolhida uma representação, para falar em seu nome e apresentar "Cultura Negra" na Nigéria.

Não, os negros brasileiros, todos que reconhecerem que não houve nenhum interesse de fazer valer a nossa palavra.

O sentido das manifestações culturais negras no Brasil e o de conquistar para si o direito à palavra.

Este é o sentido que orienta um trabalho de militância política do negro no Brasil. Determinar a sua própria importância na vida nacional brasileira.

Este sentido, como disse muito bem Edas de Oliveira:

Essa brisa que a juventude sopra
Essa chama que o ódio não apaga
Fylo universo... é a explosão
Com sua legítima razão.

A VOZ FORTE DA NIGÉRIA

Joseph Garba, Ministro das Relações Exteriores da Nigéria, esteve recentemente em visita ao Brasil. Na entrevista que concedeu à imprensa abordou alguns aspectos da situação da descolonização africana.

«A Nigéria, bem como a maioria das nações africanas não tem intenção de ser reconhecida por si mesmas. «A África está enfrentada numa luta pela libertação e sua própria, e nessa luta precisamos de amigos que não nos abandonem quando os soldadinhos imperiais se tornam absolutamente insuportáveis contra a emissão de algumas nações em relação as lutas de libertação africanas — «Aqueles que levantaram falsos alarmes sobre as fontes de apoio e assistência estrangeira para os dramas históricos da liberdade e da independência da África e que agora gritam tardamente que os problemas africanos devem ter soluções africanas, devem procurar em suas consciências o que

fizeram no passado para manter a causa das liberdades humanas na África».

O Chanceler nigeriano disse que seu País apela sem restrições, a luta pela independência da Zâmbia, da Namíbia e da África do Sul. «Esta é a última oportunidade para que os países do Mundo Ocidental ajudem a resolver o problema da África do Sul. «Em 1960 o campo de operários, pois de índole, entrou em greve em Johannesburg para apoiar o país sem que fosse de qualquer importância porque os trabalhadores jovens de então não consentiram-se a lutar um lugar ao sol e tentar uma vida sem respeito no seu triste pátrio numa terra à qual estão ligados e vivem. «Esta situação explosiva na África Meridional se deve ao grupo de Superstitas racistas que se entrelaçaram em Pretória (Capital da África do Sul), os quais, por quase 30 anos vem mantendo desafia a consciência internacional, tem impulsionado uma doutrina feroz de supremacia racial a toda comunidade internacional».

JORNAL SINBA: PARTICIPE DOS DEBATES

2/9

Se levamos mesmo em consideração, todas essas nossas identidades, então se nos que admitir que o nosso gueto tenha desconhecido da realidade africana atual e um grande erro, e causa de grandes deformações na nossa compreensão dos processos históricos, através dos quais evoluem para um desfecho, os povos da Terceira Idade Brasileira.

A Idade Brasileira da História está chegado ao fim. É a uma fronteira da história, o fato de que estamos no Terceiro Milênio. Nosso Principal da Marcha da História da História Principal, os brasileiros sejam os ditos mos a labédo.

Volando à perseguição principal. Se cultural, étnica e historicamente temos: tan-tas atitudes, se geograficamente temos: tan-tas condições, camufladamente são parciais. Não se no campo econômico muito poderosos, porque ainda estamos tão mal-informados e preconceituosos com relação à África? Mas que quase tudo desconhecemos sobre sua história recente, sobre povos, das suas conquistas, em de sua atualidade?

(Não podemos deixar passar um comentário nos os negros brasileiros como sempre chamados a nos identificar com a África ancestral e seus valores, correções de valores da época do tráfico de escravos. Se os valores da época de escravos, não se identificam com a Europa têm em mente a Idade Média Europeia?)

Palavr de África como letras de nossos caracteres, não do nosso caráter, e outros lugares comuns, é contar contar uma história completamente superada no tempo. Não no entanto, é a única que ocorre aos mais bem informados brasileiros.

A maneira mais comum de se responder a essa pergunta no Brasil é invocando os laços de sangue e de cultura que nos ligam a ela. (Não pretendemos abrir mão desses conceitos e dessa verdade — até por-que que ainda é uma das nossas reivindicações, a aceitação, pelo Brasil e pelos brasileiros, das suas verdadeiras origens). Se não se-tem tempo atrás o pouco de informações que tinhamos sobre a África nos era dado por antropólogos e etnólogos; o mesmo não ocorre atualmente, e por isso, esse tipo de resposta aquelas informações já não pode satisfazer-nos de maneira alguma.

Na verdade essas organizações vivem em círculo fechado, dando voltas, se re-ferindo e repetindo as suas informações.

Como elas já não conseguem romper e di-ferenciar, têm ainda como princípio, a as-serção de que foram continuadas, a dife-renciação, e que aquelas histórias, a história e estas, inteiramente, a cada período.

Na realidade, estas organizações negras, não mudaram no momento atual, nem os métodos nem os objetivos.

O movimento negro de momento conti-nua elitista, restrito à comunidade de-clarada ou a grupos isolados. Abandonou sua missão, restou à comunidade de-clarada, restou à comunidade de-clarada, restou à comunidade de-clarada.

Como elas já não conseguem romper e di-ferenciar, têm ainda como princípio, a as-serção de que foram continuadas, a dife-renciação, e que aquelas histórias, a história e estas, inteiramente, a cada período.

Na realidade, estas organizações negras, não mudaram no momento atual, nem os métodos nem os objetivos.

Esta seção foi criada por termos decretado que um dos valores maiores detidos e a ausência de definição de IDENTIFICAÇÃO NACIONAL, não social, comum numa sociedade organizada pelo racismo.

IDENTIFICAÇÃO NACIONAL: termo que se aplica a qualquer grupo humano, mas que se aplica a qualquer grupo humano, mas que se aplica a qualquer grupo humano.

IDENTIFICAÇÃO NACIONAL: termo que se aplica a qualquer grupo humano, mas que se aplica a qualquer grupo humano.

IDENTIFICAÇÃO NACIONAL: termo que se aplica a qualquer grupo humano, mas que se aplica a qualquer grupo humano.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Alguns debates e dar o primeiro pas-sagem.

Definições de termos

DOIS PASSOS À FRENTE

O que é a África?



RACISMO,

ideologia orgânica do colonialismo

A HISTÓRIA tradicional, europocêntrica, pretende caracterizar o racismo como um fenômeno atemporal que, através de todos os tempos, tem vitimado os chamados povos de cor. Sangher corrige esse erro lembrando que o racismo — etnocentrismo carregado de reais ou imaginárias diferenças raciais — não tem mais do que quatro séculos de vida, nascido da expansão europeia e dos seus descobrimentos. A noção de raça — Imprecisa e Inoperacional, portanto, um conceito moderno. O racismo, como teoria, é fruto da ciência europeia a serviço de um mecanismo de dominação militar, política e sócio-econômica sobre os povos das Américas, África e Ásia quando a Europa através da expansão, primeiro, e da revolução industrial depois impôs a sua cultura e o sistema capitalista. O racismo, impulsionado por ideologias de dominação como as teorias antropológicas do evolucionismo e funcionalismo, dava cobertura ideológica de legitimação à dominação sobre o vasto mundo colonial.

A eliminação do racismo — a tarefa mais descarada de etnocentrismo — não pode ser tarefa da ciência contemporânea por mais crítica ou procure se apresentar em relação às concepções ideológicas europocêntricas marcantes do século XVI ao atual. Essa eliminação é uma tarefa cultural dirigida pelas vítimas do racismo, quer essas vítimas sejam os colonizados e neo-colonizados da África, Ásia e Américas ou minorias oprimidas de qualquer outra parte do mundo. Em qualquer caso, o racismo deve ser combatido, não só nas suas instâncias jurídico-política e econômica mas igualmente na instância ideológica através do que modernamente se tem chamado de descolonização. Nessa descolonização cultural — terão que ser eliminados, substituídos ou reformulados todos os aparelhos ideológicos: reproduções não só do racismo como de todas as outras ideologias de dominação. Como exemplos destes aparelhos podemos citar o sistema de ensino e comportamento social. Transpõe-se, acrescentamos, que a descolonização cultural só se realiza completamente após a descolonização política, social e econômica.

Se o racismo é a ideologia privilegiada de dominação dos tempos modernos produzida a partir da expansão europeia e elaborada como teoria com pretensão científica pelo capitalismo na sua fase colonial, devemos salientar contudo que no mecanismo de dominação através da História houve sempre um componente ideológico, cultural que procurava legitimar essa dominação traduzida em ter-

mos militares, políticos e econômicos. Chamaremos a este mecanismo de dominação ideológica de etnocentrismo. Alguns exemplos históricos far-nos-ão compreender que todos os povos, nas mais diversas épocas, foram vítimas e alvos do etnocentrismo.

a) Etnocentrismo: ideologia de organização social.

«A natureza dos homens é idêntica; são os costumes que os separam» — Confúcio, 551-478 a.C.

«As diferenças que notamos nos costumes e instituições dos povos dependem do modo como cada um deles prevê a sua subsistência.» — Ibn Khaldoun, precursor africano da Sociologia, (1332-1406). Toda a organização social, qualquer que seja o nível de complexidade das suas instituições políticas e econômicas, pressupõe uma estrutura ideológica, um conjunto de valores filosóficos e culturais, em suma, uma cosmovisão. Dentre esses valores culturais destacamos, para melhor compreensão do que pretendemos expor a língua e a religião como fatores, diferenciadores dessa sociedade em relação a outra. Esses fatores, entre outros, permitem a essa sociedade ter consciência da sua personalidade própria; possibilitam-lhe um forte coeficiente de coesão e coesão social. Como as sociedades não existem isoladas, o contato entre elas permite a cada uma tomar consciência da sua identidade, das suas diferenças em relação às sociedades vizinhas. Embora o contato — amistoso ou em divergência por litígio — leve à permuta de certos valores culturais, o certo é que cada sociedade tende a preservar certos valores que considera básicos e semente seus. Mais ainda: que reconhece esses valores como: liza de diferenças, superiores mesmo aos de seus vizinhos, não lhes ajudaria a legitimar a sua preservação. Se esse contato trouxera para um lado ou outro a dominação de uma sociedade para outra, a História nos revela que a sociedade dominante sempre a tendência de considerar os seus valores superiores aos da sociedade dominada e, até, a pretender impô-los a esta. Chamamos a este fenômeno de etnocentrismo. Entendemos aqui a expressão deste conceito porque pensamos não residir a fundamentação, a epistémologia do racismo. Acontece porém que, até o século XVI da nossa era, a pigmentação da pele não era fator relevante de diferenciação — de superioridade ou inferioridade — cultural.

POR QUE O BLACK-RIE INCOMODA?

O Julgamento

De repente todas as atenções voltaram-se para um fato que, segundo alguns, preocupou até as altas esferas. Que acontecimento tão importante poderia estar causando tamanha celeuma dentro da sociedade brasileira?

Alvo de críticas e debates em todos os ângulos de comunicação... e da nossa indelicadeza (como o escritor Gilberto Freyre que fez uma denúncia leviana e facciosa, alertando a Nação para uma perniciosa influência de negros norte-americanos no movimento Black Rio, tentando fazer com que a música negra — principalmente o samba — se transforme em música de protesto), mas dentro de todas as críticas havia um ponto comum, falavam da alienação de uma certa parte da nossa juventude.

O objeto caudoso de tanta discussão era o movimento musical do Soud, que aqui no Rio recebeu a denominação de Black Rio.

O que é o Black Rio

Para alguns, trata-se de uma forma de modismo importado dos negros norte-americanos. Para outros, representa os interesses comerciais

das gravadoras para um grande mercado consumidor fechado, não estão, que é a Juventude Negra... Ou como a posição de uma revista crítica: "Um caráter de discriminação que ficaria bem num país com problemas raciais", III 277... Estaria esta revista se referindo ao Brasil?

A discriminação evidente

Em recente programa de uma professora de televisão do Rio de Janeiro, um dos convidados "papas" do Movimento, pediu uma grande oportunidade de melhorar a imagem do movimento Black Rio, no fôlego constantemente no debate ou salado com respostas evasivas diante de perguntas tais como: estaria o movimento Black Rio promovendo alguma facção política? O movimento Black Rio é racista? O movimento por ele liderado, não estaria sendo uma forma de alienação dos jovens negros?

Calamidade crítica, não seria a tentativa de se colocar o movimento Black Rio como racista, alienante, político, modismo calcificador, etc... mais uma das empreitadas discriminatórias da sociedade brasileira a tal e qual que manifestação de raça, evidenciada pelo conjunto de superstições raciais surgido na época da escravidão?

Alienação x Alienação

Diz-se que o movimento Black Rio é fator de alienação por não ter nenhuma relação com a cultura do negro brasileiro. Gostamos de saber a opinião dos contestadores do movimento Black Rio quando ao rock, soul, funk, "chilindus", e mesmo experimentos africanos, hip-hop e a encarnação de Kung Fu que receberam pelo mundo...?

Essas pessoas se esquecem que os festivais de rock e soul quando são realizados são acompanhados dezenas de milhares de pessoas, e que por um a qualquer preço e nunca nenhuma instituição aliana depreciativa a respeito. Será que o rock e soul já são "chilindus"? Talvez eles justificam que sendo o Brasil um "país em desenvolvimento" e lógico que sofria este tipo de influências externas, principalmente estando em plena era das Comunicações...?

Mas fica claro que a única justificativa para essa contradição não é outra que não o fato de o rock, soul, hip-hop, funk, etc... serem formas de fazer e compartilhamento das ideias dominantes enquanto o soul e a forma de entretenimento da terra que se encontra nas camadas mais baixas da sociedade. Nesse sentido que o problema não é simplesmente de alienação, mas na verdade, o que se procura encontrar é um movimento genuíno de relações raciais no Brasil. Ou não?

COLONIALISMO,

DESCOLONIZAÇÃO

E RACISMO

De quatro séculos para cá a África está gravada no espírito público do Ocidente como um continente condenado, anacrono. Já uma certa parte da história, contada pelo bloco dominante dos países ocidentais, a colonização foi feita por que havia uma hierarquia de interesses no seio do bloco dominante. No momento em que começam a se chocar os interesses dos povos coloniais dominantes (as Guerras Mundiais, em particular) permite ou favorece a organização e consolidação dos movimentos de resistência dos povos submetidos ao colonialismo.

Neste contexto que a África "acorda". — Este palavra é usada de maneira muito simplista por aqueles que não conhecem as submissões, as tentativas de resistência que se manifestam em muitos povos africanos. Ao concordar com o "despertar" da África devemos esclarecer que compreendemos este período como a fase em que, favorecidos pelas contradições existentes no seio do bloco dominante, surgiram alguns movimentos consistentes que acabaram assumindo o poder quando os países colonialistas recusaram suas formas de dominação. — E nasceu o Neo-colonialismo.

Esta fase de transição foi crucial para o futuro dos povos africanos. A luta de um sistema em favor do incremento de uma consciência política que amadureceu na África, e culminou em 1950 — O ano da África.

Uns puderam começar a sua difícil caminhada para a independência efetiva de seus povos. Outros, onde o colonialismo não pôde ou não tinha condições de ser desdobrado, foram lançados na sua luta por liberdade e foram obrigados a recorrer à violência para alcançar a sua liberdade. Esse foi o caso das ex-colônias portuguesas (Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe). No quadro das suas próprias de libertação, que duraram mais de 10 anos, puderam mais uma vez estas povos armados demonstrar ao mundo uma coisa fundamental: do que é capaz um povo subjugado, 99% de analfabetos, nas condições mais atrasadas social e economicamente. MAS QUE CONSEGUIU SUA UNIÃO PARA A LUTA CONSUM PELA LIBERDADE.

Em sua luta contra o colonialismo e o racismo os povos africanos estão afirmando sua determinação de estabelecer

e produzir livremente as condições de sua vida e de seu desenvolvimento.

Esses são fatos históricos que estão ocorrendo aos nossos olhos. Até 1974 sobrevivia o colonialismo português na África Austral, ocupado de um lado pela Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos e de outro pelo regime racista da África do Sul.

Porém, o colonialismo português acabou, foi derrotado. E agora o nacionalismo africano se encontra frente a frente com o seu atual maior inimigo no continente — o racismo sul-africano.

A África do Sul é o país mais desfavorecido do continente. Mas este desfavorecimento beneficia somente a uma minoria na ordem de 4.000.000 de brancos, que mantêm mais de 18.000.000 de negros sob o aparelho de dominação mais bárbaro, mais desumano, que sob as leis do APARTHEID. O APARTHEID é o regime monstruoso que permite que um negro tenha o seu salário 4 a 20 vezes inferior ao de um branco na mesma ocupação, e que permite também que as grandes riquezas tiradas das minas pelas negras 100% do lucro do negócio sejam apropriadas pela minoria branca para acenar a manutenção na sua obscura repressão.

O sistema do APARTHEID no dizer da ONU — Um Crime contra a Humanidade — ainda mantém sob o seu controle um território de 224.292 km² de maioria negra de 70% da população total e simplesmente ignora resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas — a Namíbia.

Como se não bastasse toda esse peso às suas costas, o regime racista da África do Sul ainda praticamente sustenta a minoria, também racista, na Rodésia (Zimbábue) que mantém sob a mesma repressão a esmagadora maioria negra.

África do Sul, Namíbia e Zimbábue ainda uma mancha do racismo na África.

Basta olhar para o passado, e veremos como pesou a peso milhares de lutas e sacrifícios os povos africanos sem conquistarem sua liberdade.

A dominação racista na África Austral é o próximo passo. Nossa solidariedade aos negros oprimidos na África Austral se soma à da maioria dos países que sempre condenaram o APARTHEID, e também institucionalizado, nas Assembleias das Nações Unidas.

Posição da ONU CONFIDENCIAL (Organização das Nações Unidas)

Desde a Segunda Guerra Mundial mais de 50 países saíram do jugo do colonialismo e emergiram como Estados Independentes. Apesar desses feitos, o colonialismo sobrevive. Vinte e oito milhões de pessoas ainda continuam sob o domínio do racismo ou em territórios sem autogoverno.

Por sua carta, a Organização das Nações Unidas comprometeu-se com o movimento de autodeterminação e de igualdade de direitos de todos os povos. Base de seus princípios a Organização tem se interessado pelas lutas dos povos que estão sob o domínio colonial. A partir de 1962 ela tem sido guiada, também pelos princípios da Declaração da Assembleia Geral sobre a Outorga de Independência aos países e povos coloniais. Nessa Declaração os Estados-Membros proclamaram a necessidade de apressar o fim do colonialismo e de todas as práticas de segregação e de discriminação.

A Assembleia tem afirmado repetidamente que os povos das colônias tem o

direito de escolher a sua liberdade nacional e apelo para assistência moral e material a esses movimentos.

Os objetivos da Declaração sobre Descolonização foram reafirmados em 1960, quando a Assembleia adotou o Programa de Ação para a Plena Implementação da Declaração. Esse documento a Assembleia declarou que a continuação por mais tempo do colonialismo é um crime que viola a Carta (Estatutos da ONU), e reafirmou os direitos dos povos das colônias de lutar por todos os meios necessários contra as potências coloniais repressoras.

Apesar do desaparecimento virtual dos velhos impérios coloniais, muitos territórios e povos continuam a ser o objeto de dominação e exploração econômica. Os milhares e mais populações desses territórios e povos estão na África Meridional onde os coloniais são muito mais numerosos do que os coloniais, mas continuam sob dominação repressora.

COMUNICADO

O JORNAL SINBA foi criado para ser um órgão de debates entre todos podem e devem participar.

As cartas são o melhor forma de incentivar os debates. Publicaremos as opiniões e pontos de vista que não concordamos com o ponto de vista defendido.

O JORNAL SINBA será também um veículo de divulgação dos movimentos que lutam contra o racismo e o colonialismo, com especial atenção ao problema sobre a realidade dos povos africanos que lutam na Rodésia, Namíbia e África do Sul.

A impressão do Jornal só foi possível graças a um grande esforço de pessoas que criaram um grupo de redatores voluntários, cada um pagando com sacrifício dos seus próprios recursos o necessário para a sua publicação. Desta maneira, contamos com a colaboração de todos para que este Jornal tenha continuidade.

O nosso endereço para correspondência no momento é o seguinte:

SINBA — CAIXA POSTAL 667 — ZC 00
CIP 20.000 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil

A REDAÇÃO

ARTE X POVO

O objetivo do artista é o mesmo do homem que produz para a sociedade. Todavia quanto mais crítico é o homem (indivíduo), não importando aqui a natureza de seu trabalho, maior é sua colaboração no conjunto do trabalho social. Por isso é que o artista não deve ficar à margem do desenvolvimento histórico das classes sociais.

Entendo ser o artista o mais crítico no todo das atividades, cabendo distribuir seus conhecimentos herdados das culturas passadas aos indivíduos de hoje, e não se encastelar na taça do prazer, nas bajulações, ou ainda se submeter ao domínio de classe por míngua de dinheiros.

É isso um fato no artista da terra, que no ansio da ascensão de sua arte deixa-se afastando-se de sua verdadeira função na sociedade. Esse tipo de reação Feudal-Senhores, Vassallos e artesãos é colocado às classes mais baixas com o título de filosofia do éxito. Essa filosofia trouba o herói que poderia ser popular — invertendo os papéis de sua mensagem — obrigando seu povo a um tipo de idolatria que não tem a ver com suas imediatas necessidades.

Podíamos enumerar vários pontos que levaram a arte física a se afastar do povo, mas não há espaço para isso. Entretanto podemos em visão geral ajeitar o leitor para o núcleo dessa contradição cultural: Cultura Europeia e Cultura Negra. Na primeira podemos colocar as linguagens importadas e impostas pelo meio intelectual, e na segunda, im-

proprens trazidas pelos escravos africanos e desconhecidas das elites. A primeira escola nos conduz à inferioridade e submissão cultural. Enrijece no inconsciente coletivo o medo de gastar do que é popular, do que é do povo. Todo núcleo cultural da segunda é ridicularizado e colocado na condição de folclore. Enquanto nos países-sede das culturas aqui dominantes eles sempre partem do popular como protótipo intelectual de sua criatividade, aqui na terra se menospreza as próprias raízes assim como fez Rui Barbosa queimando documentos históricos referentes ao Negro no Brasil, tentando com isso passar borracha na memória extravocada, ou melhor, na memória popular; ou ainda toma posição como o Crítico Pontual do Jornal do Brasil quando se referiu às obras de Emanuel Araújo e Rubens Valentim de residência afro, sendo aquele trabalho de origem que remonta a realidade de sua terra (Bahia) onde não se pode negar influência da cultura de África. Hoje tenta-se passar borracha em tudo de sua memória. Usando-se o termo "raçismo". Nunca será racista o homem que viver solitário desses sofrimentos e que por espaço lutar contra essas barbaridades. A valorização do homem negro não está no cadinho que se oferece, isto é, na ascensão desse ou daquele negro na sociedade. Está sim, no respeito à sua cultura, à sua mulher, e aos seus abandonados, aos seus zurecos e tôcas, na sua condição flagrante de direito de existir sem protecionismo.

GASMIM RODRIGUES

POETA ANGOLANO

NÃO SEI CHORAR

Não sei chorar
não aprendi a lamentar penas
perminadas no altar létrico da impolência
rezando inclemências sem justiça

Sei recolher dos dedos crispados de dor
o calor inerte da arma abandonada
no caule sangrento dum adeus
dos mortos nascidos para a eternidade

E não sei chorar,
não sei chorar lágrimas fúnebres,
não aprendi a derramar nada
no vazio acre do espaço abandonado

Sem contemplar as cinzas negras da morte
sobre a anatomia destrocada do amigo,
na cartela da vitória da humanidade
sobre a derrota calcinada do homem.

NÃO sei chorar!

Onde te encontrar?

BAMORA MACHEL

Não te encontrei na casa,
mas no rosto de toda a gente,
na sonchamba e na hortia,
Viste viva!

Encontrei-te nas crianças
e nos velhos nas mulheres,
nos adultos e nos inválidos.

Encontrei-te na vida nova,
que cresce/também
pelo teu exemplo e sangue.

Não conheço a tua tribo,
não conheço a tua região,
não conheço a escola que frequentaste.
Conheço-te,
Encontro-te em toda a gente
que vive a transformação.

Tinha razão de amar,
que amei-te nas qualidades novas,
os valores que criam a
esperança do amanhã.
E doloroso assim
perder a mulher
que foi mãe nas crianças,
irmã nos camaradas,
companheira nas armas e tenente no
lamar.

E doloroso perdermos o quadro.
E doloroso perdermos a mulher
que soube na revolução
emancipar-se.
E doloroso perdermos-te
quando ainda sonhas tão poucas
e tanto resta a fazer.

E doloroso perdermos
aquela que combinou
a inteligência com o utopista
para fazer crescer a planta nova.

E doloroso perdermos
aquele que se tornou o primeiro
assombro a lutar mulher por mulher.

E doloroso perder
a força de tua juventude
até a morte.
E doloroso
ver cair a breve jovem.

E doloroso/doloroso/como o fogo
que torna o ferro maleável
para que este seja armado.

E doloroso
como a lâmina da enxada
ferindo a terra
para que a semente cresça.

Doloroso porque necessário.
Doloroso.
Por isso seremos mais e melhores
e iremos mais longe,
dolorosamente estimulados
pelo teu exemplo.

Como teu marido
enraizo-me na tua recordação
para encontrar a força de continuar
a longa marcha até a vitória final.

Assim na luta na revolução,
te encontro continuamente,
A minha vida pertence à revolução. '70-5-71).

NOTA: O poema "Onde te encontrar?" foi escrito por Bamora Machel logo após a morte de sua mulher Jolina Machel, a cuja memória foi dedicado.

CONFIDENCIAL



247

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

ENCAMINHAMENTO Nº 129 /19/AC/77



DATA : 23 NOV 77

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
: I CONGRESSO DE CULTURA NEGRA DAS AMÉRICAS
: ABDIAS DO NASCIMENTO

ORIGEM : CISA (PRG 26088/77)

REFERÊNCIA : INFÃO 822/19/AC/77

DIFUSÃO ANT. : CIE-CENIMAR-DSI/MRE-EMAER

DIFUSÃO : SG/CSN - CI/DPF

ANEXOS : Os constantes do item 3.

1. Encaminha-se, para conhecimento desse órgão, reportagem intitulada "Contra o Racismo por uma Nova História" (ANEXO A), publicada no jornal "VERSUS", edição de Out 77, abordando o "I Congresso de Cultura Negra das Américas", no qual um dos itens das "recomendações aprovadas", de autoria do brasileiro ABDIAS DO NASCIMENTO - conhecido esquerdista - é mais um capítulo da campanha antibrasileira no exterior.

2. A propósito do tema, o anexo B contém noticiário publicado no jornal "O ESTADO DE SÃO PAULO", edição de 26 Out 77, onde o Ministro MARCELO RAFFAELLI, Chefe do Departamento da ÁFRICA, ÁSIA e OCEANIA, do MRE, se pronuncia a respeito do assunto explorado por ABDIAS DO NASCIMENTO.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DO ENCAMINHAMENTO Nº 129/19/AC/77.....Fls 02)

3. ANEXOS

248

A) Cópia xerox de recorte do jornal "VERSUS".

B) Cópia xerox de recorte do jornal "O ESTADO

DE S. PAULO".

* * *

CONFIDENCIAL

O original deste documento (com 2 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

CONTRA O RACISMO POR UMA NOVA HISTÓRIA

colômbia



Mirna Grich foi a única jornalista brasileira que esteve no primeiro encontro dos descendentes de africanos das Américas em Cali, Colômbia. A exceção dos brasileiros, cuja representação não pôde viajar por impedimento do Ministério da Educação e Cultura que alegou não haver nenhuma relevância para a cultura o nosso compatriotas, conforme declaração de César Negro, presidente do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, participaram delegações de Angola, Eritreia, Colômbia, Equador, México, Panamá, Peru e outros.

Nesse duplamente, Mirna Grich falou também do êxito da imprensa para com o evento. «Sei que havia outros jornalistas interessados mas que não conseguiram ir a Cali. Eu consegui porque viajei pela Visão, para outros trabalhos pela América Latina. Tenho certeza de que se fosse só para o Congresso eu também não teria ido, pois, na imprensa brasileira não existe um real interesse para temas dessa natureza».

Versus - Como repercutiu a ausência do Brasil?

Mirna - O incidente foi muito noticiado e a denúncia do IBEA ganhou primeira página no jornal "O PAÍS". No Congresso, a ausência brasileira foi muito negativa, afetando a organização porque a representação brasileira tinha a presença de um grupo de trabalho e secretarias outros. Isso causou muita indignação e resultou em carta de protesto enviada ao presidente Censel por Manuel Zapata Olivella, criador do Centro de Estudos Afro-Colombianos e presidente do Congresso.

Versus - Como foi a participação dos brasileiros que compareceram?

Mirna - Todos participaram como delegados com direito a voto. Eduardo Cevallos e Dilella, que viajou através da Terra e Compromisso Intelectual, Maria Senna, historiadora brasileira que viajou através do governo de seu estado, viajou para apresentar sua tese. Também houve a presença de alguns jornalistas brasileiros e que viajaram muito bar e barbaqueas que não atenderam negros compareceram com a tese «Somos todos brancos» perante a história foi o representante para que transa na Lapa, um malandro. Também levou uma coisa muito brasileira e foi uma presença que desentendi muito. Outro brasileiro presente era a Abdias,

que está surgindo como um grande líder da Negritude, respeitado tanto na África como nos EUA. Um cara de muita força, com uma profunda consciência e que está jogando esta coisa. Ele foi a cabeça da Nigéria, onde é o chefe do projeto «A Cultura Africana na Diáspora», da universidade de Ife. Abdias apresentou tese questionando a democracia racial no Brasil e «solto a bomba» denunciando um tratado que está para ser firmado entre o Brasil, Chile, Argentina e África do Sul, sendo os Estados Unidos por trás, e que, segundo ele, será um apoio aos regimes racistas de Suidáfrica Rodésia, e de Vorster, na África do Sul. Abdias estava bem documentado e conseguiu a abjuração desse tratado e essa decisão foi incluída nas resoluções do Congresso comunicadas à ONU, OEA e Organização da Unidade Africana.

Versus - Como foi a participação africana?

Mirna - Somente a Nigéria demonstrou estar engajada. É o país que recentemente realizou uma conferência contra o apartheid e, além disso, fornece ajuda militar aos guerrilheiros que combatem o governo racista sul-africano. Seu representante no Congresso, Wande Abimbola, professor da universidade de Ife, justificava que não estavam aqui lutando pela nossa luta, pela nossa dignidade, e se colocava como irmão. Dois representantes de Angola, quando solicitados a falar ou a votar, dizem que o problema era uma revolução estrutural, uma revolução social. O Senegal foi o seco de pancada do Congresso. Seu representante foi B defender a Negritude segundo Senghor e o rapaz sofreu muito. Não pôde fazer a questão em termos revolucionários como Angola e sim em termos existenciais e a coisa complicou muito. Ele distribuiu o livrinho do Senghor, entrou em discussão quase pessoal e não deu pra sentir uma política senegalês era religião ao problema. Pelo contrário, foi muito esportivo. Ofereceu bolsa de estudo a quem quiser estudar cultura negra no Senegal. Também na Nigéria houve oferecimento de bolsa.

Versus - O afro-colombiano é mais organizado que o afro-brasileiro?

Mirna - Poderia dizer que sim. Eles é pela própria e indicou ao país onde há voto, eleições e coisas expira. Eles sabem que não têm possibilidade de vitória mas acham que isso vai consolidar o negro e colombiano para as futuras eleições.

Essas são as recomendações aprovadas pelo plenário do I Congresso de Cultura Negra das Américas.

RECOMENDAÇÕES APROVADAS

- 1) - Considerando que, além do aspecto socio-econômico, existe o elemento racial usado para negar participação aos descendentes de africanos, pedir a todas as comunidades negras do continente, a seus escritores, artistas, antropólogos e educadores, assim como aos intelectuais e pessoas democráticas, que organizem a luta contra o racismo.
- 2) - Reescrever a história do negro para mostrar sua autêntica participação na construção da América e programar sua difusão na educação primária, secundária, universitária e familiar.
- 3) - Visando erradicar todas as formas de colonização, inclusive a linguística, propor aos órgãos educativos dos países da América o ensino de uma língua africana para servir de educação e comunicação universal entre os negros de todo o mundo.
- 4) - Que se considere a Negritude como uma estratégia alternativa de participação e racismo de direitas.
- 5) - Comunicar à ONU, à OEA e à OUA essa reunião e oposição ao tratado do Atlântico Sul, que está sendo negociado entre o Brasil, Chile, Argentina e o governo racista Sul-africano e que será efetivamente um pacto contra os nacionalistas negros.

AMÉRICA NEGRA

Em nosso número anterior foi analisado o racismo de Antônio Carlos, do grupo Exatônio, autor da poema América Negra, que exalta a opressão de uma cultura, de um povo transformador e criador. América Negra é o nome de um espetáculo.



ATO DE SOLIDARIEDADE

Se nasce negro é pecado
Como e que Deus pecou
Ninha negra e oia
De pai e mãe
E eu não tenho ninguém por mim
Onde estão meus irmãos...
onde estão...

Como todos pretos negros, Beldis, As postas da vestida, encanta-se incapaz do imperialismo além de ostate e na infância de sofrer uma cirurgia.

Se os passados negros pretos foram esquecidos, hoje as coisas começaram a mudar.

«Dia 2 de outubro, no Ceará, Vera Lúcia José, 4, 3, ate de solidariedade à Beldis, às 10 ms.

O original deste documento (com 2 folhas) foi apreendido parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.



América

CONTRA O RACISMO POR UMA NOVA HISTÓRIA

Colômbia



Mirna Grich foi a única jornalista brasileira que esteve no primeiro encontro dos descendentes de africanos das Américas em Cali, Colômbia. A exceção dos brasileiros, cuja representação não pôde vir por impedimento do Ministério da Educação e Cultura que alguns não tiveram nenhuma relevância para a cultura e os novos compromissos, conforme declaração de Cláudio Negro, presidente do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, participaram delegações de Angola, EIA, Colômbia, Equador, México, Panamá, Peru e outros.

Nesse momento, Mirna Grich falou também do êxito da imprensa para com o evento. «Sei que havia outras jornalistas interessadas, mas que não conseguiram ir a Cali. Eu consegui porque viajei pela Vozes para outros trabalhos pela América Latina. Tenho certeza de que se fosse só para o Congresso eu também não teria ido, pois, na imprensa brasileira não existe um real interesse para temas dessa natureza».

Versus: Como repercutiu a presença do Brasil?

Mirna: O incidente foi muito noticiado e a denúncia do IBEA ganhou primeira página no jornal A L PÁIS. No Congresso, a presença brasileira foi muito negativa, afetando a organização por meio de representantes brasileiros de nível a presidência de um grupo de trabalho e secretaria entre. Isso causou muita indignação e resultou em carta de protesto enviada ao presidente Cayul por Hylton Zapata Olivella, chefe do Centro de Estudos Afro-Colombianos e presidente do Congresso.

Versus: Como foi a participação dos brasileiros que compareceram?

Mirna: Todos participaram como delegados, com direito a voto. Embora Grich, eu e Oliveira não votamos porque não tínhamos direito de voto. A única representante brasileira foi a jornalista Mirna Grich, que participou com o grupo de trabalho de Cláudio Negro. Ela não conseguiu ir ao encontro por impedimento do Ministério da Educação e Cultura. Ela não conseguiu ir ao encontro por impedimento do Ministério da Educação e Cultura. Ela não conseguiu ir ao encontro por impedimento do Ministério da Educação e Cultura.

que está surgindo como uma grande líder da Negritude, respeitado tanto na África quanto nos EUA. Um cara de muita força, com uma profunda consciência e que está levando a sua missão. Ele foi chefe da Nigéria, onde é o chefe do projeto «A Cultura Africana na Diáspora», da universidade de Ifé. Abdias apresentou tese questionando a democracia racial no Brasil e soltou uma bomba denunciando um tratado que está para ser firmado entre o Brasil, Chile, Argentina e África do Sul, onde os tratados Unidos por trás, e que, segundo ele, será um apoio aos regimes racistas de Suidáfrica, Rodésia e de Vozes, na África do Sul. Abdias estava bem documentado e conseguiu a abstração de se transferir sua decisão foi incluída nos resumos do Congresso encaminhadas à ONU, OEA e Organização da Unidade Africana.

Versus: Como foi a participação africana?

Mirna: Somente a Nigéria demonstrou estar engajada. É o país que recentemente realizou uma conferência contra o apartheid e, além disso, fornece ajuda militar aos guerrilheiros que combatem o governo racista sul-africano. Seu representante no Congresso, Wande Abimbola, professor da universidade de Ifé, justificou que nós estamos aqui lutando pela nossa vida, pela nossa dignidade e se colocava como irmão. Dois representantes de Angola, quando solicitados a falar em a votar, dizem que o problema era uma revolução estrutural, uma revolução social. O Senegal foi o seco de pancada do Congresso. Seu representante foi B defendeu a Negritude segundo Senghar e o rapaz sofreu muito. Não fez nada a questão em termos revolucionários como Angola e viu em termos existenciais e a vida concluiu muito. Ele distribuiu o horário do Senghar, entrou em discussão quase pessoal e não deu pra sentir uma política senegalês era relação ao problema. Pelo contrário, foi muito esotérico. Ofereceu ficha de estudo a quem quiser estudar cultura negra no Senegal. Também exibiria boneco oferecimento de bolsa.

Versus: O Afro-colômbiano é mais organizado que o afro-brasileiro?

Mirna: Talvez dizer que sim. Eu fui pela primeira vez em um país e ele há uma elegância e nobreza. Eu não tenho que não tem possibilidade de vitória mas acho que isso vai consolidar o negro e fortalecer para as futuras eleições.

Essas são as recomendações aprovadas pelo plenário do I Congresso de Cultura Negra das Américas.

RECOMENDAÇÕES APROVADAS

- 1) - Considerando que, além do aspecto sócio-econômico, existe o elemento pago usado para negar participação aos descendentes de africanos, pedir a todas as comunidades negras do continente, a seus escritores, artistas, antropólogos e educadores, assim como aos intelectuais e governos democráticos, que organizem a luta contra o racismo.
- 2) - Preservar a história do negro para mostrar sua autêntica participação na construção da América e programar sua difusão na educação primária, secundária, universitária e familiar.
- 3) - Visando erradicar todas as formas de colonização, inclusive a linguística, propor aos órgãos educativos dos países da América o ensino de uma língua africana para servir de educação e comunicação universal entre os negros de todo o mundo.
- 4) - Que se considere a Negritude como uma estratégia alternativa de participação e rejeição de diretes.
- 5) - Convenciar à ONU, OEA e à OUA a essa repulsa e oposição ao tratado do Atlântico Sul, que está sendo negociado entre o Brasil, Chile, Argentina e o governo racista Sul-africano e que será efetivamente um pacto contra os nacionalistas negros.

AMÉRICA NEGRA

Em nosso número anterior foi analisado o racismo de Antonio Carlos, do grupo Exaltação, autor da guerra América Negra, que trata a expressão de uma cultura, de uma povo totalizador e coletivo. América Negra é o nome de um esportivista.



ATO DE SOLIDARIEDADE

Se nasce negro e morde Como e que Deus criou Ninguém teja e ofe De gal e mae E eu não tenho direito por mim Onde estão meus irmãos... onde estão...

Como todos os pretos negros, belvíva, as posturas da sociedade, encerrando as expectativas do materialmente além de o vale e na limitação de ser por sua natureza.

Se não passamos nossas palavras foram entendidas, mas as coisas continuam a mudar. Dia 20 de outubro no Centro Cultural de São Paulo, 13, 14, 15 e 16 de outubro de 1977, 15 de outubro de 1977, 15 de outubro de 1977, 15 de outubro de 1977.

JORNAL: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 26 OUT 1977

250

ANGOLA

VOX POPULI

Itamaraty defende respeito à individualidade da África

Da sucursal de
BRASÍLIA

"O Ocidente precisa aceitar a individualidade africana e não tentar violentá-la através da imposição de esquemas alheios à realidade dela, ainda que possam ter funcionado bem em outras sociedades, em outras culturas, em outras latitudes." A advertência é do ministro Marcelo Raffaele, chefe do Departamento de Assuntos Políticos do Itamaraty, que falou ontem no II Painel de Assuntos Internacionais promovido pela Câmara dos Deputados.

O diplomata acredita que com esse comportamento serão melhor servidos os chamados valores ocidentais". E ele enunciou os pontos que constituem esses valores: respeito à liberdade individual, o primado do indivíduo sobre a máquina estatal, a não subjugação de um país por outro, a não ingerência nos assuntos internos de outro país, a autodeterminação dos povos, e busca da paz e da fraternidade entre os povos, a luta pelo desenvolvimento econômico e social e o abandono das teses pelas quais os países ricos, invocando estarem sendo prejudicados pelos demais países, prejudicam a estes.

O ministro Raffaele rejeita a interpretação de "mundo ocidental" que vigorou durante a "guerra fria", reduzindo aquele mundo a um simples bloco político-militar. Ele diz que essa interpretação "não é mais satisfatória, por estar ultrapassada". "O Ocidente não mais se conceitua como um bloco, isto é, cada país ocidental se atribui uma nova e criativa capacidade de ação política e de trabalho diplomática. Por outro lado, porque, como espera o Brasil, o conceito de mundo ocidental vai-se tornando mais e mais abrangente. E cada vez menos apropriado restringir o Ocidente a um núcleo de países industrializados situados principalmente no arco do Atlântico Norte, com exclusão de todas as demais áreas, que vivem sob o influxo da mesma tradição cultural e política."

O chefe do Departamento da África do Itamaraty entende que a balança de poder no Continente africano, entre as duas superpotências, ainda pende a favor dos Estados Unidos. "A União Soviética perdeu terreno no Egito e provavelmente na so-

malta e também não conseguiu até agora ganhar influência na Rodésia, onde as atenções se centralizam na iniciativa de paz anglo-americana".

Raffaele reafirmou o completo desinteresse do Brasil por qualquer tipo de pacto no Atlântico Sul. "O governo brasileiro tem declarado, repetidas vezes, que não está interessado, nem participará em qualquer pacto, aliança ou tratado deste tipo". Ele lembrou que o governo considera "desnecessário" qualquer pacto para a defesa da região, porque o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca já oferece garantias suficientes. Ele entende que, cujo tratado, "com o mesmo objetivo, seria supérfluo".

"Prócuimos não fazer com eles o que não queremos que façam conosco", afirmou Raffaele para resumir a posição brasileira. A política do Itamaraty na África consiste em cooperar, mas deixando aos países do Continente a iniciativa de decidir o que desejam. "O Brasil nada faz que se possa interpretar como desejo de intervir no processo político interno dos países africanos".

Os números do intercâmbio comercial representam um exito, segundo o diplomata. As exportações brasileiras para a África cresceram de 81 milhões de dólares, em 1971, para 430 milhões, no ano passado e as importações subiram, no mesmo período, de 81 milhões para 464 milhões.

CONFIDENCIAL



251

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

ENCAMINHAMENTO Nº 130 /19/AC/77



DATA : 30 NOV 77

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
: INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ALEMANHA
: NÚCLEO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

ORIGEM : PRG 2/004/77

REFERÊNCIA : INFÃO 854/19/AC/77

DIFUSÃO ANT. : CIE-CISA-CI/DPF-DSI/MJ

DIFUSÃO : SG/CSN

ANEXO : Cópia xerox do Encaminhamento 801/CENIMAR/77.

Encaminha-se, para conhecimento, o documento cons-
tante do anexo, que versa sobre um ciclo de palestras sobre a Po-
lítica Africana atual, realizado em SALVADOR/BA, que apresen-
tou conotações racistas.

* * *

CONFIDENCIAL



CONFIDENCIAL
GRAU DE SIGILO

MIM-01

7530-BR-240-3154
AGENCIA CENTRAL
027004 18.1177
PROTOCOLO

MINISTERIO DA MARINHA

CENTRO DE INFORMAÇÕES DA MARINHA
ORGAO

INFORMAÇÃO INFORMADA PER BUSCA/ENCAMINHAMENTO

Nº 0801 DATA 16.11.77

AVALIAÇÃO: XXXXXXX

352

ORIGEM: SALVADOR/BA

ASSUNTO: MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

PAIS/AREA: XXXXXX

REFERENCIA: XXXXXX

DISSEMINAÇÃO: SNI/AC - CIE - CISA - CI/DPF - DSI/MJ - CENIMAR

DISSEMINAÇÃO ANTERIOR: XXXXXXX

109622

- 1) - O "Instituto Cultural BRASIL-ALEMANHA - ICBA", e o "Núcleo Cultural Afro Brasileiro" promoveram, em SALVADOR/BA, um ciclo de palestras sobre a Política Africana Atual.
- 2) - Os conferencistas convidados são elementos de passado notoriamente subversivo, ora atuando na tática divisionista de discriminação social (Anexo "A").
- 3) - É possível que a esquerda clerical, como o demonstra o artigo assinado por D. JERÔNIMO ^{de SA CAVALCANTI}, do Mosteiro de São Bento de SALVADOR, e constante do anexo "B", venha a contribuir, também, para o incremento da campanha de antagonismo racial, ora em ascensão no País. x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

- Anexo: A) Cópia xerox do artigo "ICBA Promove Palestras sobre Política Africana", publicado no Jornal "TRIBUNA DA BAHIA" de 08/10/77;
- B) Cópia xerox do artigo "O NEGRO EM SERGIPE" publicado no jornal "TRIBUNA DA IMPRENSA", de 10/10/77.

00000000

CONFIDENCIAL
GRAU DE SIGILO

O destinatário é responsável pela manutenção do Sigilo deste documento (Art. 12, Decreto 70.890-27, 1972)

A T E N Ç Ã O:

O original deste documento (com 2 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Fonte TRIBUNA DA BAHIA

Data 08-10-77

Matéria _____

A
253

Icba promove palestras sobre política africana

O Instituto Cultural Brasil-Alemanha e o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro estão promovendo durante todo este mês um ciclo de palestras sobre a Política Africana Atual, que serão proferidas pelo vereador Marcelo Cordeiro e pelos professores Roberto Goulart e Elísio Brasileiro e Marconi.

Eles falarão, respectivamente, sobre Relações Políticas entre Brasil e África, Problemas Econômicos e sociais da África, Relações Culturais e Relações Raciais e Panorama Africano Recursos Naturais. Segundo um dos coordenadores do ciclo, Roberto Santos, o objetivo principal da iniciativa "é trazer à luz os maiores problemas daquele Continente, ao

mesmo tempo que oferecer aos participantes uma melhor visão sobre a África".

Dentro desta visão serão destacados os temas econômicos, culturais e políticos, "pois possibilitam a todos uma melhor compreensão sobre o assunto", afirma Roberto Santos. A Rodésia e a África do Sul serão os países mais enfocados durante as palestras, "uma vez que possuem uma história atual e dinâmica".

As inscrições para o ciclo de palestras ainda estão abertas na Secretaria do Icba, na Vitória, e ao final serão fornecidos certificados para aqueles que possuírem uma frequência igual ou superior a 90 por cento.

Dom Jerônimo

O NEGRO EM SERGIPE

Negro não é somente tema de reportagens policiais. Não é somente problema americano ou africano. Pense-se entre nós que a história do negro no Brasil se extinguiu com a campanha abolicionista e com a Lei Áurea. Há um profundo engano naqueles que julgam ter os escravos assumido uma posição pacífica diante da dominação e da própria escravidão. A realidade é bem outra.

É portanto, com satisfação que recebemos no pequeno Estado de Sergipe, terra do coco, de um povo amável e carinhoso, o livro "O negro e a violência do branco" de um jovem sociólogo, já conhecido no país, Ariosvaldo Figueiredo.

Estamos diante de uma pesquisa feita com seriedade e apontando conclusões valiosas para o estudo da posição do negro entre nós.

Ainda recentemente, li no "Jornal do Brasil", no seu suplemento bibliográfico, uma longa crítica deste trabalho de Ariosvaldo Figueiredo. Segundo este crítico, Ariosvaldo apresenta um trabalho interessante de psicologia "Dialética de cada um". O autor quebra, de certo modo, a tradicional visão do problema Negro, "levantando novas hipóteses de trabalho, usando métodos mais objetivos de interpretação... pondo em discussão aberta e franca, os conceitos já usados de alguns pontífices da sociologia oficial".

"Este livro revela exatamente que não só ali em Sergipe, como em qualquer outro lugar, a escravidão também se caracterizou pela violência. A exploração do negro processou-se em todas as épocas da história brasileira. O negro foi sempre usado, foi sempre considerado uma coisa a ser explorada. O próprio autor confirma categoricamente esta nossa afirmação. "O negro, vítima de mesma situação, estimula, contraditoriamente, a política da dominação do branco, cujos costumes e valores o próprio negro procura absorver e imitar" (pág. 114).

Aponto também, como muito boa, a análise de Figueiredo faz sobre a maneira do negro usar a nossa linguagem, dando-nos maior sonoridade, colocando por exemplo, o pronome em lugar errado, associando assim o português do Brasil.

Também, o negro reagiu contra a religião dos brancos, criando novas formas sincréticas. Citando o autor "de todo negro o sistema fazia estatística e, compulsoriamente, católico, apostólico, romano, mas ele em nenhum momento, ingressou voluntária e plenamente na religião oficial" (pág. 103).

Exatamente quando refletimos sobre o Negro, lendo este livro de Ariosvaldo Figueiredo, recebi através da revista "Versus", nº 77, de setembro último, uma longa reportagem apreciativa do problema, assinado por Hélio Santos, professor da Faculdade Oswaldo Cruz. Lendo este livro de reportagem que me parece apontar-se concretamente nos pensamentos de Ariosvaldo. "É necessário lutar que o Brasil foi o último país cristão a abolir o cativo; da mesma forma que Portugal foi o último a abandonar a África".

Após esta leitura de "O Negro e a Violência do Branco" em Sergipe, julgo que importa não só que este problema seja melhor analisado, mas sobretudo, se caminhos para soluções e atitudes diante desta raça ainda de qualquer maneira violentada e desrespeitada. O negro precisa ser realmente melhor integrado na nacionalidade brasileira.

Hélio Santos, autor da reportagem de "Versus" conclui seu trabalho afirmando que "das senzalas passaram as massas negras para as margens: a cadeia, o prostíbulo, a favela e o subemprego passam a constituir seu "habitat"; e daí não saem até nossos dias atuais. Os brasileiros descendentes de escravos continuam assim perpetuados como os herdeiros da escravidão".

O trabalho de Ariosvaldo Figueiredo é mais uma luz na focalização de um dos mais sérios e graves problemas da nossa terra.

CONFIDENCIAL



255

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 0416 /19/AC/78



DATA : 22 MAI 78
ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
ORIGEM : PRG 8368/78
DIFUSÃO : SG/CSN-DSI/MJ
ANEXO : Cópia xerox da revista "TIÇÃO".

1. Foi lançado em Mar 78, c nº 1 da revista "TIÇÃO", uma publicação da "Editora Paralelo 30 Ltda", sita à rua Lima e Silva, 92/1005, PORTO ALEGRE/RS e registrada na Divisão de Censura de Diversões Públicas sob o nº 1.711.

Em 1977, a mesma editora publicou a revista "PARALELO", que abordava temas sobre discriminação racial no RIO GRANDE DO SUL e que deixou de circular em março do mesmo ano.

2. Conforme consta do "Editorial" (pag 3), a revista "pretende falar com a comunidade negra não só de PORTO ALEGRE, através de uma linguagem simples e buscando um trabalho de conscientização racial, social e cultural". Além disso, se propõe a discutir a participação do negro na questão das reivindicações sociais e a sua história, "geralmente mal contada e distorcida", que tem "como exemplo mais típico o Quilombo de Palmares".

Finalizando, o editorialista opina que é preciso "retomar alguns segmentos negros que foram interrompidos des

CONFIDENCIAL

de quando o branco chegou na ÁFRICA até os dias de hoje, quando o negro, além de estar socialmente ameaçado em sua própria sobrevivência, sofre ainda o racismo branco".

Dentro dessa linha, a revista transmite em suas matérias, redigidas em linguagem acessível à massa e que abordam temas de interesse popular, entre outras, as seguintes idéias:

- a libertação do negro no RIO GRANDE DO SUL, assim como no resto do País, não se completou com a abolição da escravatura. "O negro permaneceu marginalizado racial e socialmente";

- a arte negra se mantém em suas manifestações mais diversas (escolas de samba; grupos negros; literatura e artes plásticas, "áreas geralmente dominadas pelos produtos da classe dominante"; e folclore);

- a religião negra também continua existindo "bombardeada, explorada, descaracterizada em algumas casas, mas também conservada em seu estado mais puro em outros" (sic);

- enquanto a mulher branca "sofre em sua condição de mulher numa sociedade predominantemente patriarcal", a mulher negra, "rejeitada", aparece como "empregada doméstica, lavadeira, cozinheira, enfim, realizando os serviços que lhe eram típicos na escravidão" e continua "oprimida", racial, social e sexualmente, "marcada sempre pela inferioridade";

- atualmente, embora a maioria negra, principalmente os mais jovens, "assumiu seu cabelo" adotando o chamado "cabelo afro", o "alisamento" que tenta "reproduzir o padrão de beleza branca" continua refletindo um "fenômeno típico do racismo: humilhado, discriminado e alienado de sua própria história, o negro passou a ter sentimento de rejeição de sua cor";

- "o negro quando adquire um certo status, através do futebol, passa a sofrer um processo de branqueamento";

- a data "máxima" do negro é o 20 de novembro,

dia da morte de ZUMBI, "rei de Palmares", e não 13 de maio, da qual o "negro guarda apenas restrições" e é uma "data que marca a fragilidade da monarquia brasileira, pressionada pelos interesses da INGLATERRA, antes dona do tráfico negreiro";

- a "capoeira", que começou a desenvolver-se no Quilombo dos Palmares e nasceu para a defesa da liberdade é a única arte marcial brasileira;

- a educação no BRASIL prejudica o negro, mas esse aspecto é decorrente do sistema capitalista, onde o negro "não tem vez".

3. Anunciando o lançamento do livro de poemas de AGOSTINHO NETO, exalta a figura do líder marxista angolano e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), criticando, em contrapartida, os negros angolanos "mercenários" JONAS SAVIMBI e HOLDEN ROBERTO.

4. Dentre os responsáveis pela revista "TIÇÃO", destacam-se os seguintes jornalistas e intelectuais negros:

- VERA DAISY BARCELLOS - Editor-Responsável.

Pertence ao jornal "ZERO HORA"/PA.

Em 13 Mai 77, participou de debates sobre Discriminação Racial no jornal "ZERO HORA"/PA.

- EMÍLIO CHAGAS - Redator.

Em Mar 77, era editor da revista "PARALELO", onde inseriu artigo analisando o movimento racista nos ESTADOS UNIDOS caracterizando a pregação à discriminação racial.

- JORGE FREITAS - Redator.

Em 1977, foi dispensado da Rádio Continental de PORTO ALEGRE por redigir matéria que visava a contestar o regime do País.

Pertence ao Corpo Redatorial do "COOJORNAL".

- MARIA NAZARÉ MAGALHÃES DE ALMEIDA - Editor.

Em 28 Nov 74, foi presa pela Delegada de Tóxi

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0416 /19/AC/78.....Fls. 04)

258

cos de PORTO ALEGRE/RS, por posse de maconha e LSD.

- OLIVEIRA FERREIRA DA SILVEIRA - Redator.

Em 1977, integrava o Grupo PALMARES de PORTO ALEGRE.

- WALTER CARNEIRO - Redator.

Em 25 Mai 76, pertencia à Delegação do RS à 5ª Convenção Estadual do Setor Jovem do MDB.

- ENEIDA SERRANO - Fotógrafa.

Pertence ao "COOJORNAL".

- SÍLVIO DE ALENCASTRO - Fotógrafo.

Consta na relação de elementos do RS que cursam universidade de País Socialista.

* * *

CONFIDENCIAL

JORNAL: ZERO HORA

CIDADE: PORTO ALEGRE

DATA: 30 MAR 78 PAG: 1

259

Geral

Surge revista para discutir situação do negro

Com o primeiro número da revista *Tiçãõ*, da Editora Paralelo 30, a comunidade negra gaúcha passa a ter mais um veículo de difusão de suas idéias e debate sobre a situação do negro na sociedade brasileira. *Tiçãõ*, segundo seus editores, "pretende falar com a comunidade negra não só de Porto Alegre, através de uma linguagem simples e buscando um trabalho de conscientização racial, social e cultural". Continuando, eles dizem:

"Entendemos que a chamada questão negra não se esgota em si própria. Embora ela possua a sua especificidade, também faz parte de todo um conjunto de reivindicações sociais. A revista se propõe a discutir a participação do negro neste âmbito e sua história, geralmente mal contada e distorcida, sendo exemplo mais típico o Quilombo dos Palmares. Acreditamos que é preciso retomar alguns segmentos negros que foram interrompidos desde quando o branco chegou na África até os dias de hoje quando o negro, além de estar socialmente ameaçado em sua própria sobrevivência, sofre ainda o racismo branco. *Tiçãõ* está disposta a levantar tais questões".

Vera Daisy Barcellos, uma das jornalistas responsáveis pela publicação, diz que "uma das primeiras tarefas da revista será desfazer a confusão que existe entre os próprios negros a respeito de sua situação" e só numa etapa posterior partir então para um posicionamento mais político. Como acrescenta Vera Daisy, a idéia de criação de *Tiçãõ* surgiu, em abril do ano passado, entre um grupo de jornalistas e intelectuais negros, mas só começou a ser estruturada mesmo em julho. Muitas pessoas foram convidadas a trabalhar, mas nas primeiras reuniões de discussão sobre as linhas da revista surgiram divergências, porque alguns consideraram racista a idéia de um veículo fechado às questões do negro. Muita gente desistiu, mas outros entraram no lugar deles, ficando a redação a cargo de Edilson Canabarro, Emílio Chagas, Jeanice Viola, Jorge Freitas, Nazaré Almeida, Oliveira Silveira, Walter Carneiro e Vera Daisy Barcellos.

Como toda publicação nanica, a revista enfrentou uma série de dificuldades econômicas até que pudesse ser posta em circulação. Para vencer essa situação, foram realizadas duas promoções — Música Negra do Sul, um espetáculo musical apresentado em julho na Sociedade Marçílio Dias e A Mostra do Cinema Negro. Muito importante também foi o trabalho dos colaboradores que trabalharam

TIÇÃÕ

1.ª EDIÇÃO - MARÇO 1978



RACISMO DEZ PRESENTE NA ESCOLA

ESCURINHO: O NEGRO TEM QUE EVOLUIR POLITICAMENTE

A MULHER NEGRA A CANGAÇA DE SER DOMÉSTICA

neste primeiro número. Entre eles, os fotógrafos Alfredo Matias, Enelda Serrano, Guto Cruz, Jaqueline Joner, Luiz Alves, Roberto Grilo, Silvio Alencastro, Tulo Franco e Zé Neto. Também os ilustradores Ferré, Irene Santos, Juvenal Luz, Magliani, Neny Scliar, Paulo Chimendes e Ricky Bois. A composição foi feita por João Alberto Souza, a programação e edição gráfica por Ademir Fontoura e Ricardo Barreto e a montagem por Olmiro Lempek. O nome da revista foi e continua sendo, à medida em que ela circula, motivo para discussões pois algumas pessoas a consideram pejorativa, mas Vera Daisy explica que a idéia dos editores, ao escolhê-lo, foi de que ele representasse uma chama de força dentro da comunidade negra. A Cr\$ 10,00 o exemplar, *Tiçãõ* deverá ser mensal. Neste seu primeiro número, traz matérias sobre o Negro no Rio Grande, onde mostra a sua contribuição para a cultura gaúcha; a relação do brasileiro com a libertação do negro africano; capoeira, a luta que ajudou o negro a fugir da polícia do senhor; Quilombo, uma escola de samba que não desfila para turistas, nem disputa prêmios; o hábito negro do alisamento do cabelo; e Marçílio Dias, um clube náutico, que sem barcos só faz bailes. E mais ainda, uma entrevista com o jogador Escurinho, mostrando o que ele pensa sobre a situação do negro; uma mesa-redonda sobre a educação que mantém o racismo; um conto de Oswaldo de Camargo; e um ensaio sobre Palmares, ou a forma como o negro reagiu à escravidão negra brasileira.

2.ª EDIÇÃO - MARÇO 1978

TIÇÃO

Mais um nanico na praça. Lançado em Porto Alegre o primeiro número de TIÇÃO, uma revista que se propõe a discutir a questão do negro dentro da sociedade brasileira. Editada por um grupo de jornalistas negros, todos já conhecidos por seu trabalho na imprensa diária, a revista fala, em seu editorial na intenção de "discutir o papel do negro em todo o processo histórico da sociedade e tentar explicá-lo sob o ponto de vista negro". Assim, o número de março da revista, que será mensal, traz uma matéria sobre o Quilombo dos Palmares, uma longa entrevista com o jogador Escurinho e um depoimento de Clementina de Jesus, entre outros artigos. (Valério Campos).

Podis
APP

Horacio E

21

17/4/78

TIÇÃO

Mais um nanico na praça. Lançado em Porto Alegre o primeiro número de TIÇÃO, uma revista que se propõe a discutir a questão do negro dentro da sociedade brasileira. Editada por um grupo de jornalistas negros, todos já conhecidos por seu trabalho na imprensa diária, a revista fala, em seu editorial na intenção de "discutir o papel do negro em todo o processo histórico da sociedade e tentar explicá-lo sob o ponto de vista negro". Assim, o número de marco da revista, que será mensal, traz uma matéria sobre o Quilombo dos Palmares, uma longa entrevista com o jogador Escurinho e um depoimento de Clementina de Jesus, entre outros artigos. (Valério Campos).

Podis
APD

Manuê

21

17/4/58

ATENÇÃO:

O original deste documento (com 5 folhas) foi apresentado parcialmente ilecível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

TIPOGRAFIA

C/S 10,00

Nº 1 - ANO I - MARÇO 1972

261



RACISMO DIZ PRESENTE NA ESCOLA
ESCURINHO: "O NEGRO TEM QUE EVOLUIR POLITICAMENTE"
A MULHER NEGRA CANSOU DE SER DOMÉSTICA

ÁFRICA
O seu primeiro livro,
a 1983
é o primeiro
com 1987 p. 28

AGOSTINHO NETO
Um poeta é
presidente de
Angola livre.
p. 29

**CLEMENTINA
DE JESUS**
Negra Velha fala da
música que
canta há
80 anos.
p. 19

CAPOEIRA
A luta que
ajudou o negro
a fugir da
polícia do
senhor. p. 22

OLHO VERDE
Uma história de amor
que não acabou
com o fim
do mundo.
p. 30

EDUCAÇÃO
A educação
mantém o
ra.ismo.
Qual é a dela?
p. 24



ESCURINHO
Jogador de
futebol pensa
no problema do
negro. p. 10

**ESPERANDO O
EMBAIXADOR**
Conto de Oswaldo
de Camargo. p. 14

Expediente

REDAÇÃO: Edilson Cambarro, Emílio Chagas, Jeanice Viola, Jorge Freitas, Nazare Almeida, Olvícia Alvares, Walter Carneiro, Vera Daisy Barcellos, FOTÓGRAFOS: Alfredo Matos, Evênia Serrano, Guto Cruz, Jacqueline Jacir, Luiz Alves, Roberto Gillo, Sílvia Alcencastro, Tujo Franco, Zé Neto, ILUSTRADORES: Ferné, Irene Santos, Juvenal Luz, Magliani, Nony Sellar, Paulo Chimeadas, Ricky Bola. COMISSÃO: João Alberto de Souza, PROGRAMAÇÃO E EDIÇÃO GRÁFICA: Ademir Fontoura, Ricardo Barreto. MONTAGEM: Cláudio Tempck. JORNALISTA RESPONSÁVEL: Vera Daisy Barcellos. TRILHO é uma publicação da Editora PARALELO 30 LTDA., Rua Lima e Silva, 9211005 (endereço provisório) Porto Alegre, Rio Grande do Sul - CCEME nº 0024829/0001-41 - Registrada na Direção de Censura de Diversões Públicas sob o nº 1.711 P.209/73.

CONTINUA NA PAGINA 26

MARCÍLIO DIAS — Um clube náutico
sem barcos só faz bailes. p. 18

MULHER — Prostituta ou doméstica.
Ninguém aceita estes papéis. p. 6

O NEGRO NO RIO GRANDE
A contribuição negra para a cultura gaúcha
p. 4

GAÚCHO — Para o negro não
tem gente que aceita este estado de coisas. p. 8



PALMARES — Como o negro reagiu
contra a escravidão brasileira. p. 20

PRETO NO BRANCO
Notas sobre coisas negras. p. 27

Editorial

TIÇÃO pretende falar com a comunidade negra não só de Porto Alegre, através de uma linguagem simples e buscando um trabalho de conscientização racial, social e cultural. Entendemos que a chamada questão negra não se esgota em si própria. Embora ela possua a sua especificidade, também faz parte de todo um conjunto de reivindicações sociais.

A revista se propõe a discutir a participação do negro neste âmbito e sua história, geralmente mal contada e distorcida, como exemplo mais típico sendo o Quilombo de Palmares. Achamos que é preciso retomar alguns segmentos negros que foram interrompidos desde quando o branco chegou na África até os dias de hoje quando o negro, além de estar socialmente ameaçado em sua própria sobrevivência, sofre ainda o racismo branco.

TIÇÃO está disposta a levantar tais questões.



É difícil determinar com precisão a procedência dos negros vindos para o Rio Grande do Sul. Teriam vindo predominantemente negros *bantus*, de Angola, Congo, Moçambique, mas também foi significativa a contribuição dos *geges* e *nagôs*, oriundos do Golfo da Guiné. Um exemplo concreto dessa contribuição é o batuque, cujo ritual e canto são *gege-nagôs*. A dificuldade em apurar mais precisamente a procedência negra deve-se, fundamentalmente, ao fato de não existir quase nenhuma documentação em relação ao tráfico de escravos. Os documentos que havia foram queimados por ordem de Rui Barbosa, quando ministro da Fazenda. E o negro brasileiro teve seu passado praticamente destruído, sendo-lhe simplesmente impossível estudar sua própria árvore genealógica até as raízes africanas.

**TRABALHA, TRABALHA,
BURRO!**

Destinado à função de mão-de-

obra escrava, como uma espécie de burro de carga, o negro começou a desenvolver suas atividades, como remo, nas embarcações que navegavam pela Lagoa dos Patos, Jacuí, etc. No campo trabalhou na construção de estradas de ferro, cercas de pedras, molhes de Rio Grande, pontes como a dos Açorianos, em Porto Alegre. Mas seu trabalho mais característico, no campo é nas *estâncias*. Sua força de trabalho também é explorada na lavoura, no pastoreio. Na cidade era escravo doméstico, artesão, escravo de ganho.

Saint-Hilaire, naturalista francês, viajando entre 1820/21 pela Província, descreveu estâncias do litoral: "Paramos em uma estância, à qual pertencem os campos percorridos. Trata-se de uma casinha mal construída, de pau a pique e barro, mas coberta de telhas. Ao redor vivem-se várias carroças; aos lados, lancajeiras, currais e algumas casas de negros" (1). E ainda: "Cerca de oitenta negros, apenas, ocupam-se da construção

do curtume e depois nele trabalham. Quase todos os escravos do barão são negros-miúdos" (2). A Estância Curral de Pedras, em Rosário do Sul, conserva ainda vestígios da escravidão: panelão, cemitério de escravos.

A lavoura de trigo foi ponto de concentração de expressiva massa escrava, em fins do século XVIII e duas primeiras décadas do Século XIX. Outro ponto igualmente importante foi a Real Feitoria do *Linho-Cânhamo*, de Canguçu, a partir de 1783, onde havia os escravos campeiros. Já em 1788, como registra o pesquisador Cláudio Moreira Bento, o rebanho cuidado por eles atingiu 3.031 bovinos e 105 cavaleiros e muares. Essa feitoria acabou sendo transferida um ano mais tarde (1789) para São Leopoldo, durante então até 1824. Mas, o ponto de maior concentração foi a *charqueada* e ali é que a escravidão seria mais violenta. A partir de 1780 foi intensificada a criação de estabelecimentos saladeiros em Pelotas e junto ao rio

Jacó. A violência das charqueadas está expressa nesta observação de Nicolau Drey, outro viajante: "uma charqueada bem administrada é um estabelecimento penitenciário".

Nas guerras, revoluções, entevos, o primeiro a ser lembrado era o escravo negro. Linha de frente, bucha de canhão, tomando canhão com pólvora. Assim é que, com Rafael Pinto Bandeira, os lanceiros negros demarcaram fronteiras. Ainda como lanceiro, o negro participou expressivamente da guerra da Cisplatina, que culminou em 1827, e da Revolução Farroupilha de 1835-1845. Com essas guerras ou escaramuças ele nada tinha a ganhar, ao contrário. Nunca lutou em guerras que defendessem seus interesses, ou que estivessem ligadas à sua situação. Em algumas, como em 35, se oferecia como prêmio a liberdade. Mas que liberdade era essa? A de se tomar capanga, borracho, caso escapasse com vida, ficando completamente marginalizado. O negro sempre esteve presente nas lutas: Guerra do Paraguai, revolução de 1893. Na de 1923, o jornal negro *O Exemplo*, de Porto Alegre, denunciava o recrutamento obrigatório preferencial para negros.

É natural que o negro reagisse, tentando fugir ao escravismo. A principal forma era a fuga para a fronteira ou para outros pontos do território. Viam-se frequentes anúncios de escravos fugidos, em jornais do século passado. Tentativas de insurreição aconteceram em Livramento e outros locais. Em Rio Pardo, por exemplo, formaram-se pequenos quilombos. Entretanto, não havia condições para que o movimento pudesse ameaçar mais seriamente o sistema escravista, como em outros pontos do país (Palmares, no nordeste, por exemplo), mas os senhores andavam sempre temerosos de seus escravos.

LIBERDADE, LIBERDADE

De um modo geral, a escravidão no Rio Grande foi tão violenta e desumana como nos demais pontos do Brasil. Arsène Isabelle, outro viajante francês que aqui andou em 1833/34 escreveria: "Sabéis como esses senhores são superiores, tratam seus escravos? — como tratamos nossos cães!" O Rio Grande teria sido a terceira província brasileira a abolir a escravidão em seu território. Acontece que em 1834 eram considerados livres os escravos do estado, devi-

do à ação dos clubes abolicionistas, que existiam tanto na capital como no interior da província. Também havia a ação de intelectuais, como os do *Partenon Literário*. Depois veio a abolição de 13 de maio, em 1888, sem maiores consequências a favor do negro. Pode-se dizer que o abolicionismo gaúcho teve as mesmas características do nacional: causas políticas e econômicas como a campanha republicana, a pressão da Inglaterra, a renovação no sistema de produção. Outra influência importante: imigração e colonização, resultando tudo isto no abandono do negro a sua própria sorte e consequente marginalização.

A abolição era encarada inicialmente como problema de mão-de-



obra. O lema do presidente da província, Albuquerque Barros (1885) era "suprimir o escravo, conservando o operário, no Rio Grande do Sul". Para o sociólogo Fernando Henrique Cardoso esse lema queria dizer: "suprimir a condição legal do escravo, conservando sua condição real". Ou seja, mudadas as aparências, a situação permanecia a mesma. Havia, ainda, uma corrente abolicionista que pleiteava a indenização para os senhores. O interesse pela abolição era, na verdade, um interesse pela indenização, financeiro. Em

1884, a farsa da abolição se resumia no seguinte: a liberdade era concedida com cláusula de prestação de serviços. Isto significa uma pseudo-liberdade, onde o escravo era livre, mas tinha que permanecer trabalhando para o senhor por determinado tempo. Essas cláusulas, no entanto, eram burladas pelos escravos que, uma vez considerados libertos, recusavam-se a cumpri-las.

O NEGRO LIBERTO. LIBERTO?

Na verdade, a libertação no Rio Grande do Sul, assim como no resto do país, não se completou. O negro permaneceu marginalizado racial e socialmente. O resto ficou restrito à individualidade ou manifestações espontâneas da comunidade negra do estado — como tentativas de organização. O jornal *O Exemplo* (1892-1930), foi durante trinta e sete anos produto dessas tentativas. Há também os clubes de lazer negros, na capital ou no interior. O Floresta Aurora, de Porto Alegre, por exemplo, tem mais de cem anos. Existem porque o negro não tem acesso aos clubes-brancos por razões econômicas (exclusão social) e pelo preconceito de cor. De qualquer maneira, representam também o desejo da comunidade permanecer próxima, unida.

NEGRARTE

A arte negra gaúcha se mantém viva em suas manifestações mais diversas: nas escolas de samba, grupos negros. Há manifestações negras na literatura e artes plásticas, áreas geralmente dominadas pelos produtos da classe dominante. Como folclore negro, existem manifestações ricas como o *macurubique* de Osório, o *quienphi* de Rio Pardo, que ainda sobrevivem. E continua existindo a religião negra: *nação* (ou batuque). Bombardeada, explorada, descharacterizada em algumas casas, mas também conservada em seu estado mais puro em outros. Finalmente, com fato mais recente, há o surgimento de grupos culturais visando uma tomada de consciência da situação do negro na sociedade brasileira. E, naturalmente, visando uma participação mais efetiva na vida nacional, que não seja apenas como mão-de-obra explorada, como uma espécie de neo-escravo. Participação, inclusive, no processo de transformação social.

1. Fazenda do Arroio
2. Fazenda Boa Vista

ATENÇÃO

ESTE DOCUMENTO

CONTINUA NA PRÓXIMA MICROFICHA